



minas
tênis clube

90

ANOS DE HISTÓRIAS



minas
tênis clube





90 ANOS DE HISTÓRIAS

1. Nota para imagens do livro:

As fotografias reproduzidas neste livro fazem parte do acervo do Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Apesar dos esforços empregados, algumas fontes de direitos autorais não foram identificadas. Caso você seja o autor de alguma das imagens e não tenha sido devidamente creditado, por favor, entre em contato conosco.

2. Nota para início dos capítulos:

As epígrafes presentes ao longo do livro, destacadas entre aspas e itálico nas cores azul, vinho, verde e laranja, têm finalidade poética e não refletem, necessariamente, a veracidade dos fatos.

Belo Horizonte

2025



Os matemáticos dizem que a estrutura geométrica mais resistente que há no mundo é o triângulo. Nós, do Minas Tênis Clube, pedimos o direito de discordar. Por nossa rica e sólida história, acreditamos que o quadrado é mais resistente. E são quatro os pilares que fundamentam o trabalho no Minas, com o objetivo de assegurar aos sócios satisfação e alegria de viver. Conectados, esporte, educação, cultura e lazer formam a força do Clube, que, a cada dia, escreve um novo capítulo na história de Minas Gerais.



Prefácio

“Porque eu sou do tamanho do que vejo e não do tamanho da minha altura.”

Fernando Pessoa

O que é mesmo um lugar?

O que define um lugar chamado Minas Tênis Clube?

Antes mesmo de pisar no Minas, pela primeira vez, ele já existia para mim — como uma espécie de território quase mítico. Tudo isso por causa do romance *O encontro marcado*, a obra-prima de Fernando Sabino que marcou gerações, na qual o clube já pontificava como um lugar de predileção do protagonista. Não um protagonista qualquer, mas um personagem que, ainda hoje, emociona os seus milhares de leitores.

Foi assim, pela literatura, que o Minas entrou na minha vida.

Mais tarde, como sócio, pude testemunhar aquilo que apenas imaginara. A ficção se fez experiência e cotidiano. Descobri que o Minas é, sim, um clube — e dos maiores e mais respeitados do Brasil —, mas é também algo maior.

O Minas é uma ideia. Uma ideia poderosa, audaciosa, que nasceu do desejo de um grupo de visionários e que se transformou, no passar de décadas, em objeto de desejo de muita gente.

O Minas é inspiração. Aqui, as boas iniciativas vingam e se frutificam, pois são movidas pela paixão e pela vontade de fazer sempre o melhor. Excelência aqui não é palavra, é missão. É o que inspira todos que fazem parte do clube.

Em sua essência, o Minas é um lugar. Um lugar de encontros e de convivência. De pertencimento. Um espaço onde se criam laços que atravessam o tempo. Um território de formação — não só de atletas, mas de cidadãos.

Refletir sobre este lugar é abrir novas portas de significado.

As quadras, as piscinas, as áreas de lazer e entretenimento, os restaurantes, os espaços culturais e as diversas unidades espalhadas pela cidade, tudo isso pode ser medido, quantificado.

No entanto, o verdadeiro tamanho das coisas, como diz o poeta português, está no horizonte onde alcança o nosso olhar, o nosso desejo. É nessa perspectiva que se abriga um sentimento maior.

Lugar é o que permanece dentro da gente, mesmo quando estamos longe. É onde a memória se ancora, e a identidade se fortalece. Este é o Minas. Um lugar onde gerações se reconhecem, onde tradições se preservam e, ao mesmo tempo, onde o futuro é constantemente imaginado.

Este livro, que celebra os 90 anos do Minas Tênis Clube, é uma homenagem a este lugar tão especial na paisagem urbana e afetiva de Belo Horizonte. Fundado quando a cidade ainda respirava a juventude de suas décadas iniciais, o Minas caminhou lado a lado com ela, acompanhando as mudanças urbanas, sociais e culturais que a transformaram nesta metrópole exuberante e plural.

Nas páginas escritas com sensibilidade e apuro por Júnia Carvalho, estão todos os ingredientes de um belo romance: enredo sedutor, personagens inesquecíveis, momentos de tensão e muitas histórias de final feliz. Afinal, este é um clube acostumado a superar adversidades e a encontrar respostas na própria história. Os campeões não são apenas os que sobem ao pódio, mas todos aqueles que cultivam o valor do aprendizado – no esporte, na educação, na cultura, na vida.

Não foi simples chegar aos 90 anos. Não será simples ir além. A tarefa de seguir adiante exige sensibilidade para compreender o tempo presente e coragem para enfrentar os anos que virão. O século 21 nos impõe desafios imensos – sociais, ambientais, éticos. O Minas, por tudo que fez até aqui, mostra-se apto a enfrentá-los com a mesma dignidade com que construiu sua trajetória de nove décadas.

Eu acredito na continuidade desta história que aprendi a admirar. O que vai levar o clube a perseverar é a certeza de cumprir um caminho inspirador. Os bons projetos aqui semeados sempre dão bons frutos.

Enquanto escrevo este prefácio, sinto que falo não apenas do clube, mas de minha história. Este é um momento de reencontro. Com o livro que li há tanto tempo. Com o jovem que um dia desejou estar aqui. Com o sócio que ainda hoje se surpreende com a força desta marca.

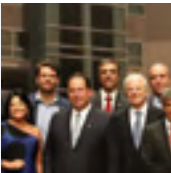
Este é o meu Minas. Um lugar que acolhe ideias, que cultiva vínculos, que forma pessoas e dialoga com a comunidade. Um lugar que pulsa no ritmo da cidade e no coração de quem o conhece.

Um lugar regido por sonhos, imaginação e muito trabalho. É isso que faz mover o mundo. É o que faz este clube ser o que é.

José Eduardo Gonçalves

Jornalista e escritor

Sumário

APRESENTAÇÃO	13	
O ESPORTE NO CORAÇÃO DO BRASIL	17	
DO JOGO AO ESPORTE	31	
ESTRATÉGIA PARA GERIR COM EXCELÊNCIA	51	
UMA CIDADE CHAMADA MINAS	75	
PÓDIO DE CAMPEÕES	89	
UM ENLACE SECULAR	133	

	O BURBURINHO DA RUA DA BAHIA	145
	LAZER NEM DE LONGE É BRINCADEIRA	155
	O PRESENTE EM SINTONIA COM O FUTURO	167
	LINHA DO TEMPO	209
	GESTÃO	211
	AGRADECIMENTOS	215
	FONTES	217
	FICHA TÉCNICA	225



Apresentação

“O que fazemos agora ecoa na eternidade.”

Marco Aurélio,
imperador romano e filósofo estoico

Qual foi a última vez que você levantou os olhos para o céu e viu o infinito? Lá em cima, entre brilhos silenciosos e distâncias incalculáveis, o tempo parece suspenso. As estrelas não trazem respostas, elas nos devolvem perguntas. Ideias profundas, memórias antigas, desejos futuros: tudo parece caber nesse espaço-tempo sem bordas. E quando o assunto é o tempo, a filosofia é inevitável.

Tempo não se vê, não se toca, mas passa. Às vezes suave como o sopro de uma brisa em um dia de sol, ou veloz como um atleta em campo. Às vezes, voa como bola cortando o ar. Escorre como água entre os dedos, senhor de si. Ecoa como uma canção que atravessa gerações sem perder a melodia. Dança em compasso próprio, ora lento, ora intenso. É pausa entre dois atos. Pode se estender preguiçoso em tardes de lazer. Brincar de esconde-esconde, desaparecendo nos instantes mais simples. Ou se espalhar como uma risada em roda de amigos. Professor silencioso, planta-se como uma semente que faz florescer o saber.

“Desejo apenas que você tenha muitos desejos, desejos grandes. E que eles possam mover você a cada minuto ao rumo da sua felicidade”, já disse Carlos Drummond de Andrade.

O tempo não é só o que passa: é o que nos move. O relógio emblemático do prédio do Minas é testemunha silenciosa dessa passagem. Marca décadas, guarda memórias, acompanha gerações. Cada segundo conta histórias de esforço e superação, de arte e memória, de convivência e aprendizado.

Fundado em 1935 a partir de uma visão ousada, o Minas Tênis Clube nasceu como espaço para a prática esportiva. Mas, com o passar do tempo, tornou-se lar, palco, sala de aula, ponto de encontro, território de sonhos e conquistas.

Cresceu com a cidade e ajudou a moldar a paisagem afetiva de Belo Horizonte. O então Clube da rua da Bahia, o nosso Minas I, multiplicou-se e vieram o Minas II, o Minas Country e o Minas Náutico.

Ao longo de nove décadas, construiu um legado que combina tradição e vanguarda. Agora, celebramos seus 90 anos com eventos memoráveis, entregas

estruturantes, projetos transformadores, com muito orgulho e um olhar firme para o futuro.

Do lançamento do *Plano Diretor do Minas II* à criação do Instituto Minas Tênis Solidário; das ações culturais que romperam os muros do Clube e se espalharam pela cidade, como o “Minas na Praça”, o “Minas na Rua” e a inauguração da Casa Rosada, às celebrações esportivas que reafirmaram nossa excelência; dos grandes espetáculos aos encontros cotidianos que fazem do Minas um verdadeiro mundo – cada iniciativa foi um capítulo vivo desta comemoração.

Nosso DNA inovador segue pulsando forte. Avançamos no digital, reinventamos serviços, estabelecemos novas formas de relacionamento com nossos sócios e com a comunidade. Ouvimos cada um com respeito, valorizando cada vez mais o Minas como patrimônio sociocultural e econômico.

A sustentabilidade socioambiental é o fio que costura cada um de nossos quatro pilares. É o que transforma propósito em ação, e cuidado em legado. Reafirma nossa vocação de cultivar uma cidade mais saudável, mais feliz, mais integrada, mais acolhedora.

Nosso jeito de ser mineiro e viver nossas tradições faz com que Minas Gerais conheça o Minas e reconheça sua importância na vida e para o futuro de tantas pessoas.

Celebrar 90 anos é honrar o passado com gratidão, viver intensamente o presente e planejar, com inovação e criatividade, o amanhã, digital, conectado, interligado, integrado, que desafia limites.

Um livro aberto e página em branco: memórias e possibilidades

Este livro é a síntese simbólica de tudo isso. Uma cronologia de fatos? Sim, mas também uma homenagem às pessoas que fizeram e fazem o Minas acontecer todos os dias.



É impossível contemplar uma foto, um troféu, um objeto ou um simples espaço no Clube sem trazer uma narrativa viva, repleta de momentos marcantes.

Somos feitos de esporte, de cultura, de lazer, de educação. Somos feitos de histórias, milhares delas, entrelaçadas em um único livro vivo que continua a ser escrito, dia após dia, por cada geração de sócios, funcionários, atletas, parceiros, patrocinadores, fornecedores, fãs, seguidores e amigos que passam por nossas quadras, piscinas, palcos, salas e corredores.

Cada relato contado aqui é parte da trama que nos trouxe até este momento: 90 anos de histórias.

É também um convite para olhar para o futuro, porque o Minas não envelhece: ele se renova, se reinventa, amadurece, cresce, se projeta. Sua grandeza está na colaboração máxima de todos aqueles que dele participam.

Esta obra fecha com chave de ouro um ciclo comemorativo. Que as palavras aqui escritas renovem o amor por pertencer a essa grande instituição. Que inspirem novos sonhos. E que, daqui a 90 anos, outros possam sentir o mesmo que sentimos hoje: profunda gratidão, orgulho e entusiasmo.

Ao olhar para as estrelas, escolhemos deixar nossa marca no tempo. Com vocês, o nosso protagonista: Minas Tênis Clube.

Carlos Henrique Martins Teixeira
Presidente do Minas Tênis Clube

Capítulo 1

O ESPORTE NO CORAÇÃO DO BRASIL

No final dos anos 1920, o Brasil ainda despertava da ressaca de um mar revolto: o rastro deixado pela Primeira Guerra Mundial. Entre 1914 e 1918, o conflito ceifou cerca de 17 milhões de vidas entre militares e civis e, embora a participação brasileira tenha sido limitada ao apoio à Tríplice Entente após os ataques de submarinos alemães a navios nacionais em 1917, os impactos internacionais repercutiram de forma profunda na economia e na política internas.

A guerra na Europa desmoronou impérios, redesenhou fronteiras e desencadeou crises econômicas globais, agravadas pelo Tratado de Versalhes, que redefiniu a ordem geopolítica e impôs pesadas reparações à Alemanha. Esse cenário de incerteza cruzou o Atlântico. Enquanto o continente europeu lidava com a devastação, o Brasil enfrentava, entre 1918 e 1919, a gripe espanhola, responsável por milhares de mortes. Paralelamente, surgiram novas oportunidades econômicas: a redução das importações de produtos manufaturados durante o conflito fortaleceu a produção nacional e deu impulso à industrialização. A expansão das fábricas, apoiada pelo governo e pela crescente presença feminina no trabalho urbano, sinalizava uma economia em transformação, alinhada às tendências globais de modernização.

Apesar de distante dos campos de batalha, o Brasil começava a sentir a turbulência financeira internacional, que culminaria na quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. Esse evento precipitou uma forte retração econômica e reforçou a necessidade de um Estado mais ativo, capaz de regular e fomentar o crescimento industrial.

Confrontado por essas múltiplas pressões, o Estado brasileiro passou a exercer um papel central. A década de 1930 foi marcada por uma crescente intervenção na vida econômica e social, com políticas voltadas à modernização do território, à proteção da indústria nacional e à construção de uma identidade coletiva.



▲
Sede Social do Minas Tênis Clube, em 1940.
Foto: Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

A história do Minas Tênis Clube tem seu marco inicial nos anos 1930, época em que o Brasil viveu o movimento decisivo de uma série de revoluções e movimentos armados que, entre 1920 e 1964, objetivavam romper com a velha ordem social oligárquica. Esse período corresponde ao início da Revolução Industrial do Brasil, no qual o Estado desempenhou um papel estimulador e protetor do seu desenvolvimento. O Estado deixou de ser, naquele momento, um Estado liberal e se tornou um Estado autoritário ou antiliberal. – Rodrigues, 1996, p. 46.

Minas Tênis Clube, com o bairro Lourdes ►
ao fundo, na década de 1950. **Foto:** Acervo
do Centro de Memória Minas Tênis Clube





◀ Presidente Getúlio Vargas (*sentado à direita, de terno escuro*) em visita ao Minas Tênis Clube, em 1938. Ao seu lado, Benedito Valadares (*de chapéu*), interventor de Minas Gerais. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Nesse contexto, o esporte emergiu como um agente estratégico de mudança cultural. Tornou-se um símbolo de disciplina, saúde, progresso e integração nacional, refletindo o desejo de formar cidadãos modernos e produtivos, alinhados ao projeto de um Brasil industrializado e soberano. Não por acaso, o esporte conquistou um lugar especial no coração do país.

O presidente

Getúlio Vargas ajeitou-se na cadeira. Pela janela do gabinete no Palácio Piratini, em Porto Alegre, o governador do Rio Grande do Sul fixou os olhos no Theatro São Pedro, do outro lado da Praça da Matriz. Seus pensamentos refletiam a pressão característica dos momentos em que se torna necessário tomar decisões sérias. No entanto, como grande articulador da Revolução de 1930, que estava em curso, ele não tinha dúvidas sobre o que fazer.



O capitalismo atravessava uma crise mundial, agravada pela quebra da Bolsa de Valores de Nova York em 1929. Para Getúlio Dornelles Vargas e seus aliados, a modernização da economia brasileira era urgente e exigia a intervenção do Estado. O governo estava preocupado com a implantação de parques industriais que promovessem autonomia e autossuficiência dos negócios do país.

O governo oligárquico do presidente Washington Luís, último representante da República Velha, assumiu o poder em 1926, defendendo o modelo econômico agroexportador. Sua administração foi marcada pelo favorecimento das elites agrárias de São Paulo e Minas Gerais, além da repressão à oposição, gerando forte descontentamento entre militares, classe média e trabalhadores.

O contexto interno do país, agravado pelos impactos da crise de 1929, levou Washington Luís a lançar seu conterrâneo paulista, Júlio Prestes, como candidato às eleições presidenciais que se aproximavam.

A tensão pairava em todo o território, com revolta entre as oligarquias de Minas Gerais, do Rio Grande do Sul e da Paraíba. Insatisfeitas, essas forças formaram a Aliança Liberal, liderada por Vargas, governador gaúcho e fazendeiro. Apesar disso, Júlio Prestes venceu as eleições, em um clima de desconfiança e apreensão.

O assassinato de João Pessoa, candidato paraibano a vice-presidente pela Aliança Liberal, ocorrido em Recife por motivos pessoais, agravou a crise e constituiu um dos estopins do Movimento de 1930, intensificando a revolta contra a elite política dominante.

Após neutralizar focos de resistência pelo país, a Aliança Liberal, com apoio militar, articulou a derrubada do governo. Em 3 de novembro de 1930, Vargas assumiu a presidência no Palácio do Catete, no Rio de Janeiro, iniciando um governo que duraria 15 anos ininterruptos.

O interventor

Benedito Valadares pousou a xícara vazia sobre o pires de louça. Sim, aquele era um excelente café local. Pará de Minas, sua cidade natal, crescia a olhos vistos com a presença de colonos imigrantes que trabalhavam nas fazendas de milho, feijão, açúcar e, especialmente, de café. Com a crescente urbanização, o município ganhara uma nova estrada, o que atraiu empreendedores para instalar pequenas indústrias ligadas à agricultura. O prefeito, cheio de orgulho, pensou nos benefícios para sua cidade quando o telefone, novidade limitada ao seu gabinete, tocou. Do outro lado da linha, após um tempo que lhe pareceu uma eternidade, ouviu a notícia: ele era o novo interventor de Minas Gerais, nomeado pelo presidente Vargas.



Casado com Nair, irmã de dona Darcy Vargas, esposa de Getúlio Vargas, Benedito Valadares Ribeiro compartilhava laços familiares com o presidente, além

O intervencionismo estatal fazia parte necessária do sistema de garantias para o funcionamento e o florescimento da empresa privada nacional e multinacional. Trata-se de diminuir ou controlar os riscos políticos que poderiam ameaçar os investimentos privados de origem interna ou externa. – Ianni, 1975, *apud* Rodrigues, 1996, p. 273.



▲
Obras de construção do Parque Santo Antônio, em 1937. **Foto:** Câncio de Oliveira

de convicções políticas. Sua indicação como interventor não surpreendeu, dado seu apoio durante a Revolução de 1930. Figura proeminente na política mineira, Valadares manteve essa aliança durante todo o governo Vargas, implementando seus ideais em Minas Gerais.

Ao assumir a presidência, Vargas substituiu os governadores eleitos por interventores, centralizando o poder e assegurando maior controle federal sobre os Estados. Valadares tomou posse em 14 de novembro de 1930, e sua nomeação foi parte estratégica da unificação dos interesses em Minas Gerais, um importante reduto político e polo financeiro do Brasil. Suas decisões, sempre alinhadas às diretrizes federais, foram cruciais para as políticas públicas e reformas sociais. Até 1934, quando se tornou o primeiro governador eleito após a nova *Constituição*, seu papel foi essencial nos primeiros anos pós-Revolução.

Como governador, Valadares manteve um perfil reformista, promovendo a modernização de Minas Gerais com políticas voltadas para infraestrutura e desenvolvimento econômico. Foi com esse propósito que recebeu a visita do prefeito de Belo Horizonte, Otacílio Negrão de Lima, para discutir o projeto do Parque Santo Antônio.

A primeira-dama

Dona Geni acabara de organizar as flores na jarra de cristal e sentou-se na bergère estampada com dalias vermelhas para ler as últimas edições das revistas cariocas O Cruzeiro e Vida Doméstica. Esta última era editada pela escritora Júlia Lopes de Almeida. Mas foi a revista norte-americana, recém-entregue pelos Correios em sua casa, na avenida Bias Fortes, que lhe chamou a atenção. Ao folhear página por página, encontrou, sem querer, a solução para o problema que há dias atormentava seu marido, o prefeito de Belo Horizonte, Negrão de Lima.



◄ Minas Tênis Clube recém-inaugurado, visto da confluência das ruas Espírito Santo e Antônio de Albuquerque, no final da década de 1930. **Foto:** Bruno Roberto Martins da Costa

Feliz da vida, esperou o jantar para compartilhar a ideia que, de um sonho, virou realidade.

Próximo ao Palácio da Liberdade, residência do interventor Valadares, havia um brejo conhecido como Buracão, localizado entre as ruas Emboabas (atual rua Professor Antônio Aleixo), da Bahia, Antônio de Albuquerque e Espírito Santo. Repleto de lama e mosquitos, o local apresentava condições precárias, apesar de situar-se nas imediações do palácio e de residências abastadas. Inicialmente, havia a intenção de construir ali um zoológico, mas o projeto foi abandonado durante a construção da nova capital mineira. A insalubridade do espaço preocupava o prefeito, e a solução surgiu após uma leitura de dona Geni. Ela soube que, nos Estados Unidos, um local semelhante havia sido transformado em um clube recreativo de grande beleza. Naquela época, a valorização das práticas esportivas e dos exercícios físicos ganhava força, incentivando a criação de praças de esportes. A sugestão de dona Geni foi música para os ouvidos do prefeito Negrão de Lima.

Entusiasmado com a ideia, ele procurou o interventor Valadares e ambos acordaram que o Buracão seria transformado em um clube esportivo destinado à recreação pública. Assim, juntamente com a Barragem da Pampulha, o prédio da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte e o viaduto da Floresta – entre outras obras que modernizaram e organizaram a vida na cidade –, Negrão de Lima deu início à construção do parque aquático. Criado como logradouro público e inicialmente chamado de Parque Santo Antônio, o espaço rapidamente se transformaria no Minas Tênis Clube.

O Parque Santo Antônio

Carmen Miranda ajeitou na cabeça o turbante de frutas tropicais – sua marca registrada – e retocou o batom vermelho. Estava quase na hora do programa na Rádio Nacional, no Rio de Janeiro, onde

Era o Buracão, mas a gente descia ali, depois voltava para casa e apanhava, porque chegava imundo e tinha que tomar banho de banheira. – Orlando Vieira, conselheiro e diretor do Minas Tênis Clube (depoimento de 1994).



▲
Aula de ginástica do professor Antônio Mendes Macedo no Parque Municipal, no final da década de 1930. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

sua carreira decolaria. A década de 1930 prometia torná-la um ícone da cultura brasileira. A cantora, atriz e dançarina acabara de gravar o sucesso ‘Pra você gostar de mim’, do médico e compositor Joubert de Carvalho, que virou hit em todo o país. Sentiu a energia contagiante que a caracterizava tomar conta de seu corpo. O contato com o público era uma de suas maiores alegrias, mas o rádio levava sua voz a todos os cantos, até mesmo aos que ela não conhecia. Sem saber, a artista se preparava para assumir um importante papel: o de embaixadora da música brasileira em todo o mundo, principalmente nos Estados Unidos, que tanta influência vinha exercendo sobre o destino dos brasileiros.



Desde a Primeira Guerra Mundial, a influência estadunidense crescia no Brasil, com o país tornando-se parceiro comercial importante na compra de café e borracha e no fornecimento de produtos manufaturados. Empresas como Ford e General Motors investiam em infraestrutura, especialmente nos setores de transporte e energia.

Na década de 1930, o presidente Franklin Roosevelt implantou a chamada Política da Boa Vizinhança, uma estratégia para fortalecer as ligações dos Estados Unidos com os países sul-americanos, envolvendo cooperações militares e diplomáticas. Essa política foi crucial durante a Segunda Guerra Mundial, quando o Brasil se tornou um aliado estratégico, abrindo espaço, entre outras medidas, para a instalação de bases militares no Nordeste.

A cultura estadunidense era muito admirada pelos brasileiros. Suas ideias chegavam ao país por meio do cinema, da música, da moda e dos hábitos de consumo, influenciando também o esporte – tanto nas modalidades esportivas praticadas quanto no estilo arquitetônico dos clubes recreativos.

Inspirado por essa tendência, Negrão de Lima decidiu urbanizar o Buracão, a fim de torná-lo um lugar aprazível. Isso atendia às exigências da vida moderna, voltada à prática de esportes e ao embelezamento de uma região nobre da capital de Minas Gerais. O local ofereceria ao cidadão uma piscina olímpica – a primeira

Posso garantir que não havia outro interessado naquela época. Belo Horizonte era muito pequena, não tinha nem condições para isso. Tanto é que o Otacílio procurou muito arranjar um clube, algo já formado, e nós tínhamos isso. – Evaldo Tavares, filho de Necésio Tavares, um dos fundadores do Minas Tênis Clube (depoimento de 1995).

Disputa de vôlei na quadra do bairro Serra, em 1935. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube ▶

da cidade – a ser arrendada para um proponente que arcasse com os custos da construção, cuidasse de sua manutenção e ainda realizasse outros melhoramentos. Foi assim que as obras do Parque Santo Antônio começaram, com as bênçãos de Vargas, Valadares e Negrão de Lima.

Os esportistas

Necésio Tavares deu a ordem para que sua casa, localizada na rua Cláudio Manuel, esquina com a rua Maranhão, também fosse equipada com um campo de vôlei. Agora os encontros seriam diários; todo fim de tarde, a turma podia se reunir para compartilhar algo mais do que a ginástica sueca no Clube do Necésio, como o local passou a ser chamado. Espaço não faltava, pois a moradia ocupava mais de um lote. A vontade era grande, e um grupo numeroso de amigos e vizinhos estava disposto a colaborar. Mas o clube não podia ser só dele, pensou. Então, veio a ideia: que tal o nome Serra Tênis Clube?



Na década de 1930, o futebol já era considerado um esporte profissional no Brasil, com times e clubes organizados. Outras modalidades esportivas, como corridas, ciclismo, tênis, natação e basquete, ainda eram pouco popularizadas. No bairro Serra, em Belo Horizonte, a jovem capital mineira com pouco mais de três décadas de existência, duas iniciativas paralelas tiveram importante atuação em defesa do Esporte Especializado Amador e, principalmente, na fundação do Minas Tênis Clube.

De um lado, estava o grupo liderado por Waldomiro Salles Pereira, então com 23 anos, que jogara tênis em outros estados e conhecia o conforto oferecido por vários clubes aos praticantes dessa modalidade. Isso fez com que o jovem atleta ambicionasse





▲
Cerimonial de inauguração da Praça de Esportes, em 1937. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

fundar o Belo Horizonte Tênis Clube, com pelo menos dez quadras para uso recreativo. Contudo, como o futebol reinava absoluto entre os esportes, ele achou por bem colher assinaturas de adesão à proposta, antes de lançar as cotas.

No outro lado, surgia a figura do advogado Necésio Tavares, que construíra a primeira quadra de vôlei da cidade na chácara do sogro, Cícero Ferreira, fincando as raízes do Serra Tênis Clube. A agremiação foi fundada em 1933, segundo a ata, e seu sócio número um e primeiro presidente foi o próprio Necésio. As orientações para essa obra vieram de Renato Eloy Andrade, técnico organizador do Curso de Educação Física do Estado, que havia chegado recentemente do Rio de Janeiro. Ele era especialista em basquete e criador da primeira equipe mista de vôlei em Minas Gerais.

A parceria entre Necésio Tavares, Ivan, Ary, Cícero e Lauro Ferreira, juntamente com seus vizinhos e amigos, deu origem ao Clube do Necésio, que, em pouco tempo, tornou-se o Serra Tênis Clube. Esse crescimento impulsionou a construção de algumas instalações e a ampliação do número de modalidades esportivas praticadas pelos 300 sócios existentes, entre eles José Mendes Júnior, Álvaro Mendonça, Esmeraldo Borges, Desembargador Walfrido Andrade, Gamaliel Soares, Adalberto Veloso, Victório Marçola, Augusto Couto e Ary Viotti. Embora cada sócio-fundador tenha contribuído com um conto de réis, dividido em dez parcelas, o montante arrecadado foi insuficiente para os custos de manutenção, o que deixou o clube inativo temporariamente.

Quando Waldomiro soube da iniciativa de Necésio Tavares, foi procurá-lo para discutir as dificuldades de fundação e manutenção de dois clubes especializados naquela época. A partir daí, decidiram trabalhar juntos pelo mesmo ideal e fundiram os dois grupos no Serra Tênis Clube, partindo em busca de um espaço que abrigasse a nova agremiação. Estava aberto o caminho, e chegar ao prefeito Negrão de Lima, que já iniciara a construção da piscina pública do Parque Santo Antônio, não exigiu grandes esforços.

Formou-se uma comissão de elite para visitar o prefeito, que, naquela época, buscava um parceiro interessado em assumir a gestão e as despesas do empreendimento público. Imediatamente, o prefeito concordou em arrendar a área para o novo clube, depois da conclusão das obras de construção da piscina e das quadras esportivas, desde que o nome do clube fosse alterado para Minas Tênis Clube e a escolha

O prefeito teve a gentileza de receber uma comissão nossa, em noite memorável, em sua residência, na avenida Bias Fortes, e, após tomar conhecimento de nossa aspiração, concordou em arrendar a área para o nosso Clube, após a conclusão da piscina e das quadras esportivas. – Waldomiro Salles Pereira, sócio-fundador do Minas Tênis Clube (depoimento de 1994).

dos futuros presidentes fosse feita pelo governador. Assim nasceu o Minas Tênis Clube, possivelmente uma das primeiras Parcerias Público-Privadas (PPP) de Minas Gerais. Necésio Tavares foi seu primeiro presidente, de 1935 a 1936, até o Estado investir recursos e nomear Ovídio Xavier de Abreu, secretário de Finanças do Estado e influente junto ao governador Valadares, que ficou pouco tempo no cargo. Os sócios-fundadores deram os primeiros passos para organizar o Clube, tanto na gestão administrativa quanto na captação de recursos e na formação do patrimônio inicial da entidade.

A inauguração

O prefeito de Belo Horizonte, Negrão de Lima, ficou inquieto. A ideia para ocupar o espaço anteriormente conhecido como Buracão era genial, mas as obras estavam onerando os cofres públicos inesperadamente. Apesar da contribuição do clube parceiro, ele não via outra solução senão recorrer aos recursos do Estado. Pensando melhor, Negrão de Lima sacudiu a cabeça em sinal de contentamento. A Prefeitura, em sintonia com o governo estadual, era praticamente uma coisa só, e não haveria objeção de Valadares, que tinha o máximo interesse em que o empreendimento desse certo. Afinal, por trás de tudo estava o poderoso presidente Vargas.

Quando as verbas municipais e os 300 contos de réis aportados pelos sócios-fundadores acabaram, o governo de Minas Gerais entrou com o restante do dinheiro que a construção do Clube exigia. As obras incluíam: o cercamento com gradis e alamedas de fícus; rampas gramadas e ajardinadas; *playground* para 700 crianças; três quadras de tênis; dois campos de basquete e dois de vôlei; iluminação; vestiários com banheiros específicos para crianças, homens e mulheres; piscina olímpica; trampolim de dez metros de altura; um consultório médico e o famoso Prédio do Relógio, que se tornou um ícone da capital.



▲
Primeira diretoria do Minas Tênis Clube, em 1937. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



◀ Inauguração da Praça de Esportes do Minas Tênis Clube, em 1937. Na foto, Benedito Valadares (ao centro), interventor de Minas Gerais, ao lado de sua esposa, Odete Valadares. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



▲
Maria Lenk (à esquerda) e Piedade Coutinho, nadadoras do Minas Tênis Clube, durante a cerimônia de inauguração da Praça de Esportes, em 1937. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Na época da inauguração do Minas Tênis Clube, eu me lembro de que nadei os primeiros 50 metros da minha vida; nadei pensando que ia me afogar numa piscina daquele tamanho, porque a turma do Atlético formou as letras MTC, do Minas Tênis Clube, na água. Estávamos incentivados pelo entusiasmo, pois a maioria não sabia nadar direito, mas fizemos essa loucura de nadar numa piscina tão funda. A água era muito clara, e a gente enxergava o fundo, porque ela era toda iluminada por dentro e por fora. – Sânzio Valle Mendes, atleta nadador, diretor do Minas Tênis Clube em várias gestões e presidente do Clube no período de 1983 a 1987 (depoimento de 1994).

O Contrato de Arrendamento do Clube, firmado entre a Prefeitura de Belo Horizonte e o Minas Tênis Clube, foi assinado no dia 7 de janeiro de 1937, com prazo de duração de 25 anos, podendo ser prorrogado. O valor a ser pago mensalmente aos cofres municipais era de dois contos de réis.

Além disso, havia algumas condições que precisavam ser cumpridas pela entidade. Entre elas, estava a prerrogativa inegociável de jamais fugir ao propósito combinado: manter permanentemente a prática esportiva, bem como investir na educação esportiva infantil e no atendimento médico ao público e aos associados. Outra condição era a cessão de todas as construções, acréscimos e instalações feitas pelo locatário ao domínio da Prefeitura, com aprovação e fiscalização municipal, sem haver qualquer compensação ou indenização pelas benfeitorias.

Acertadas as condições que garantiram a finalização das obras, chegava a hora da inauguração, anunciada com grande alarde na mídia da época. Nas semanas anteriores aos dias 27 e 28 de novembro de 1937, o Parque Santo Antônio – parte pública do Clube – ganhou destaque em todos os jornais da cidade. Por ser considerado o maior parque esportivo do Brasil e da América do Sul, sua inauguração exigiu um planejamento tão grandioso quanto os elogios que abundavam nos folhetins. O evento foi precedido por visitas de uma comissão composta por Necésio Tavares, Adalberto Veloso de Carvalho e Alberto Loyola às repartições públicas, com a intenção de reforçar o convite para o evento.

Pouco antes da inauguração, Valadares, atendendo ao desejo de Vargas, nomeou o terceiro presidente do Minas Tênis Clube. O nomeado, major Ernesto Dornelles, elevaria o esporte amador mineiro a altos patamares de reconhecimento e de conquistas. Chegando a Belo Horizonte como Chefe da Missão de Instrução da Polícia, Dornelles era sobrinho de Vargas e concunhado de Valadares. Considerado um dos mais queridos e elogiados presidentes do Clube, amava esportes, em especial o amadorista, e investiu muito na formação pessoal de cada atleta. Para a festa de inauguração, ele determinou a organização de competições que reunissem os maiores nomes nacionais de basquete, vôlei, tênis, natação e educação física infantil.

Belo Horizonte parou para assistir à abertura da Piscina Olímpica do Minas Tênis Clube, realizada com a presença das nadadoras Piedade Coutinho, Cármen Dias,

Maria Lenk e Sieglinda Lenk. Elas foram convidadas também com a intenção de atrair as mulheres para o esporte, o que era uma novidade na época. A inauguração do Parque Infantil contou também com uma demonstração de atividade física.

Como representantes do basquete, estavam presentes jogadores convidados do Palestra Itália, de São Paulo, e do Riachuelo S.C., do Rio de Janeiro, para enfrentar os times do América e da Associação Atlética Aviação, ambos de Belo Horizonte. No vôlei, o convidado era o Copacabana S.C., que jogou contra o time do Minas Tênis Clube, composto por Necésio Tavares. No tênis, o adversário, o Fluminense S.C., do Rio de Janeiro, foi ainda mais desafiado, pois a disputa envolvia a recém-criada Taça de Belo Horizonte.

As autoridades não paravam de chegar, e o público se acotovelava para ver tantos atletas campeões e personalidades importantes. O interventor Valadares e o prefeito Negrão de Lima receberam diplomas de sócios beneméritos do Clube, entregues diretamente por Dornelles. Depois da festa, iniciava-se o tempo de cumprir muitas promessas.



▲
Primeira equipe de vôlei feminino do Minas Tênis Clube, em 1938. Da esquerda para a direita: Maria de Lourdes Pedercini, Dora, Célia Pedercini, Hallyette, Tereza Bueno e Janete. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Parque Infantil do Minas Tênis Clube, em dezembro de 1937. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube
▼



Capítulo 2

DO JOGO AO ESPORTE

O esporte chegou ao Brasil por meio dos clubes, trazido por imigrantes europeus que, ao longo do tempo, fundaram sociedades dedicadas ao lazer e à prática esportiva. Essas associações voluntárias marcaram o início das primeiras instituições recreativas no país.

Esse movimento de formação dos clubes se insere em um contexto histórico mais amplo: enquanto, em períodos anteriores, o jogo ocupava lugar central em rituais religiosos e atividades guerreiras, a Revolução Industrial europeia dos séculos XVIII e XIX já havia ressignificado essas práticas, consolidando o esporte moderno como uma atividade institucionalizada, pautada por regras que colocaram a supremacia do corpo no centro do resultado, baseadas no rendimento, no *status* e na competição.

Esse conceito moderno de esporte foi propagado pelo mundo ocidental, tanto em sociedades capitalistas quanto socialistas, impulsionando a formação de clubes amadores junto à burguesia e a criação de associações esportivas profissionais entre os trabalhadores. Também os clubes brasileiros, inspirados por esse novo modelo, passaram a incorporar e difundir essa concepção reformulada de jogo, sem, entretanto, deixar de lado seu aspecto lúdico.

As primeiras organizações, no país, nasceram de grupos de elite no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Região Sul. Uma das primeiras foi a Sociedade Góri, que se tornou o Sport Club Germânia e, hoje, é conhecida como Esporte Clube Pinheiros. Fundado em 7 de setembro de 1899, o clube foi criado para possibilitar o intercâmbio social por meio de jogos e de leitura e, atualmente, é considerado o mais antigo do Brasil em funcionamento.

Já a primeira academia brasileira criada para formar professores na prática esportiva foi a Escola de Educação Física do Exército, fundada em 1933. Contudo, desde 1931, a atividade, centrada sobretudo no esporte, já havia se tornado obrigatória nas escolas do território nacional para alunos de até 18 anos. Embora as moças realizassem

Inauguração da Praça de Esporte do Minas Tênis Clube, em 1937. *Ao centro:* José Narcísio Machado Coelho. *Ao fundo:* Álvaro Mendonça, Esmeraldo Augusto Borges, desembargador Walfrido Andrade, Otacílio Negrão de Lima e Ernesto Dornelles, então presidente do Minas Tênis Clube. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



▲ Partida de tênis na quadra do Minas Tênis Clube, em 1945. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



◀ Atletas da equipe feminina de vôlei desfilam com a bandeira do Minas Tênis Clube, na década de 1950. *Da esquerda para a direita, à frente:* Marta Miraglia e Marília Viotti; *ao fundo:* Clélia Miraglia, Heloisa Rocha (Helô), Lurdinha, Jane Augusta Vieira e Waldete. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

mais os trabalhos manuais e os rapazes jogassem mais bola, a determinação legal veio acompanhada da necessidade de ampliar o número de escolas civis de formação de professores de Educação Física. Em complemento às iniciativas militares, a crescente demanda por formação docente civil levou à criação da Escola Nacional de Educação Física e Desportos da Universidade do Brasil, primeira instituição com caráter civil do país. A escola foi criada por meio do Decreto-Lei 1.212, de 17 de abril de 1939, sancionado pelo presidente Vargas, e seu currículo permaneceu vigente até a década de 1960. O projeto de uma nação, em que prevalecesse a máxima *mens sana in corpore sano* (“corpos sãos refletem mentes sãs”), precisava se consolidar por meio de um esforço governamental.

Gustavo Capanema, fiel escudeiro de Vargas e ministro da Educação de 1934 a 1945, era um forte defensor dessa tese e, em sua gestão, a educação física teve grande destaque. Seu trabalho estava orientado para a reconstrução nacional, usando a modernidade como base. Para isso, ele promovia a cultura e a educação, e via o esporte como uma ferramenta essencial para formar jovens para trabalhar e defender o país.

Considerado um modelo de organização esportiva alinhado a esse propósito, o Minas Tênis Clube foi transformado em Praça de Esportes Minas Gerais, por meio do Decreto-Lei 150, de âmbito estadual, instituído em 24 de dezembro de 1938. Isso facilitou o recebimento de recursos públicos e permitiu a conclusão das obras iniciadas. O Clube foi referência para a criação de várias praças de esportes implantadas pelo governo, tanto que, em 1943, o Estado criou a Diretoria Geral das Praças de Esportes de Minas Gerais, que, em 1946, passou a se chamar Diretoria de Esportes de Minas Gerais (DEMG). Nessa diretoria, um dos dirigentes era o presidente em exercício do Clube, sempre indicado pelo governador. Essa prática prevaleceu até 1980. O decreto previa também que a instituição mantivesse uma escola destinada à formação de monitores para o ensino e treinamento de exercícios físicos e de esportes, auxiliando na difusão dessas práticas em todo o Estado.

Naqueles anos, o Clube também passou a oferecer cursos voltados à formação de especialistas esportivos e, para isso, manteve em suas dependências monitores que, em sua maioria, vinham do Exército. Quando os primeiros cursos de esporte foram abertos aos associados, em especial o de formação de técnicos de natação, o interesse maior

ficou por conta de damas da alta sociedade de Belo Horizonte, então consideradas pouco aptas para o trabalho árduo à beira da piscina. A sugestão para contornar o problema – é importante lembrar que, no início da década de 1940, as mulheres não podiam usar maiôs na presença de homens – veio do major Ernesto Dornelles. A ideia dele foi formar alunos preferencialmente militares da Polícia (oficiais, sargentos, cabos e soldados) para difundir a natação em outros clubes, praças de esportes e colégios da cidade. O major foi reconhecido como um ativista entusiasmado do esporte durante os seis anos em que esteve à frente do Clube, o que lhe garantiu a eterna admiração dos minastenistas de coração.

Enquanto o esporte se fortalecia como área de conhecimento e de exaltação do corpo e da saúde, o país, que se mantivera neutro desde o início da Segunda Guerra Mundial, iniciada em 1939, declarou guerra à Alemanha em agosto de 1942, após o ataque aos navios mercantes brasileiros por submarinos do Eixo. Essa participação levou a Força Expedicionária Brasileira (FEB) a lutar lado a lado com os Aliados na Itália, em 1944. Essa experiência contribuiu para intensificar a exigência do fim da chamada Ditadura Vargas, que terminou com a deposição do presidente em 1945.

O major

Como de costume, Dornelles acordou cedo. Mas aquele dia 29 de novembro de 1937 acrescentou o gosto da vitória ao mate com torrada daquela manhã. O Parque Santo Antônio fora inaugurado na véspera, e a missão mais urgente estava cumprida. Agora cabia a ele, como próximo presidente do Minas, impulsionar o crescimento do Clube, investindo em esporte e lazer. Olhou-se no espelho firmemente, certo de que faria valer o orgulho de filho de São Borja, no Rio Grande do Sul, primeiro dos Sete Povos das Missões da Companhia de Jesus: – Bah, homem, tu sabes o caminho, é chegada a hora da verdadeira peleia.

O objetivo primeiro da legislação desportiva daqueles dias era preparar os brasileiros culturalmente para representarem o país, criando um ambiente propício ao aprimoramento de uma cultura desportiva nacional, dando uma consistência que representasse o brasileiro. – Manhães, 1986, p. 59-60.



▲ Ernesto Dornelles, presidente do Minas Tênis Clube (1937-1942), discursa durante a cerimônia de inauguração da Praça de Esportes do Clube, em 1937. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

O major Ernesto, como era conhecido, era o homem forte do governo. Chegou a Belo Horizonte como chefe da Missão de Instrução da Polícia e, pouco depois, assumiu um posto equivalente ao de um atual secretário de segurança do Estado. Sua ligação com Vargas e Valadares garantiu-lhe o cargo público bem como o aval para a indicação como terceiro presidente do Minas Tênis Clube, feita pelo então vice-presidente José Mendes Júnior. Dornelles era amante do esporte, além de ótimo atirador e jogador de vôlei. Para o governo, sua presença parecia a melhor alternativa para consolidar o plano de criar ali um grande centro de esporte, cultura, educação e lazer.

Dornelles abriu as portas para que os esportes oferecidos aos associados desde a fundação se consolidassem e se desenvolvessem. Foi assim que, além da natação, ginástica de solo, vôlei, basquete, judô, tênis, atletismo, esgrima, saltos ornamentais em piscina e tiro ao alvo, tiveram lugar, mais tarde, o balé aquático, o halterofilismo, o futebol de salão, o polo aquático, a ginástica olímpica e os esportes recreativos. Foi em sua gestão que se criou o Departamento de Educação Física Feminina.

Em 24 de fevereiro de 1939, Dornelles participou ativamente da rescisão do contrato de arrendamento da área, até então propriedade estatal (Decreto-Lei 150/1938), o que deu margem para que o Minas Tênis Clube adquirisse o terreno por usucapião.

Pouco depois, em 1940, o Clube recebeu o presidente Vargas para a inauguração da Sede Social. Projetada pelo arquiteto Raffaello Berti, a obra seguia as características do *art déco* – mesmo estilo do Prédio do Relógio, de autoria do arquiteto Romeo de Paoli, inaugurado poucos anos antes. Essa construção concluiu os equipamentos e espaços projetados para o Clube naquele momento.

A nova Sede Social trouxe sofisticação ao Minas Tênis Clube. Seu amplo Salão de Festas foi palco de muitos bailes de gala, onde jovens da alta sociedade belo-horizontina se encontravam para dançar nas *soirées* de sábado. O prédio, localizado na esquina da rua da Bahia e da rua Emboabas (atual rua Professor Antônio Aleixo), transformou o Clube em um local privilegiado para atividades socioculturais, acompanhando o crescimento da capital. Sua importância inspirou o estilo arquitetônico de outras edificações da cidade, como o Museu do Telefone, o Colégio Santo Agostinho, a Prefeitura Municipal e o Palácio Arquiepiscopal. Com a relevância

do Clube e a identificação com o logradouro, consolidou-se ali a expressão que designou o Minas Tênis Clube por um longo tempo: o “Clube da rua da Bahia”.

Rapidamente, o Clube passou a ser visto como referência em vários esportes individuais e coletivos oferecidos desde sua fundação, incluindo algumas modalidades competitivas e de entretenimento que marcaram sua história. O Departamento de Xadrez, criado em 1939, é uma delas. Os jogadores participavam de diversos campeonatos internos e interclubes, fazendo do esporte um dos pontos altos do Minas Tênis Clube.

Mais uma vez, a influência do interventor mineiro Valadares, do então prefeito da capital, Otacílio Negrão de Lima, e do presidente do Clube, Dornelles, fez a diferença na consolidação da modalidade esportiva: em fevereiro de 1940, eles ajudaram a fundar o Clube de Xadrez de Belo Horizonte. Os campeonatos se perpetuaram e o xadrez é, ainda hoje, parte da história do Minas Tênis Clube.

Da mesma forma que o xadrez, o *bridge* era jogado nos salões do Clube, o mais nobre dos jogos de cartas em tradição e estratégia. Nas quadras, podiam-se ver esportistas disputando partidas de *badminton*, jogo muito semelhante ao tênis. E, na piscina, teve lugar a prática do polo aquático, um esporte, a princípio, considerado violento e não recomendado pelos dirigentes.

É da gestão de Dornelles a formação da primeira equipe de armas curtas do Clube, que se compunha, além dele próprio, do vice-presidente, Mendes Júnior, e de Alberto Loyola. O trio disputou várias competições com o Clube Mineiro de Caçadores e com a Polícia Militar. Mas o esporte foi encerrado durante a Segunda Guerra Mundial, quando o tiro ao alvo foi proibido no Brasil. A equipe só foi reestruturada décadas mais tarde, em 1977, levando o esporte ao pódio de campeão mineiro por 18 anos consecutivos, de 1978 a 1995.

A esgrima também fez parte dos esportes praticados durante a época de Dornelles. Durante a década de 1940, um grupo de sócios esgrimistas de elite recebeu aulas do major Berzelius Filgueiras e de seus dois filhos e participou de diversas competições com esgrimistas no Rio de Janeiro, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, chegando a conquistar alguns campeonatos.

A criação do Minas Tênis Clube foi um marco de progresso esportivo fantástico, porque houve um intercâmbio também muito grande, e, como o Minas tinha ótimas possibilidades, começou a receber muitas delegações. Vimos os melhores tenistas do mundo e do Brasil, José Procópio e outros; as melhores nadadoras, Maria Lenk, Piedade Coutinho; aquele pessoal todo ia lá permanentemente. Os jogadores de basquetebol, eu me encontro com eles até hoje, o Luciano, que era do escrete carioca, e muitos outros. Ah! Aqueles tempos bons de Belo Horizonte! – João Lima Pádua, sexto presidente do Minas Tênis Clube, em 1946; ex-diretor da DEMG e precursor do iatismo no Clube (depoimento de 1994).

Primeira equipe de basquete do Minas Tênis Clube, em 1938. Da esquerda para a direita: técnico Gerson Sabino, Wilson Ladeira (Ladeirinha), Wilson Garzon, Rúbio Ferreira Souza, Hugo Werneck, Genésio Gonçalves (Stropiana), Alberto Gomes, Paulo Noronha e Edgard Leite de Castro. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



O viajante

O ano de 1939 findava. Gerson Sabino pendurou seu diploma de advogado pela Escola de Direito de Minas Gerais na parede, uma homenagem aos pais, que dali a alguns anos teriam mais um filho formado na área: Fernando Sabino, o qual, como o irmão, fez outra escolha profissional, tornando-se grande romancista e cronista brasileiro. O coração de Gerson tinha dono, ele bem o sabia: era o futebol, ainda mais após cobrir a Copa do Mundo na França no ano anterior. Desde 1930, ele havia iniciado uma coleção de documentos sobre o esporte, e este, talvez, tenha sido o primeiro indício do seu futuro como cronista esportivo. Entretanto, havia algo mais de que se orgulhava. Gerson tomou um gole d'água da bilha e sorriu. Foi ele o responsável pelo 'Relatório da Organização do Minas Tênis Clube', extenso documento entregue à diretoria em setembro de 1937, que fundamentou o êxito administrativo alcançado pelo Clube ao longo dos tempos.

Ao ser inaugurado, o Minas Tênis Clube causou alvoroço em todos os jornais da cidade, graças à sua proposta arrojada de criar um espaço de formação de jovens fortes e saudáveis, bem como de trazer à capital mais modernidade, beleza e qualidade de vida. Gerson Sabino fazia parte da nova diretoria e assumiu o cargo de técnico de basquete a convite de Mendes Júnior, então vice-presidente do Clube. Mas esse papel exigiria muito mais do que sua atuação nas quadras.

A visão estratégica de Dornelles, construída em conjunto com a então diretoria, permitiu ao Clube ser pioneiro nos estudos comparativos entre instituições clubísticas. Essa decisão inovadora serviu de base para a profissionalização do esporte, em paralelo ao que acontecia no Brasil e no mundo, além de atender à prerrogativa de formar

e educar cidadãos cada vez melhores. Essa iniciativa também contribuiu para consolidar a reputação de uma gestão séria e eficiente, marca que tem acompanhado o Clube ao longo de seus 90 anos.

Sabino foi incumbido por Dornelles de cumprir uma missão quase impossível para a época: aprofundar o conhecimento e as estratégias de organização que orientassem a estruturação administrativa, traçando seu *modus operandi* em busca de sucesso e perenidade. Para isso, nada melhor do que colocar o pé na estrada e observar de perto o que outros clubes esportivos, com trajetória consolidada, haviam feito para obter êxito.

O jovem atleta, muito bem-informado, escolheu três dos clubes brasileiros mais famosos na época para visitar: o Paulistano e o Floresta (que depois se tornou Espéria Esporte Clube), ambos em São Paulo; e o Fluminense, no Rio de Janeiro, única agremiação a receber o Troféu Olímpico, então a honraria máxima do esporte. Não satisfeito, pegou um vapor para a Argentina, onde buscou informações sobre o funcionamento do Gimnasia y Esgrima, sediado na cidade de La Plata, província de Buenos Aires, considerado o clube de futebol mais antigo daquele país.

Com apenas 22 anos, Gerson deixou registrada uma de suas contribuições mais significativas para a história do Minas Tênis Clube: um documento no qual examinou cuidadosamente os modelos de gestão presidencialista e democrático, optando por este último e definindo os princípios que orientariam a administração do Clube nos anos seguintes. Com base nessas diretrizes, a nova estrutura organizacional foi implantada pouco depois, com uma diretoria no topo e, abaixo dela, uma gerência responsável pela Secretaria, pela Tesouraria, pela Praça de Esportes e pelo Setor Social, além de departamentos dedicados aos esportes masculinos e femininos. Essa organização estabeleceu um modelo de gestão inovador e eficiente para a época.

Gerson também implementou formas de admissão, formulários de inscrição, fichário de registro familiar, modelos de carteirinhas, pagamento de cotas, uniformes para equipes, folhetos de propaganda, composição da diretoria, serviços médicos, treinamentos, funcionamento das quadras, do Parque Aquático e da Piscina, tipos de competições e elementos técnicos das modalidades esportivas que o Clube passou a oferecer.



Relatório da Organização do Minas Tênis Clube, produzido por Gerson Sabino em 1937. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Eram oferecidos todos os esportes, mas não havia procura suficiente para todos eles. Havia uma preferência dos colégios pela natação, uma atração natural da garotada pela água e pela piscina rasa, tudo sem risco. Os brinquedos do Macedo: havia gangorra, aqueles trapézios, aquelas coisas todas, e a garotada preferia também aquilo, e não queria outra coisa. Ali as crianças brincavam de chicotinho-queimado e tudo, faziam uma recreação direcionada toda ela para a parte física. Em vez de fazerem nas escolas, naquele horário de Educação Física, elas faziam no Clube, e isso era uma meta que o Minas Tênis Clube atendia prazerosamente. Ele fez isso a vida inteira. – Sânzio Valle Mendes, atleta de natação e presidente do Minas Tênis Clube de 1984 a 1986 (depoimento de 1994).

Seu trabalho permanece registrado em um documento restaurado e preservado pelo Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Esse registro revela que a estrutura administrativa desse período passou a se caracterizar pela centralização absoluta em uma gerência, que era responsável pela eficiência geral dos serviços e pela fiscalização, evitando o problema de duplicidade de papéis e ordens. Por intermédio de Sabino, o Clube teve seu primeiro gerente, Carlos Joel Neli, que veio de São Paulo, pois, à época, em Belo Horizonte, não havia especialistas para ocupar tal cargo.

Com seu esforço de inovar, Gerson introduziu no Clube os princípios da fisioterapia, das massagens terapêuticas e da medicina esportiva, áreas até então pouco conhecidas. O Clube contava com um Departamento Médico, dirigido pelo Dr. Hélio Tavares, o que, naquele tempo, era uma novidade absoluta. Por meio dos médicos Jair e Jacy Roiz Pereira, designados por Sabino para estudar um livro trazido do exterior, o Minas Tênis Clube foi pioneiro na fisioterapia em Minas Gerais.

O supergerente

Carlos Joel Neli parou de batucar na máquina de escrever. Era tarde da noite e quase não se via mais ninguém na redação da Gazeta Esportiva, em São Paulo, sinal de que passara da hora outra vez. A decisão precisava ser tomada; o ex-colega de jornal estava esperando e, quando Sabino queria uma coisa, ninguém tirava isso de sua cabeça. Pois bem, ia ser uma confusão danada, muita gente ficaria furiosa, mas a ideia de se bandear para Minas e gerenciar um clube esportivo novinho em folha era bem sedutora. Tudo bem, no dia seguinte, iria comunicar ao amigo que sim, ele iria. Apagou a última luz e foi para casa arrumar as malas.



◄ Técnicos do Minas Tênis Clube, na década de 1940. *Da esquerda para a direita, à frente:* Augusto Gagetti, Gerson Sabino, Carlos de Campos Sobrinho (Carlito), Oswaldo e Manoel Serra; *ao fundo:* Lauro Wutke, Antônio Mendes Macedo, Luiza Macedo, Natalia Lessa, Sylvio José Raso e Carlos Wutke. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Sua chegada ao Minas Tênis Clube causou ótima impressão, pois a notoriedade de Neli o precedia. Em companhia do jornalista Cásper Líbero, ele ajudou a criar a Corrida de São Silvestre, cuja primeira edição aconteceu em 31 de dezembro de 1924, na avenida Paulista, em São Paulo. Atleta de salto com vara, Neli competiu nos Jogos Olímpicos de Verão de 1932, em Los Angeles, no estado norte-americano da Califórnia, representando o Brasil em companhia de colegas como Maria Lenk, a nadadora que participou da inauguração da Piscina Olímpica do Clube. Ele voltara recentemente dos Jogos Olímpicos de Berlim, na Alemanha, e a ênfase do seu trabalho como comentarista na Gazeta Esportiva, em São Paulo, era sua melhor carta de recomendação. A diretoria do Minas Tênis Clube o recebeu de braços abertos. Neli era um grande incentivador dos esportes e, no estado de Minas Gerais, criou várias federações especializadas na área.

A dupla formada por Gerson e Neli, dois atletas e amantes do esporte, foi apoiada pela presidência e pela diretoria por dois anos e meio, tempo em que Neli permaneceu em Belo Horizonte a serviço da instituição. No entanto, a pressão exercida por São Paulo foi forte, e Dornelles não conseguiu impedir o retorno do técnico à capital paulista.

O Minas Tênis Clube estruturou um corpo administrativo e suas modalidades esportivas foram organizadas por técnicos de primeira linha. As vertentes da educação e da cultura se consolidavam com a Biblioteca Infantil Caio Martins, local onde as crianças eram orientadas quanto a suas atitudes e ao cuidado com o corpo. Neli sabia bem de sua contribuição e foi embora, realizado.

Os sete samurais

Aos 33 anos, Akira Kurosawa acabara de se tornar oficialmente diretor de cinema, e seu primeiro filme, Sanshiro Sugata, lançado naquele ano de 1943, estava recebendo críticas favoráveis após grande sucesso popular. O roteiro envolvia uma intrincada história de mestres do judô japonês, que se passava na década de 1880. Kurosawa levantou os olhos das páginas espalhadas pela

Honra ao mérito

Joel Nelli, o brilhante jornalista esportivo e que se notabilizou como tecnico de atletismo, continua em intenso trabalho em Bello Horizonte, onde, há dois anos, orienta os passos do esporte-base. O seu trabalho tem sido dos mais proveitosos para Minas esportiva, que vem registrando o mais acentuado progresso, de ordem technico-moral. Há poucos dias, a Federação Mineira de Athletismo, encerrando as suas actividades do anno, procedeu à entrega de premios aos athletas victoriosos e, por essa ocasião, prestou expressiva homenagem ao brilhante collega Carlos Joel Nelli, ofertando-lhe um cartão de prata, como os seguintes dizeres: “A Joel Nelli, pelo seu grande triumpho, a F. M. A. no seu primeiro anno de vida – 1938”. – *Correio Paulistano*, 14/12/1938.



◆ Nadadoras do Minas Tênis Clube, entre o final da década de 1930 e o início da de 1940. Em destaque, Piedade Coutinho (*segunda da esquerda para a direita*), pioneira da natação competitiva brasileira. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

mesa de trabalho. Ainda havia muito a contar sobre sua cultura. Nem por um momento imaginava que, em pouco tempo, seu país assistiria a uma das maiores tragédias da história da guerra: a bomba atômica de Hiroshima e Nagasaki. Ali, no silêncio de sua saleta, o diretor se perguntou: – E se tantos descendentes diretos dos samurais, antigos guerreiros treinados com maestria nas artes marciais, se levantassem para lutar pelo Japão como lutaram até 1867? Será que seu famoso código de honra, lealdade e coragem (Bushido) ecoaria neste mundo em conflito, trazendo mais chances de justiça e de retidão? Anotou a ideia no caderno. Dali, mais de uma década depois, em 1954, ela sairia transformada na obra ‘Os sete samurais’.

A fama do Minas Tênis Clube era tanta que, em outubro de 1940, um colega brasileiro do cineasta Akira Kurosawa decidiu registrar imagens, confirmando a posição de cartão-postal do Clube na nova capital. O pioneiro do cinema brasileiro Humberto Mauro contribuía para a sétima

arte, cunhada no *Manifesto das Sete Artes*, de autoria do teórico e crítico de cinema italiano Ricciotto Canudo. Das imagens feitas por Humberto Mauro, não há registros conhecidos. Mas, de alguma forma, Kurosawa fez as honras da casa e inspirou, antecipadamente, a nomenclatura escolhida para os primeiros técnicos esportivos do Clube: Os sete samurais.

Na cultura japonesa, a lealdade é fundamental; o ideograma que a representa está associado a adjetivos como bom, sincero, corajoso e correto. Além de se manifestar em vários aspectos da vida dos japoneses, ela é frequentemente associada ao *Bushido*, o código de honra dos samurais, que valorizava a ética e a lealdade como o único caminho a seguir.

Quando Gerson pegou a estrada e, tempos depois, trouxe soluções tecnicamente avançadas para a gestão do Minas Tênis Clube, ele agiu como um samurai. Por essa razão, seu nome está gravado para sempre na memória da instituição. Leal e correto, ele ajudou Neli a enfrentar o desafio seguinte: qualificar suas modalidades esportivas, trazendo especialistas que pudessem agregar valor ao que era conhecido e praticado pelos sócios. Foi assim que o primeiro samurai trouxe outros seis e, como no filme de Kurosawa, eles se tornaram sete.



Carlos Campos Sobrinho (Carlito) e atletas da natação, em 1938. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

O samurai da água

Carlos de Campos Sobrinho, o Carlito, foi nadador, remador e jornalista esportivo nos principais jornais de São Paulo, cidade de onde saiu para assumir a chefia do Departamento Aquático e, ao mesmo tempo, ser técnico de natação do Minas Tênis Clube, a convite de Sabino e por indicação de Neli. Mas, com a volta deste último para a capital paulista, Carlito assumiu o cargo de superintendente administrativo e social.

Carlito vinha de uma trajetória brilhante nas piscinas olímpicas, tendo sido treinador das nadadoras Maria Lenk e Sieglinda Lenk nos Jogos Olímpicos de Berlim, em 1936. Seu trabalho como técnico de natação revolucionou a estrutura e o modelo praticados até então, inclusive no que se referia ao tratamento da água utilizada. Seu carisma e sua disciplina rigorosa, sempre lembrados com respeito, foram determinantes para atrair grande número de atletas. Nas aulas, os alunos eram divididos em duas equipes – a branca e a azul –, cada qual com seu técnico e auxiliar. Carlito supervisionava todo o trabalho, sobretudo o dos nadadores mais experientes.

A partir da sua chegada, o Clube começou a competir em torneios regionais



◆ Sieglinda Lenk (*ao centro*), após vencer a Travessia de São Paulo a Nado, representando o Minas Tênis Clube, e seu técnico, Carlos de Campos Sobrinho (Carlito; *à esquerda, de branco*), em 1938. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

e nacionais. Em 1939, a equipe de natação de Minas Gerais, composta por mais de 65% de nadadores minastenistas, conquistou o Campeonato Brasileiro Infantojuvenil, um dos 12 títulos de campeão obtidos pelo grupo até 1952.

Nos anos 1940, a natação do Minas Tênis Clube era motivo de celebração na mídia mineira e nacional, em especial após a vitória de Orlando Martins Vieira, atleta minastenista que disputou a II Travessia de Minas a Nado, realizada em Lagoa Santa, em 19 de maio de 1940. Com ele nadaram Ivo Pitanguy, Fernando Sabino e Sânzio Valle Mendes, que viria a ser presidente da instituição entre 1984 e 1986.

A eficiência dos atletas era tão reconhecida que, em 1946, vários foram convocados para a Seleção Brasileira de Natação, que, no mesmo ano, disputou o Campeonato Sul-Americano e consagrou novos campeões.

A natação tinha uma organização modelo. Realmente era, talvez, a única que existia no Brasil com estrutura, com ordenação. Tinha uma disciplina muito forte. Quando iniciei no Minas, o técnico responsável pela natação era o Carlos Campos Sobrinho, muito rigoroso com a disciplina. A divisão das equipes era toda feita por idade e por sexo. A natação tinha uma estrutura que era modelo mesmo, no Brasil todo. As grandes equipes e os outros clubes, depois que o Minas começou a se sobressair da forma como se sobressaiu na natação, buscavam copiar o modelo implantado pelo Clube. – Fernando Pavan, primeiro atleta olímpico da natação do Minas Tênis Clube (depoimento de 1998).



◄ Tenistas na quadra do Minas Tênis Clube, em 1947. *Da esquerda para a direita, à frente:* Elza Farah e Nancy Olivière; *ao fundo:* Sonia Jeha, Augusto Gagetti e Marina Orsini. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

O samurai da raquete

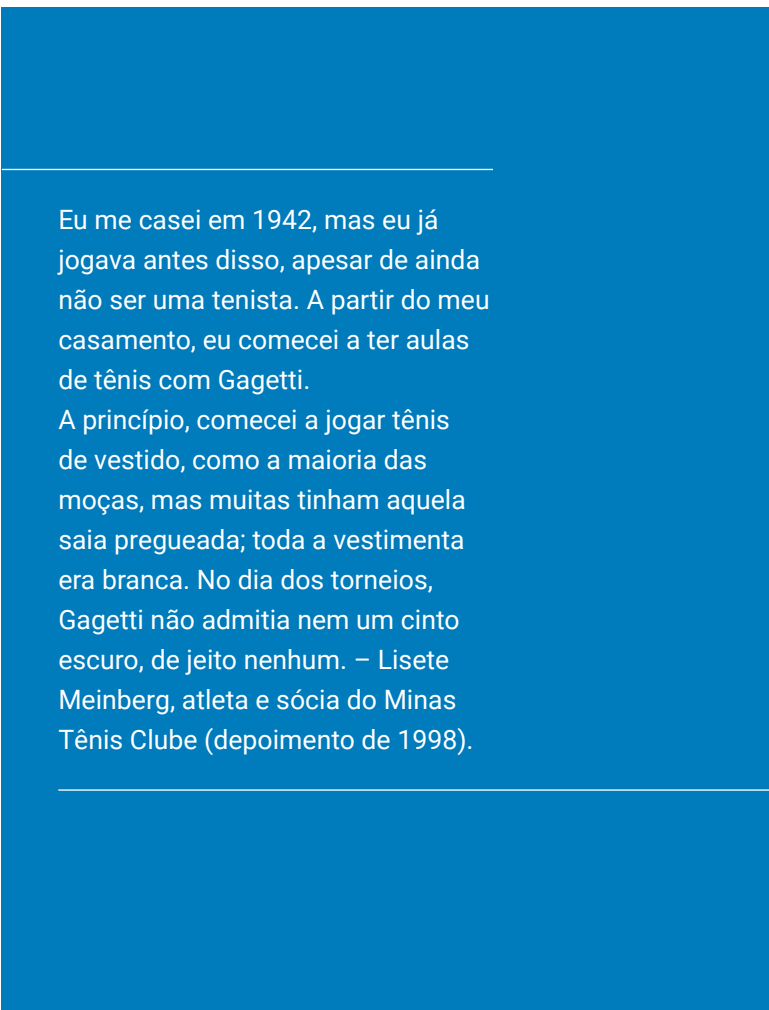
Augusto Gagetti era um *gentleman* (“cavalheiro”). Com seu chapéu de palha, roupas claras e óculos de lentes grossas, ele chegou ao Minas Tênis Clube por intermédio de Gerson Sabino, que o trouxe de São Paulo, onde atuava como técnico da família Matarazzo. Mestre do tênis, considerado atleta de elite nos anos 1930 e 1940, Gagetti chegou para aprimorar o esporte que ajudou a fundar o Clube. Mal sabia ele que seu desafio duraria quase 40 anos, tempo em que se dedicou ao ensino e à formação de tenistas.

Acostumado a comandar no idioma inglês, exigia de sua equipe o mesmo comportamento ao se referir ao adversário. Quem fizesse uma boa jogada não podia comemorar na hora. O silêncio reinava absoluto. A ordem era pedir desculpas ao outro jogador, ou melhor, dizer *Sorry!* (“Perdoe-me!”). Gagetti trabalhava sozinho para alcançar seus objetivos e, quando os atingia, o benefício era do Clube.

As roupas impecavelmente brancas eram outra regra inegociável. Gagetti tratava seus atletas da mesma forma, sem se importar se eram homens ou mulheres, e não admitia “piadinhas” com as jogadoras. O respeito vinha em primeiro lugar. Ele treinou e acompanhou grandes nomes do esporte, como Waldomiro Salles, Eduardo e Oswaldo Borges da Costa, Hélio Hermeto, Roberto Hermeto, Roberto Quintino dos Santos, Fernando Conde e Carlos Alberto de Paula Salles, e também o maior tenista que já passou pelo Clube: Guido dos Santos, o cearense que, de apanhador de bola, se tornou campeão nacional de tênis.

O samurai que se tornou doutor

O vôlei também faz parte da essência do Minas Tênis Clube, assim como o tênis e a natação. As primeiras quadras de vôlei da cidade foram construídas nos quintais de chácaras e residências abastadas. Esse esporte, também conhecido como o “elegante esporte da bola ao ar”, foi determinante para a fundação da Federação Mineira de Voleibol, em 1941.

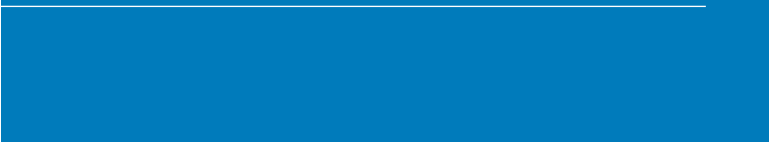


Eu me casei em 1942, mas eu já jogava antes disso, apesar de ainda não ser uma tenista. A partir do meu casamento, eu comecei a ter aulas de tênis com Gagetti.

A princípio, comecei a jogar tênis de vestido, como a maioria das moças, mas muitas tinham aquela saia pregueada; toda a vestimenta era branca. No dia dos torneios, Gagetti não admitia nem um cinto escuro, de jeito nenhum. – Lisete Meinberg, atleta e sócia do Minas Tênis Clube (depoimento de 1998).



Em caráter provisório, na sala do Departamento de Bola ao Cesto, foram reservados cinco escaninhos para os jogadores de voleibol. [...] Devido à falta de uma sala em condições, por uma gentileza do sr. Carlos de Campos Sobrinho, foi-me permitido usar sua mesa, no Departamento Aquático, para os meus trabalhos de escritório, bem como, no seu armário, um lugar me foi reservado para guardar papéis. Mais tarde, uma de suas gavetas me foi cedida. [...] Os meus agradecimentos ao Departamento de Bola ao Cesto, na pessoa do dr. Gerson Sabino, pelos valiosos empréstimos de macacões e material para uso dos jogadores de voleibol. – Raso, 1940, não paginado.



Sylvio Raso e atletas do vôlei feminino, na década de 1940. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Nas origens do Clube, o time de vôlei era composto por familiares de Necésio Tavares – o primeiro presidente – que, embora amadores, aprimoraram a modalidade com inovações como o vôlei de duplas. As primeiras equipes, formadas em 1937 e 1938, viajaram pelo interior de Minas Gerais para disputar campeonatos amistosos e regionais. Esse foi o único esporte coletivo praticado por mulheres, desde os seus primórdios em Belo Horizonte, tanto nas quadras de fundo de quintal quanto em colégios, como o Izabela Hendrix e a Escola Normal (hoje Instituto de Educação).

Mas foi pelas mãos de Sylvio José Raso que o esporte ganhou força e peso, levando atletas minastenistas a participarem de campeonatos regionais e nacionais. No início dos anos 1940, quando chegou, Sylvio percebeu que o vôlei masculino ainda era pouco expressivo, pois os jovens preferiam o basquete. Enquanto isso, as mulheres se mostravam mais interessadas e organizadas, jogando com garra e bom humor, justificando o investimento feito no time feminino, que se aprimorou rapidamente. Essa leitura de cenário permitiu-lhe investir na formação de novos jogadores e no aperfeiçoamento dos que já estavam em atividade.

Impulsionado por investimentos públicos obtidos por Dornelles e pela chegada de Sylvio, o vôlei feminino se destacou em Minas Gerais e em todo o país. A mudança se via pela ampliação de frequência nas quadras, que passou de 20 para quase 70 pessoas, em somente quatro meses desde a chegada de Sylvio. Mas, como seu departamento não contava com a mesma estrutura de outros, em várias situações o técnico precisou ocupar espaços nos departamentos de natação e de basquete, sempre com o apoio de Carlito e Sabino.

Isso não o impediu de ampliar os horários disponíveis para os sócios interessados no esporte. Os jogos podiam ser praticados de três formas: para recreação; em busca de conhecimento técnico atrelado ao lazer; e intensivamente, na qual o treino e a instrução tornavam-se indispensáveis. Sem saber, Sylvio fundava ali a configuração do esporte como lazer e como esporte de rendimento. Seu curso de Medicina, interrompido em razão da dedicação à Educação Física como atleta premiado, só seria retomado alguns anos depois. Ele saiu do Minas Tênis Clube em 1949 e se formou em 1957 pela Universidade Federal de Minas Gerais, obtendo em 1973 o título de Especialista em Fisiatria.



◄ Adolfo Guilherme recebe homenagem no programa televisivo *Essa é a sua vida*, gravado no Antigo Ginásio do Minas Tênis Clube, em 1960. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

O samurai da rede

Quase uma década depois da contratação de Sylvio, foi a vez de Adolfo Guilherme assumir o vôlei no Minas Tênis Clube a partir de 1948, permanecendo até sua morte, em 1983. Oriundo do Exército, era autodidata e havia sido aluno do primeiro curso de Monitor de Educação Física do Estado de Minas Gerais. Foi recordista sul-americano de salto em altura e professor da Escola de Educação Física da UFMG, função instituída pela Lei Federal 745/1949, que autorizava a contratação de professores não formados, desde que se submetessem a testes aplicados pelo Ministério da Educação e Cultura.

Mestre Adolfo, como ficou conhecido, tinha um conhecimento profundo da psique humana e usou esse conhecimento muito bem, tanto nas quadras de vôlei como nas de basquete, durante o curto período em que foi técnico dessa segunda modalidade. Foi dele a iniciativa de introduzir técnicas e táticas aprendidas pelo colega Sylvio Raso nas escolas internacionais dos países que visitou. Tais técnicas e táticas revolucionaram o vôlei a partir de mudanças como o sistema de jogo de 3 cortadores x 3 levantadores para 4x2, o que fez mestre Adolfo perder quase todo o time para o Mackenzie Esporte Clube. Posteriormente, todos os clubes adotaram essa inovação.

Outra novidade foi o uso das fintas (jogadas de variação que surpreendem o adversário) e da manchete, que modificava a recepção do saque e as defesas nas cortadas. Com as mudanças, o Minas Tênis Clube tornou-se referência em vôlei e atordoava seus adversários durante as competições, o que lhe rendeu medalhas e troféus dentro e fora do Brasil.

Nos intervalos dos treinos, mestre Adolfo se revelava um exímio contador de histórias, sempre exagerando nos mais simples acontecimentos de rotina. Tal capacidade, aliada a seu carisma, apoiava-o na hora de dar instruções por meio de gráficos e ilustrações feitas com giz no chão. Entre os jogadores instruídos por ele, despontaram grandes atletas do vôlei minastenista: Urbano Brochado Santiago (que se tornou presidente do Clube de 1987 a 1992), Marta Miraglia e Luiz Eymard Zech Coelho.

Excetuando-se os presidentes e ex-presidentes do Minas Tênis Clube, meu pai, Adolfo Guilherme, foi a única pessoa a ser velada nas dependências do Clube. Seu velório e sua missa de sétimo dia, no Antigo Ginásio, também conhecido por G1, concentraram inúmeros atletas, ex-atletas, alunos, ex-alunos, dirigentes esportivos, políticos, amigos, funcionários, familiares e admiradores. Outra homenagem que sensibilizou seus familiares foi a inauguração de uma quadra esportiva com seu nome no Centro de Treinamento JK, em 2001. – Guilherme, 2017, não paginado.



▲ Gerson Sabino orienta a equipe masculina de basquete do Minas Tênis Clube, em 1939. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Eu, anualmente, fazia seis disputas com as universidades americanas por correspondência, no mesmo dia, com cinco elementos nossos; batíamos os lances livres aqui, com o cônsul americano, e depois mandávamos um telegrama para lá e eles mandavam para cá. Acho que fizemos 14 competições, perdemos quatro e ganhamos dez. Mas não tínhamos mérito nenhum, hasteávamos a bandeira dos Estados Unidos, tocávamos o hino e batíamos os lances; era mais uma curiosidade. Eles mandavam as fotos, gostavam muito daquilo. – Gerson Sabino, ex-diretor, ex-técnico e organizador do Minas Tênis Clube (depoimento de 1994).

O samurai da bola ao cesto

O basquete chegou ao Brasil em 1906, trazido pelos professores Oscar Thompson e Fred Brown, o qual era formado pela Escola Superior de Educação Física de Chicago, nos Estados Unidos, autor de diversas conferências sobre o esporte na Confederação Brasileira de Desportos. Conhecido inicialmente como o esporte da bola ao cesto, o basquete se firmou no Minas Tênis Clube desde a sua fundação, apresentando resultados significativos graças à sua equipe de alto nível.

À frente da modalidade desde sua chegada, em 1938, Gerson Sabino – o mesmo viajante que coletou informações em três grandes clubes brasileiros e também em um clube argentino para embasar a estruturação administrativa e operacional do Minas Tênis Clube – era técnico de basquete na Associação Sportiva de Amadores (ASA), time da base aérea da Pampulha e um entusiasta dos hábitos estadunidenses. Depois de uma partida entre o Minas Tênis Clube e o Palestra Itália, vencida pelo clube paulista, ele veio reorganizar o time da casa e fazer da vitória um espetáculo.

Os treinos e jogos aconteciam numa quadra ao ar livre. As arquibancadas ficavam lotadas, mesmo durante os torneios improvisados. Sabino “batia o olho” num jogador e sabia logo que ele seria um bom atleta. Depois de um teste rápido, o jogador selecionado começava a treinar. O esporte ainda era vetado às mulheres nessa época, mas o trabalho de Sabino era tão bom que até Fred Brown, professor dos Estados Unidos que ajudou a divulgar o basquete no Brasil, ficou impressionado em visita ao Clube. Além disso, Sabino abriu portas para o basquete minastenista no exterior, tanto por meio de intercâmbios quanto de torneios.

Em 1944, Sabino despediu-se e partiu para outros desafios, deixando, contudo, um legado inesquecível. É lembrado como o primeiro técnico de basquete da cidade, que colocou ordem no movimento anárquico de dez jogadores correndo atrás de uma bola para colocá-la na cesta. A atuação de Gerson levou outros clubes mineiros a apostarem na técnica do basquete, o que favoreceu o esporte como um todo.



◀ Antônio Mendes Macedo e aluno, durante a prática de exercícios, na década de 1950. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Antônio Mendes Macedo e aluno, em demonstração de ginástica, na década de 1950. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube
▼



◀ Ginástica infantil do professor Antônio Mendes Macedo, em apresentação na Praça de Esportes, na década de 1940. **Foto:** João Lúcio Mello

O samurai de olhos e balas de mel

O professor Macedo chegou ao Minas Tênis Clube em 1936, antes da inauguração das obras. Certo dia, ao assistir a uma apresentação de ginástica coordenada por Antônio Mendes Macedo numa escola de Belo Horizonte, Dornelles, que já ocupava a presidência, lamentou-se: – Pena que não é professor de Educação Física! Ao ouvir o comentário, um colega de Macedo interveio: – Pode contratá-lo, sim; ele tem cultura e dá aulas de várias coisas. Isso basta!

O professor Macedo, como ficou conhecido, havia criado seu próprio método de ensino, valendo-se de muita criatividade e técnica. Nem mesmo o rigor das vinte e quatro matérias cursadas na Escola de Educação Física do Exército antes da sua chegada abalou sua alegria. Macedo trazia as crianças para o centro das atividades, respeitando seus limites, sempre as convidando a ir além. Elas o adoravam.

Essa experiência ficou marcada na memória de todos que frequentaram o Clube até os anos 1970, quando a jornada de Macedo terminou. Não há quem não se lembre do prêmio dado no final das aulas.

De uma lata, o professor retirava balas de mel e as distribuía entre os pequenos ao som do estribilho: – Rala, rala, rala. Sô Macedo, eu quero bala.

Após ser contratado, Macedo iniciou seu trabalho no Parque Municipal, porque a infraestrutura do Clube ainda estava em construção. Chegou a atrair cerca de 300 crianças para as aulas, mantendo seu jeito sempre alegre e estimulante. Os cursos passaram a ser ministrados na Praça de Esportes e, poucos anos depois, isso levou à criação do Departamento de Educação Física Infantil, que ficou sob o comando do querido professor.

Nenhuma criança precisava de conhecimento prévio: bastava chegar e participar das corridas, brincadeiras de roda, cantos, cambalhotas, acrobacias, ginástica em aparelhos e atividades no escorregador e na piscina.

Macedo não era apenas talentoso nas aulas: tinha um olhar aguçado para descobrir novos talentos. Caminhava pelo Clube observando crianças e adolescentes, identificando aqueles com potencial para se tornarem nadadores ou jogadores, apoiando-se em seu profundo conhecimento do esporte e da psicologia infantil. Sua atuação como professor deu origem às Escolinhas Esportivas, estruturadas



no Curso Básico de Esportes, que até hoje forma atletas e orienta crianças para as modalidades – individuais ou coletivas – mais adequadas ao perfil de cada uma.

Apesar de transitar por várias áreas, sua especialidade preferida era a ginástica acrobática. Até os anos 1970, seus pequenos alunos participavam de demonstrações em solenidades e eventos, encantando o público com apresentações bem ensaiadas. As aulas seguiam um ritual: começavam com uma sequência de exercícios em grande roda no gramado; depois, a turma passava pelos aparelhos e barras; ao final, seguia para os escorregadores da Piscina Infantil, onde realizava atividades aquáticas ao som de músicas animadas tocadas pelos alto-falantes.

O sucesso de suas aulas era tão grande que muitas crianças entravam escondidas no Clube apenas para participar das atividades – um testemunho espontâneo do carisma de Macedo e do encanto que ele despertava nos pequenos. Esse prestígio extrapolava os limites do Clube e alcançava também o Poder Público, já que seu trabalho atendia plenamente aos princípios de fortalecer o corpo e o espírito, estimulando hábitos saudáveis, dando bons exemplos e respeitando a disciplina. Tanto era assim que, contava-se, quando precisava fazer alguma reclamação, Macedo se dirigia diretamente ao interventor do Estado, Valadares.

Ele morava nas dependências do Clube com a esposa, Luiza Menezes Macedo, figura igualmente marcante na história da ginástica feminina minastenista. O casal vivia em uma modesta casa de madeira ali erguida, cuja existência era desconhecida por muitos. Foram duas vidas inteiramente dedicadas ao ideal de transformar o Minas Tênis Clube em um verdadeiro celeiro de talentos jovens, comprometidos com a saúde, a vitalidade e a alegria de viver.

O samurai do tatame

O judô é uma arte marcial originária do Japão, derivada do jiu-jítsu, cujo nome significa “a arte da flexibilidade”. Mais do que um método de combate, ele busca, por meio da luta, conduzir o praticante ao caminho da harmonia física e moral. No Brasil, aportou em 1940, pelas mãos dos imigrantes japoneses que trouxeram consigo não apenas um esporte, mas uma filosofia de vida.

Desde criança, sempre desejei frequentar um lugar onde pudesse me divertir à vontade. Naquela época, meus pais não participavam de nenhum clube em Belo Horizonte. Havia um grupo de crianças que ia para o Minas Tênis Clube todas as tardes. Juntei-me a esse grupo e, de calção de banho e toalha pendurada no pescoço, cheguei até a portaria. Impedido de entrar, não resisti: pulei o muro. Na época, era o Clube cercado por grades de ferro e protegido dos olhares mais curiosos por um espesso arvoredo de fícus. Tão habitual se tornou a entrada dos penetras, que a apelidaram de “portaria do seu Macedo”. – Cícero Cerqueira, ex-atleta de judô do Minas Tênis Clube (depoimento de 1975).

Belo Horizonte tinha sol – um sol imenso. Mas o povo se escondia medroso sob as roupas espessas. E era como se não houvesse sol. Foi o Minas Tênis Clube que trouxe o sol para Belo Horizonte. O sol e a piscina, que ficou fazendo as vezes de mar. – Rebêlo, 1941, não paginado.

No Minas Tênis Clube, o judô foi introduzido em 1947, no então recém-estruturado Departamento de Defesa Pessoal, idealizado pelo professor Albano Corrêa Filho durante a gestão de Paulo Macedo Gontijo, quinto sócio-fundador e sétimo presidente da instituição. A primeira turma, formada por 50 adultos, foi o embrião de uma tradição que atravessaria décadas. Albano formou gerações de judocas, entre eles o atual presidente do Clube, Carlos Henrique Martins Teixeira.

As faixas do judô representam o avanço do atleta na modalidade. Cada cor simboliza um estágio de aprendizado, no qual o judoca é desafiado a dominar técnicas mais complexas, aprimorar suas estratégias e aprofundar o autodomínio e o autoconhecimento.

Albano havia sido um dos monitores do professor Macedo e, para ele, o judô equivalia a um processo educativo capaz de formar pessoas disciplinadas e orientadas para o respeito humano, a amizade e a lealdade. O departamento, criado com o propósito de ensinar defesa pessoal, rapidamente conquistou jovens e adultos, transformando-se em referência. Mesmo com o crescimento do esporte no Brasil e no Minas Tênis Clube, o reconhecimento olímpico só veio nas Olimpíadas de Tóquio, no Japão, em 1964. Após ausência nos Jogos de 1968, no México, o judô retornou com força em 1972, em Munique, na Alemanha.

Esses técnicos estavam construindo uma maneira de ser inteiramente nova para o esporte. Essa descoberta alçava o Minas Tênis Clube à posição de polo irradiador de uma alegria incontida, que só os minastenistas sabem explicar.



Albano Augusto Pinto Corrêa Filho, durante treino de judô, em 1980. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Capítulo 3

ESTRATÉGIA PARA GERIR COM EXCELÊNCIA

Muitos anos se passaram desde que Gerson Sabino apresentou ao Minas Tênis Clube seu *Relatório de Gestão*, um documento que refletia os princípios de uma agremiação visionária. Uma cópia desse relatório, preservada na vitrine da exposição de longa duração do Centro de Memória, no Minas I, mantém viva a lembrança de uma época marcante do Clube, em que dirigentes, funcionários e atletas vestiam a camisa azul e branca com paixão.

Em geral, as grandes realizações surgem de sonhos movidos pela paixão e são viabilizadas pelo trabalho e pela dedicação. Isso ocorre ao longo de toda a história humana. Não fosse assim, Walt Disney teria duvidado de que o personagem fundador de sua gigantesca indústria de lazer e entretenimento pudesse ser um rato simpático e inteligente chamado Mickey. Paulo Freire talvez não tivesse criado uma pedagogia revolucionária e humanista, capaz de alfabetizar adultos em 40 horas, transformando os métodos da educação formal. Marco Polo, o viajante nascido em Veneza – a Nova York do século XIII –, não teria descrito as maravilhas de cada cultura que conheceu. E o francês Pierre de Frédy, o Barão de Coubertin, jamais teria se inspirado nos Jogos Olímpicos praticados na Grécia no século VIII a.C. para idealizar e fundar os Jogos Olímpicos da era moderna.

Se muitos dos grandes projetos nascem de sonhos, quais são os ingredientes que os transformam em trajetórias de sucesso? Refletir sobre a gestão do Minas Tênis Clube ao longo de seus 90 anos é uma maneira concreta de demonstrar que a eficiência resulta de planejamento e que bons resultados dependem de visão estratégica. Originalmente concebida como uma prática militar, a estratégia passou a ter um papel central em todos os setores da sociedade e, de maneira decisiva, na gestão empresarial. Hoje, ela é considerada um pressuposto essencial para o alcance de objetivos organizacionais e um instrumento para que instituições se posicionem de forma consistente no mercado.

Solenidade de formalização das decisões ►
para a construção da Sede Social do Minas
Tênis Clube, em 7 de junho de 1937.
Da esquerda para a direita: Waldomiro Salles
Pereira (2.º secretário), Ary Viotti e Gamaliel
Soares (1.º secretário). **Foto:** Acervo do Centro
de Memória Minas Tênis Clube



▲
Prédio do Relógio do Minas Tênis Clube, com
o bairro Lourdes ao fundo, em 1950. **Foto:** Bruno
Roberto Martins da Costa

Prédio do Relógio, Piscina Olímpica, trampolins e arquibancadas do Minas Tênis Clube, pouco antes da inauguração, em 27 de novembro de 1937. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Tendo o Minas Tênis Clube como referência, o governo mineiro criou, em todo o Estado, várias praças de esportes, denominadas “Minas Gerais”, construídas por ele ou em parceria com as prefeituras municipais. Essas praças poderiam ser cedidas às entidades que se dispusessem a promover a Educação Física e a difusão dos esportes. O funcionamento delas assemelhava-se muito ao do Minas Tênis Clube: eram regidas por seus próprios estatutos e tinham seus presidentes nomeados pelo governador. O Estado auxiliaria financeiramente essas entidades, desde que atendessem satisfatoriamente a seus fins. Dessa forma, para fiscalizar a administração e dar orientação técnica uniforme às atividades das praças de esportes, o Estado criou, em 1943, a Diretoria Geral das Praças de Esportes de Minas Gerais, subordinada diretamente a ele. Posteriormente, em junho de 1946, a Diretoria Geral das Praças de Esportes passou a se denominar Diretoria de Esportes de Minas Gerais (DEMG), que seria dirigida por três membros nomeados pelo governador do Estado, entre eles o presidente do Minas Tênis Clube, como membro nato. Alguns presidentes do Clube acumularam, por vários mandatos, a presidência do Clube e da DEMG. – Rodrigues, 1996, p. 88.

O Minas Tênis Clube dos anos 1930 surgiu como uma das primeiras praças de esportes de Minas Gerais a permanecer aberta à comunidade por longos períodos. Sua estrutura de negócios baseava-se em quatro pilares: esporte, lazer, educação e cultura. Adotando um modelo de gestão compartilhada, semelhante ao que hoje se denomina Parceria Público-Privada (PPP), a influência do governo estadual no Clube manteve-se desde a sua fundação até meados da década de 1960, apesar da autonomia que permeava as decisões e os planos da instituição nesse período.

Desde suas origens, o Clube contou com um olhar estratégico registrado em seus estatutos, que foram atualizados com o passar do tempo, ajustando normas, solucionando pendências e fundamentando decisões. O primeiro estatuto foi aprovado em junho de 1937. Enquanto valores, costumes e cenários se transformavam na sociedade ao longo de nove décadas, a instituição aprimorou sua infraestrutura, gestão, oferta de serviços e processos de inclusão, utilizou as leis de incentivo cultural e esportiva e consolidou-se como referência para o Brasil e o mundo. Como consequência, o Clube tornou-se preparado para voar cada vez mais alto.

A estrutura de vinculação do Clube com o governo estadual estabelecida desde a fundação, no entanto, sofreria modificações significativas na década de 1950. Juscelino Kubitschek, ao se desvincular do governo mineiro para candidatar-se à presidência do Brasil, em 1955, promoveu várias mudanças na Diretoria de Esportes de Minas Gerais (DEMG). Entre elas, a edição de um novo regulamento, aprovado em 1956 pelo então governador mineiro Clóvis Salgado, que previu a desvinculação dos cargos de presidente do Clube e presidente da DEMG.

Equilíbrio financeiro para crescer

Em Ferros, cidade mineira onde nasceu, José Bolívar Drummond descobriu a paixão pelo esporte e aprendeu a importância de manter a retidão em tudo o que fazia, além de um grande amor pela medicina. Esse legado o acompanhou por toda a vida e, é claro, o guiaria na presidência do Minas.

Juntou suas coisas na valise cor de caramelo, velha amiga que o acompanhava diariamente em suas consultas e visitas médicas. – Vou começar o trabalho com as contas do Clube. Vislumbro um futuro brilhante; temos que estar preparados!

E assim foi. A principal marca do nono presidente do Minas foi uma ampla reforma administrativa e financeira, que assegurou a perenidade do Clube por décadas.

A primeira estrutura hierárquica do Minas Tênis Clube foi idealizada em 1940, com o trabalho de Gerson Sabino. Ela era composta pela diretoria, cuja autoridade máxima era o presidente, sempre nomeado pelo governador estadual, seguida de uma gerência responsável pela secretaria, pela tesouraria e pelos encarregados da Praça de Esportes e do Setor Social. Embora bem definidas, as relações hierárquicas podiam tornar-se confusas em alguns momentos, por causa da superposição de atribuições e instâncias de decisão.

A Praça de Esportes abrigava diversos departamentos esportivos: aquático feminino, basquete, defesa pessoal, esgrima, escotismo, educação física infantil, tênis, vôlei e xadrez. Além das atividades esportivas, a área contava ainda com bar, biblioteca infantil, oficinas de carpintaria, hidrotécnica, jardinagem, mecânica e elétrica, bem como piscina, vestiários e portões de acesso.

O setor social abrangia a sala de bilhares, *badminton*, *bridge*, pingue-pongue, cursos de dança, recreativismo, departamento infantil, departamento médico feminino, departamento médico masculino, departamento odontológico, fisioterapia, contabilidade, barbearia, equipes de funcionários, cabeleireiros, lavanderia, portaria e restaurante. Essa divisão, por si só, já poderia criar superposições de cargos e de funções.

Durante a gestão de Paulo Macedo Gontijo, de 1947 a 1951, o Clube adquiriu equilíbrio financeiro suficiente para dispensar o subsídio concedido a clubes esportivos pela DEMG. Tal conquista representou um avanço. No entanto, foi José Bolívar Drummond – atleta campeão em basquete, natação, futebol de praia, halterofilismo



Rua da Bahia, vista de uma das janelas da Sede Social do Minas I, em 1943. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Restaurante do Minas Tênis Clube, em 1955.

Foto: Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

e polo – quem promoveu a maior reforma econômica, financeira e administrativa que o Clube vivenciou até então.

Médico e um dos fundadores da Escola de Educação Física da UFMG, Drummond assumiu a presidência do Minas Tênis Clube em dezembro de 1954. Sua primeira medida administrativa foi requisitar dois funcionários do Banco Hipotecário para avaliar a situação contábil.

Drummond promoveu uma ampla reforma na instituição, implantando um rigoroso controle financeiro com o objetivo de garantir a autonomia da agremiação e o equilíbrio das contas. Ele utilizava, nesse processo, a experiência adquirida como secretário de Finanças do Estado de Minas Gerais.

De sua visão esportiva, derivou a contratação de novos técnicos e auxiliares, como o subtenente Cavalcante, que trabalhava no Fluminense e substituiu Carlito na natação, dando continuidade ao bom trabalho desenvolvido na modalidade. Outros esportes também receberam apoio da presidência para se desenvolverem em âmbito estadual e nacional, como o vôlei e o basquete. Isso foi possível porque Drummond imprimiu à gestão do Clube um modelo de centralização e eficiência competitiva, mesmo sem o apoio da DEMG e sem acreditar na profissionalização do esporte.

Em sua gestão, os departamentos Médico e de Fisioterapia ganharam força. Os espaços da piscina foram reformados. Houve melhorias nos vestiários, no ginásio e no cinema, além da construção de mais quadras esportivas. Drummond acreditava que uma “casa arrumada” geraria resultados melhores a cada dia. E ele estava certo.

O vice que nasceu para presidente

José Mendes Júnior terminara os despachos do dia com sua secretária quando o telefone tocou no escritório central da construtora que levava seu nome. Era do Minas, instituição que ele amara desde a fundação e à qual muito se dedicara. Indicado



◀ José Mendes Júnior, na Sala da Presidência do Minas Tênis Clube, na década de 1970.
Foto: Bruno Roberto Martins da Costa

presidente do Minas Tênis Clube pelo amigo e então governador Israel Pinheiro, após passar por várias gestões na diretoria e na vice-presidência, Mendes Júnior ainda não sabia, mas ficaria no posto pelos 14 anos seguintes.

Estava feliz e animado naquela manhã de 1965. Seus filhos haviam crescido no Clube; ele havia trabalhado muito para que a estrutura de esporte, lazer, educação e cultura se fortalecesse. Ajeitou os óculos, pois, de repente, seus olhos ficaram úmidos. – Entrou um cisco aqui, mentiu para si. E continuou a trabalhar com o coração levemente acelerado.



Mendes Júnior, um dos fundadores do Minas Tênis Clube, teve um papel fundamental na diretoria desde a criação da instituição. Nomeado pelo governador Israel Pinheiro da Silva, ele presidiu o Clube de 1965 a 1980, tornando-se uma das lideranças mais influentes em sua história. Logo no início de sua gestão, foi crucial na aquisição do terreno do Clube na rua da Bahia. Esse feito, de grande importância, garantiu maior autonomia à instituição e resultou na concessão definitiva da área pela Prefeitura de Belo Horizonte, demonstrando sua capacidade de liderança e visão estratégica desde o começo.

Nascido em Juiz de Fora em 1900, o engenheiro civil e eletrotécnico fundou a construtora Mendes Júnior em 1953, tornando-se um grande empresário, sempre atento às causas sociais e incentivador dos esportes. Com atenção especial à formação de jovens, estimulou no Clube o desenvolvimento de uma mentalidade esportiva que influenciou gerações de dirigentes e atletas.

Mendes Júnior teve papel preponderante na implementação e no funcionamento do modelo inaugural de gestão. Suas contribuições iniciaram na fundação do Clube e se estenderam por quase 30 anos, em que exerceu funções de diretor e vice-presidente, com prerrogativas comparáveis às de um primeiro-ministro. Foi por sua iniciativa que surgiram os primeiros recursos financeiros para a construção do Antigo Ginásio. Sua presença se fez sentir em decisões fundamentais, mesmo antes de assumir



▲ Área interna da Secretaria do Minas I, em 1965.
Foto: Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Estimulei o máximo que pude. O Adolfo Guilherme, por exemplo, teve muita força lá, eu o ajudei. Naquele tempo, era todo mundo amador. A única coisa que dávamos era material esportivo. Então, eu estimulava, no que eu podia, o esporte. Era na base da saliva, era uma conversa com o pessoal que disputava. – José Bolívar Drummond, atleta, ex-presidente da Diretoria de Esportes de Minas Gerais e presidente do Clube nas gestões de 1953-1955 e 1957-1959 (depoimento de 1994).

Sede Social do Minas I, em 1945. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



a presidência, o que consolidou o *status* do Clube como centro de excelência esportiva e cultural. Acreditava na prática do esporte pelo esporte, seguindo o princípio olímpico de que competir não significa, necessariamente, ganhar. Como recompensa comemorativa aos vencedores de jogos, autorizava um almoço no restaurante do Clube ou uma ida ao Xodó, lanchonete tradicional na Praça da Liberdade, pagos pela diretoria.

Como vizinho do Clube, sua presença era constante. Certa vez, um dos porteiros, Abraham da Silva Passos, relatou as idas e vindas do presidente, que chegaram à marca de 42 visitas em um único dia, apenas para verificar pessoalmente se tudo estava funcionando bem.

Nos anos 1970, já em idade avançada e sentindo que a tarefa de presidir o Clube se tornava mais exigente, Mendes Júnior criou o cargo de diretor-geral, função ocupada por seu filho Sânzio Valle Mendes, ex-atleta da agremiação. Essa mudança trouxe um impulso de modernidade aos esportes e às finanças do Clube, incorporando conceitos de rendimento, produtividade, competitividade e resultados. Ainda assim, o presidente permaneceu firme no comando e gradualmente compreendeu que, para crescer ainda mais, o Minas Tênis Clube precisava acompanhar os novos tempos. Era necessário investir no condicionamento e na recuperação física dos atletas, apostar na Medicina Esportiva e priorizar o esporte competitivo, sem deixar de manter o recreativo para os associados. Durante esse período, diversas medidas inovadoras foram introduzidas, como os Cursos Esportivos e a implantação da ginástica olímpica, em 1976. Para ele, entretanto, os “valores amadorísticos” do esporte precisavam ser preservados.

Quando Sânzio se tornou diretor-geral, foi implantada uma nova estrutura técnica e administrativa. O organograma do Clube foi então reorganizado em um esquema dinâmico de atuação, que trouxe mais rapidez às ações e decisões setoriais. As atribuições e competências passaram a ser segmentadas em três grandes setores: a Superintendência Administrativa (SUAD), a Superintendência Financeira (SUF) e a Coordenadoria Técnica Executiva (CTE).

Em 1974, a ideia de expansão do Clube ganhou forma e força pelas mãos de Sânzio Mendes e Ariosvaldo Campos Pires, então diretores. A estratégia planejada para atender

à crescente demanda por instalações envolveu a diretoria jovem e o apoio do Poder Público, resultando na doação de um terreno no alto da Avenida Afonso Pena, na zona nobre da capital mineira, para a construção do futuro Minas II.

Aquele Clube, onde os atletas se dedicavam intensamente até a época do vestibular – e no qual os casais que se aproximassem demais eram repreendidos pelos seguranças –, passava a fazer parte da memória coletiva da instituição.

A gestão de Mendes Júnior acompanhou também o contexto social e político do país. Assistiu à ascensão do movimento de rebeldia dos anos 1960, que perdurou pela década seguinte e influenciou os brasileiros antes e durante a instauração do Regime Militar em 1964. O Brasil, cada vez mais urbano, experimentava o desenvolvimentismo deixado por Juscelino Kubitschek, entre 1968 e 1973, o chamado Milagre Brasileiro. Mesmo diante do cenário repressivo, os jovens herdaram o espírito libertário da década anterior, moldando a cultura e os comportamentos da época.

Nos anos 1980, a juventude tomou as ruas, reivindicando “Diretas Já” em 1984 e participando de manifestações gigantescas com rostos pintados. Em 1989, mais de 82 milhões de brasileiros votaram diretamente para eleger o presidente do país. A década de 1980 se encerrava, e o mundo estava em desordem. Nesse contexto, Ariosvaldo Campos Pires foi indicado como o décimo-terceiro presidente do Minas Tênis Clube, assumindo a responsabilidade de conduzir o Clube rumo à profissionalização, expansão e progresso.

Expansão e profissionalização em prática

– *Dr. Ariosvaldo, o almoço está pronto! O advogado e professor da UFMG fechou o livro ‘Ideias e vultos do direito’, de sua autoria.*
– *Mara, onde você está? Foi a cozinheira quem respondeu:*
– *Assistindo ao casamento de Lady Di com o príncipe da Inglaterra. Ariosvaldo deu um meio sorriso. Sua amada esposa gostava de finais felizes e não desgrudaria os olhos da TV tão cedo. Foi almoçar.*



Juscelino Kubitschek, governador de Minas Gerais (à esquerda), e José Mendes Júnior, vice-presidente do Minas Tênis Clube (à direita), em 1953. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

O grande idealizador, criador da mentalidade esportiva no Minas Tênis Clube foi o Mendes Júnior. Trouxe sua influência de homem de empresa, realizado, político, para a diretoria do Clube. E sempre foi, como diretor ou presidente, uma pessoa que tinha uma atuação muito forte com relação ao esporte de competição. – Fernando Pavan, atleta olímpico da natação do Minas Tênis Clube (depoimento de 1994).



▲
Assinatura do primeiro contrato de patrocínio do Minas Tênis Clube, em 1982. *Da esquerda para a direita, à frente:* Ariosvaldo Campos Pires, presidente do Clube (1981-1983), e Geraldo Feitosa, diretor da Coroa Brastel; *ao fundo:* Henrique Bassi, atleta de vôlei, representando a equipe masculina. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Antes de sair para o Minas, Clube tão caro aos seus sentimentos e que agora presidia, passaria pela Ordem dos Advogados do Brasil. Na ausência de Mendes Júnior, que se encontrava adoentado, ele assumiu o cargo em 1981. Em sua gestão, o Clube promoveria a profissionalização do esporte, ideal que ele dividia com outros diretores, entre eles Sânzio Valle Mendes, filho do velho Mendes, que compartilhava com Ariosvaldo os ventos de mudança e renovação.

Que sua esposa desfrutasse do casamento do século, assistido por mais de 750 milhões de pessoas em todo o mundo. O que ele desejava mesmo era vida longa ao Minas.



Na década de 1980, o Minas Tênis Clube investiu mais intensamente no esporte profissional, e o principal motivador da decisão foi o entendimento, por parte da diretoria, de que era necessário trazer à gestão uma nova visão de negócios. O número de associados crescia, e a agremiação precisava fazer frente a essa expansão, modernizando seus processos internos e o modelo de gestão, além de crescer estrutural e geograficamente.

Essa nova visão de negócios ampliava a abertura para patrocínios esportivos, atraindo empresas que investiam quantias significativas no apoio às equipes de atletas. Era preciso apresentar resultados consistentes para esses investimentos. A partir de 1981, o governo liberou a realização de contratos de patrocínio esportivo com a iniciativa privada. No Minas Tênis Clube, isso deu origem aos dois primeiros acordos de apoio para o vôlei masculino.

O primeiro contrato foi firmado com a Coroa Brastel, em outubro de 1982, já sob a presidência de Sânzio Valle Mendes. Graças a esse acordo, o vôlei masculino passou a contar com o patrocínio da Fiat e conquistou seu primeiro Campeonato Brasileiro. Naquele período, ainda não existiam regras definidas para esse tipo de iniciativa, o que levou a Confederação Nacional de Vôlei a estabelecer normas que permitiram às empresas estampar suas marcas nas camisas dos atletas, dentro de limites de tamanho previamente determinados.



A partir daí, surgiu a política de investimentos esportivos de longo prazo, expandindo os patrocínios para a nataação e o basquete, o que trouxe um novo tipo de receita e a necessidade de gerir esses recursos profissionalmente. Por isso, ainda no início da década, o Clube abriu seleções para contratar talentos do mercado em diversas áreas, mesmo que não fossem atletas ou sócios, para compor a estrutura administrativa da instituição. A diretoria instituiu um sistema de cargos e salários, modernizou os serviços da secretaria com a instalação dos primeiros computadores e implantou um posto bancário na unidade da rua da Bahia.

O Minas Tênis Clube foi um dos primeiros clubes a se profissionalizar no Brasil. A partir desse período, criou a base para a existência de gerentes, diretores e coordenadores por modalidades esportivas, o que representou um fator determinante para seu sucesso. Sistemáticamente organizados, esses profissionais tinham metas e objetivos estabelecidos, que deveriam ser cumpridos em consonância com a alta gestão.

Essa foi também a década de expansão para novas unidades. Foi na gestão de Ariosvaldo que o projeto do Minas II foi aprovado, tendo começado sua construção em 1984, após uma longa negociação para indenização dos habitantes do local e para a desocupação da área. A inauguração da Sede Social, considerada a etapa final da obra, só ocorreu na gestão seguinte, em outubro de 1984, com Sânzio Valle Mendes na presidência. Era preciso atender à demanda por mais espaço para os sócios, e a prefeitura ofereceu uma área no alto da avenida Afonso Pena. Ariosvaldo levou o caso à diretoria, e o Clube lançou novas cotas no mercado para garantir o financiamento da construção da nova unidade. A inovação foi oferecer essas cotas com preço especial para sócios com filhos mais velhos. Dessa forma, o aumento do número de sócios seria menor.

Em meados dos anos 1980, a mineradora MBR ofereceu ao Clube a área onde hoje está o Minas Náutico, no condomínio Alphaville, em Nova Lima. A instalação no local incrementou o empreendimento imobiliário e impactou a estrutura de gestão do Clube, que precisou encontrar um modelo híbrido para os associados, vendendo as cotas tanto para os que já eram sócios quanto para novos interessados, que só podem frequentar o Clube Náutico.

▲
Sede Social do Minas II, na avenida Mangabeiras, em 1986. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



▲ Paulo Eduardo Almeida de Mello, presidente do Minas Tênis Clube (1993-1995), durante exposição de seu retrato na Galeria dos ex-Presidentes, em 1996. Ao seu lado, sua esposa, Cléa Maria Santos Mello. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Pode-se afirmar que, em sede de esportes de competição, o Clube desenvolve atividades sem paralelo no Brasil, participando de competições de âmbito estadual e nacional com oito modalidades: voleibol masculino e feminino, basquete, natação, ginástica olímpica, tênis, judô e tiro ao alvo. Os recursos de vulto, destinados à sustentação do esporte competitivo, impõem ao corpo social duros sacrifícios, mas suportáveis com estímulo pelo indesmentível espírito de colaboração de todos, visando à grandeza do Clube. – Ariosvaldo de Campos Pires, diretor nos anos 1970 e presidente do Minas Tênis Clube de 1981 a 1983 (depoimento de 1995).

A preservação da história do Minas Tênis Clube também foi uma preocupação na gestão de Ariosvaldo. O acervo histórico, criado na última gestão de Mendes Júnior, teve grande impulso com o advogado, que apoiou a aquisição de um conjunto fotográfico histórico, registrado por José Góes ao longo de vários anos. É dessa época a formação da galeria de retratos a óleo dos ex-presidentes e da sala dos troféus, medalhas e placas de feitos esportivos.

O rompimento com a tutela governamental, iniciada nos idos do Estado Novo, e a revogação de benefícios, como a isenção de impostos, estavam concluídos. As políticas esportivas, incluindo a de profissionalização das modalidades por meio da instauração de leis de incentivo ao setor, estavam consolidadas. Os novos tempos exigiam novos propósitos e, assim, o Clube decidiu ser uma escola de formação de atletas de alto desempenho, um centro de lazer e entretenimento para os associados e um espaço para a formação e educação intelectual e moral da juventude. O Clube da família agora também seria uma empresa.

Liberdade, liberdade, abra as asas sobre nós

Niltinho Tristeza era só alegria quando a Imperatriz Leopoldinense entrou na avenida naquele Carnaval de 1989. Com os parceiros Preto Joia, Vicentinho e Jurandir, ele criou o samba-enredo que trouxe à escola seu terceiro título de campeã da passarela e que, pouco mais tarde, receberia o Prêmio Estandarte de Ouro do ano. O enredo celebrava os cem anos da Proclamação da República no Brasil e seria considerado um dos mais belos da história do carnaval carioca.

Na folia, em meio aos tamborins, Niltinho e Vicentinho se abraçaram e cantaram com o povo o sonho de uma pátria livre: – Liberdade, liberdade! Abra as asas sobre nós! E que a voz da igualdade seja sempre a nossa voz!

Os ares de liberdade pairavam por todo lugar. A abertura política do país estava em curso havia alguns anos. A *Constituição* de 1988 – da qual um dos diretores de então, atualmente conselheiro nato do Minas Tênis Clube, Oscar Dias Corrêa, participou como deputado constituinte – selou o retorno à democracia ao ser elaborada por 559 parlamentares com diversas tendências políticas. Na Assembleia Nacional Constituinte, Corrêa utilizou seus conhecimentos e realizou ampla escuta junto aos dirigentes do Minas Tênis Clube para elaborar leis relacionadas ao esporte. A Carta Magna restabeleceu a inviolabilidade de direitos e liberdades básicas e instituiu uma vasta gama de preceitos progressistas, como a igualdade de gêneros, a criminalização do racismo e a garantia de educação, trabalho e saúde para todos, conforme preconizam os Direitos Humanos.

Foi nesse ambiente de liberdade que o Minas Tênis Clube elegeu seu primeiro presidente pelo voto direto dos sócios. Urbano Brochado Santiago, advogado e procurador do Estado de Minas Gerais, foi eleito e liderou a instituição de 1987 a 1992. A ele se deve a execução de importantes modificações jurídicas feitas na agremiação, entre elas a criação de um novo estatuto que proporcionou a unidade política do Clube em 1989, culminando na estrutura atual de poderes constituídos: Assembleia Geral, Conselho Deliberativo, Diretoria, Comissão Fiscal e Comissões Permanentes.

Do ponto de vista do processo de expansão, o mandato de Urbano ficou marcado pela reconstrução do Parque Aquático, localizado no Minas I, ponto de partida do que ainda seria o *Plano Diretor do Minas I*, e, em especial, pela consolidação do Minas II. Como bom esportista, o presidente sempre apoiou o incremento dos patrocínios no setor, o que resultou em importantes vitórias em várias modalidades, elevando o patamar do prestígio nacional e internacional do Clube.

Os anos 1990 fortaleceram as comunicações. A internet ocupou espaços até então nunca imaginados. A informatização do Minas Tênis Clube, iniciada em meados da década anterior, mostrou a que vinha e, desde o sistema de cobrança, cujo *software* foi desenvolvido por uma empresa contratada e se tornou disponível *on-line*, a rede informática passou a envolver gradativamente todos os setores, abrangendo a gestão de pessoas.



▲ Urbano Brochado Santiago, presidente do Minas Tênis Clube, em seu segundo mandato, em 1990. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



◀ Show da banda Titãs durante a inauguração do Minas Náutico, em março de 2000. **Foto:** Fox Fotografias

O que faz a atividade esportiva no Brasil são os clubes regionais, locais e municipais. O Minas de hoje é uma empresa, e seus relatórios e balanços são exemplos para grandes organizações. Nosso sócio reclama da praia, mas não reclama do Minas. – Oscar Dias Corrêa Júnior (depoimento de 2022).

Quando Paulo Eduardo Almeida de Mello assumiu a presidência, cumprindo seu mandato de 1993 a 1995, o Minas Tênis Clube assistiu a um novo momento como polo social e cultural de Minas Gerais, para além da reconhecida potência esportiva que era. As categorias de base e os cursos esportivos, responsáveis pela identificação e formação dos primeiros anos dos atletas, ganharam ainda mais respaldo da diretoria. O projeto do Minas Náutico foi concretizado em 2000 para oferecer mais opções de lazer e esporte aos associados.

Missão, Visão e Valores em alta

Sérgio Bruno Zech Coelho acabara de completar 50 anos. “O tempo passou rapidamente” ele pensou. Outro dia, um adolescente de 17 anos, formado nas categorias de base do Clube, iniciara sua carreira esportiva, primeiro na natação e, em seguida, como integrante da equipe de vôlei do Minas. Ali, chegou a ser campeão na Seleção Brasileira. Bons tempos aqueles...

Mas Zech se tornara um economista reconhecido por sua experiência em marketing e planejamento e foi assim que havia chegado à diretoria do Minas. Seu livro, ‘Clubes sociodesportivos no Brasil’, seria o registro da soma entre o que o atleta e o gestor aprenderam juntos. Agora era o momento de colocar em prática muitas ideias. E foi assim, em 1996, que ele se elegeu presidente do Clube que sempre amou.

Na segunda metade da década de 1990, Sérgio Bruno Zech Coelho, ex-atleta do vôlei, vice-presidente e diretor do Clube desde 1971, assumiu a presidência. Com ele, a instituição ganhou fôlego para reestruturar sua gestão administrativa, com



◀ Sérgio Bruno Zech Coelho, na Sala da Presidência do Minas Tênis Clube, em 2010. **Foto:** Orlando Bento

Vista panorâmica do Minas Náutico, em 2005. **Foto:** Carol Reis



redefinição de áreas e funções, o que resultou em novas alterações no seu estatuto, mudando a regra segundo a qual os diretores tinham de atuar na execução dos trabalhos. Zech também apoiou, durante a gestão de Urbano, a criação da Associação Beneficente dos Empregados do Minas (ABEM), fundada em 1987, além da implantação do Orçamento e Controles Financeiros e da instauração do Projeto de Qualidade Total.

Nos primeiros seis anos de sua gestão, de 1996 a 2001, o foco manteve-se voltado para o associado e para a concepção do Clube como um espaço de convivência familiar. Nesse período, a expansão, já em curso com o Minas II e o Minas Náutico, ganhou forte impulso. Um exemplo desse movimento foi o início das obras no condomínio Alphaville.

Na sequência, foi elaborado e aprovado o *Plano Diretor do Minas I*, com o objetivo de reformar e triplicar a capacidade de atendimento dessa unidade. A decisão pela verticalização previu a elevação de área construída de 22.280m² para 67.066m². O plano contemplou ainda a construção do Centro de Treinamento Juscelino Kubitschek, reconhecido como um dos maiores e mais modernos da América Latina.

Somando-se a isso, com a construção do Minas Náutico e a incorporação do Minas Country, a instituição passou a contar com três unidades para seus sócios e atletas, pois o Minas II já estava em atividade. Zech era o presidente quando o Minas Tênis Clube incorporou os ativos e os passivos do Country Clube, em 2000. Essas expansões foram fundamentais para incentivar a gestão profissional com vistas à melhoria da prestação de serviços aos associados.

Outras inovações foram a decisão de manter o Clube aberto até às 22 horas e oferecer um sistema de atendimento médico para os sócios. Com a participação efetiva dos diretores e conselheiros, e em sintonia com a demanda dos sócios, o Clube implantou um modelo gerencial, com base em modernas ferramentas de gestão estratégica de clube, que hoje é referência no país.

Participante ativo das reuniões da Confederação Brasileira de Clubes (CBC), Zech viabilizou importantes conquistas que se valeram dos aportes provenientes das leis de incentivo fiscal para o esporte. Mais tarde, no início dos anos 2000, essa experiência seria útil em sua atuação como secretário estadual de Esportes (de 2000 a 2002) e presidente do Conselho Superior Interclubes, órgão vinculado à CBC.

Príncipe Henry de Gales e crianças durante visita às instalações do Minas I, em 2014. **Foto:** Orlando Bento



Os clubes são instituições centenárias que se organizaram no Brasil muito antes de qualquer outra entidade ou órgão governamental ligado ao esporte.

Entre eles, o Minas é uma das mais importantes instituições entre as mais de 1.300 que existem no Estado. Somos um *benchmarking* nacional em gestão, no esporte e na educação, graças ao suporte dado às famílias para oferecer uma educação esportiva às suas crianças e jovens, que vai além do esporte em si, atuando na formação da cidadania. – Sérgio Bruno Zech Coelho (depoimento de 2024).

Na virada do século – e do milênio – Zech comandou um projeto de gestão estratégica, envolvendo treinamentos e consultorias da Fundação Dom Cabral. Naquele momento, o Clube delineou sua missão, visão de negócios, princípios e valores que o orientam até hoje. Foi um planejamento amplo, com estratégias adaptadas a curto e médio prazos, todas orientadas para o século XXI.

O clube da delegação britânica

Ele tinha 11 anos quando chegou ao Brasil. Vinha de Teerã, capital do Irã. O ano era 1956. Pouco antes, o país havia vivido um golpe de Estado que derrubou o governo estatista do primeiro-ministro Mohammed Mossadegh, após o boicote mundial do Reino Unido ao petróleo iraniano, fato que se seguiu à nacionalização desse recurso natural. Isso trouxe sérias consequências econômicas e políticas à nação. Essas lembranças remetiam a um passado distante, enquanto o novo milênio começava.

Um novo desafio o aguardava dessa vez. Eleito presidente do Minas para a gestão de 2002 a 2005, Kouros olhava para o Clube com um misto de paixão e serenidade. Ele sabia que o alicerce era sólido e os próximos passos a dar eram claros. Afinal, quem já atravessara um mar e recomeçado não tinha o que temer.

Kouros Monadjemi naturalizou-se brasileiro e, mais tarde, foi estudar Administração e Economia no Brasil e no exterior. Antes, porém, em 1960, tornou-se sócio do Minas Tênis Clube. Descobriu sua grande paixão pelo basquete e participou da equipe de jogadores de 1958 a 1971. Em 1981, tornou-se diretor. Hoje, Monadjemi é presidente do Conselho Deliberativo, e sua passagem pela presidência em duas gestões consecutivas, de 2002 a 2007, trouxe uma nova perspectiva para a educação e para a atuação dos Conselhos e da Diretoria.



Kouros Monadjemi, presidente do Minas Tênis Clube (2005-2007), em 2007. **Foto:** Pedro Nicoli

A década de 2000 trouxe o aprimoramento da gestão por meio de ferramentas inovadoras e do grande empenho dos profissionais contratados para implementar as mudanças organizacionais. Com o apoio de consultorias, o resultado do esforço foi um modelo em que os próprios gestores se tornaram responsáveis pelo cumprimento das ações e a diretoria assumiu uma postura normativa, sem interferir diretamente na gestão executiva. O objetivo dessa decisão foi formalizar o modo de gerir o Minas Tênis Clube, protegendo-o independentemente de quem fossem os diretores.

Em 2003, o Clube elaborou um novo planejamento, construído a partir de Diretrizes Institucionais Básicas (DIB), que passaram a guiar suas estratégias. Em dezembro de 2004, foi publicada internamente a primeira versão do *Manual de Planejamento Estratégico para o triênio 2005-2007*, contendo diretrizes específicas e métricas. Esse manual serviu para capacitar funcionários, concessionários e terceirizados permanentes, promovendo a conscientização sobre as mudanças na cultura organizacional. Desde então, as diretrizes vêm sendo revisadas continuamente.

Para Monadjemi, era importante manter a harmonia e a participação ativa dos 350 conselheiros, pois assim – ele acreditava – a diretoria trabalharia de forma equilibrada e tranquila, podendo oferecer os serviços de qualidade que o sócio esperava. As reuniões do Conselho passaram a ser trimestrais, envolvendo os 200 conselheiros e os 150 conselheiros natos. A diretoria também foi renovada, permitindo a integração dos filhos de sócios que estavam interessados em atuar na gestão.

Em 2006, o Clube terceirizou sua área de Alimentos e Bebidas, decisão motivada pela complexidade no gerenciamento da relação com os sócios nesses serviços, que permaneceram terceirizados.

Quando o segundo mandato de Monadjemi terminou em 2007, Sérgio Bruno voltou à presidência, tendo permanecido até 2014. Junto com a diretoria, ele assumiu a ideia de investir fortemente nos cursos esportivos e artísticos. Dessa forma, eles foram ampliados e passou-se a oferecer às crianças uma formatura com paraninfo – sempre um atleta olímpico convidado. A crença de que a educação dos jovens era a base para um esporte de qualidade e para a boa cidadania permaneceu em sua essência. Hoje, existem quase 10 mil alunos inscritos nos cursos oferecidos.

Membros da Associação Olímpica Britânica ►
em visita às instalações do Minas I, em 2012.
Foto: Orlando Bento





Assinatura do protocolo de intenções entre o Minas Tênis Clube e a British Olympic Association (BOA), em 2013. **Foto:** Orlando Bento

A ideia de gestão continuada, preconizada no Clube desde os seus primórdios, manteve-se viva, permitindo que uma mesma diretoria elege-se seus sucessores. O processo estratégico prosseguiu, preservando os diretores na função normativa, enquanto a liderança executiva permanecia sob o comando do superintendente e dos executivos de cada área. Esse modelo inovador rendeu ao Clube o prêmio Melhor Gestor do Ano – 2011, concedido pelo Comitê Brasileiro de Clubes.

Conforme a *Resolução RC2502A*, a eleição do Minas Tênis Clube é um processo criterioso e exigente. As candidaturas à presidência e à vice-presidência, em particular, têm requisitos detalhados. As chapas devem ser subscritas e aprovadas antes da votação, que é realizada em novembro pelo Conselho Deliberativo. A escolha da nova diretoria se dá pela chapa que obtiver a maioria dos votos.

Em 2012, o Clube assinou o acordo com a Associação Olímpica Britânica (BOA, na sigla em inglês) para ser a base das atividades de preparação dos atletas do Reino Unido durante os Jogos Olímpicos de Verão de 2016, no Rio de Janeiro. O protocolo de intenções envolvia programas de intercâmbio de profissionais e compartilhamento de experiência em áreas como ciência do esporte, medicina, educação e treinamento, *marketing* e mídia, entre outras. O Minas Tênis Clube foi escolhido em uma lista de complexos esportivos brasileiros e da América do Sul, após ampla pesquisa que avaliou instalações esportivas de nível internacional, serviços médicos de alta qualidade, alojamentos seguros e alimentação dos atletas.

Dois anos depois, Luiz Gustavo Lage chegou à presidência, sucedendo Sérgio Bruno e dando continuidade à sua gestão. O maior desafio agora era a escassez financeira decorrente dos investimentos feitos. Lage assumiu o cargo ao mesmo tempo que o Comitê Olímpico Britânico ocupava os espaços do Minas Tênis Clube, o que requereu um intenso trabalho de sensibilização dos funcionários e sócios para aquela presença tão especial.

Luiz Gustavo tratou de integrar as áreas e passou a escutar os então 1.100 funcionários para identificar gargalos e melhorar o plano de carreira das pessoas. Foi reconhecido por priorizar ainda mais essas relações. Em 2016, deixou a presidência e foi protagonista da primeira eleição polarizada para presidente do Minas Tênis Clube.



Ricardo Vieira Santiago, presidente do Minas Tênis Clube (2017-2022), recebe o Troféu Guará, em reconhecimento ao desempenho da equipe feminina de vôlei do Clube, campeã da Superliga 2020/2021, na cerimônia realizada pela Rádio Itatiaia, em 2022. **Foto:** Orlando Bento

O Minas Tênis Clube hoje: austero, mas solidário

Quanto mais a humanidade buscava explicações, menos sabia. A pandemia trouxe à tona diversas discussões sobre ciência, higiene, morte e vacinas. Nesse contexto, a voz de pensadores com reconhecimento internacional elevou-se. O filósofo italiano Giorgio Agamben (2020) foi um deles, e disse: – A ciência se tornou a religião do nosso tempo. Os virologistas admitem que não sabem exatamente o que é o vírus, mas, em seu nome, pretendem decidir como os seres humanos devem viver.



Quando Ricardo Vieira Santiago assumiu a presidência do Minas Tênis Clube, em 2017, seu primeiro desafio foi atenuar a polarização ocorrida durante sua campanha eleitoral. Seu vice era Carlos Henrique Martins Teixeira, que assumiria a presidência em 2023. O clima estava tenso como jamais se havia presenciado no Clube.

O pleito presidencial nacional, marcado para o ano seguinte, inflamou os ânimos, dividindo a população brasileira entre os chamados conservadores e os progressistas. Esse cenário refletiu-se na campanha interna do Minas Tênis Clube, resultando na contraposição de duas chapas. Após a votação, Ricardo Vieira Santiago foi eleito, mas foi necessário trabalhar intensamente para que sua gestão não se tornasse refém do dissenso.

De certa forma, essa foi a segunda ruptura institucional do Clube, que contava com pouco mais de 80 anos à época. A primeira ocorreu com a desvinculação da entidade em relação ao poder público, marcada pela eleição, por voto direto, do presidente Urbano Brochado Santiago, que assumiu em 1987 (30 anos antes de Ricardo Vieira Santiago). O fato mais curioso, porém, é que este é filho daquele, o que torna a história ainda mais emocionante.

O Minas é um clube tradicional, mas não parou no tempo porque aqui a inovação não para. A grande mudança de perfil da gestão ocorreu em 1990, quando da elaboração do *Plano Diretor do Minas I*. Foi aí que passamos de um Clube para um prestador de serviços. O mundo mudou e nós acompanhamos o mundo.

– Kouros Monadjemi, presidente do Conselho Deliberativo do Minas Tênis Clube (depoimento de 2024).



▲
Carlos Henrique Martins Teixeira, presidente do Minas Tênis Clube, na Sala da Presidência, em 2022. **Foto:** Cássia Cinque

O trabalho havia começado, e a proposta era levar o Clube para além de seus muros, expandindo sua reputação e excelência em esportes e educação. O presidente elaborou um plano para elevar os resultados financeiros, que se mostrou bem-sucedido em sua primeira gestão (2017 a 2019), com recordes de efetividade. Com a chegada da Consultoria Falconi e a reestruturação do quadro administrativo, os números melhoraram ainda mais.

Em 2020, Ricardo iniciou seu segundo mandato, contudo, a pandemia de covid-19 sobreveio. Diversos contratos com fornecedores foram renegociados e a instituição criou um comitê interno de crise, envolvendo todas as divisões e departamentos do Clube para buscar soluções diante do novo cenário.

O tom da comunicação com sócios e funcionários tornou-se mais próximo e acolhedor durante o período da pandemia. Nesse momento, em atendimento às medidas sanitárias de distanciamento social adotadas pelo Estado, o Clube permaneceu fechado, não praticou demissões e realizou obras de manutenção nas Unidades e no Minas Náutico. Estratégias financeiras eficazes permitiram atravessar essa fase sem perda de receita, mesmo com a suspensão temporária do pagamento das mensalidades pelos sócios. Os processos internos e as comunicações digitais ganharam força, implementando ações para manter o relacionamento com os associados e demais públicos do Clube com conteúdo dos quatro pilares nas redes sociais e no *site*, o que fortaleceu ainda mais a instituição após a crise sanitária.

No seu segundo mandato, Ricardo reinventou o programa Minas Tênis Solidário por meio de diversos projetos e ações sociais, como a Exposição Fotográfica *Super Heróis de Verdade*; o Bosque das Cerejeiras no Minas Country; a reforma da quadra poliesportiva da Escola Municipal Hugo Werneck; e a campanha *Papai Noel dos Correios* (uma parceria que se estendeu por dois anos).

Em 2017, o Minas Tênis Solidário manteve esse vigor, empreendendo outra ampla série de ações e projetos: a adoção de 721 cartas; a compra de tatames para o Avança Judô; a criação da Horta para os colaboradores no Minas Country, no Minas Náutico e no Abrigo Frei Otto; o plantio de árvores no Minas I, II e AMR; a conquista de dois troféus Fenaclubes; o *trekking* ecológico no Parque das Mangabeiras; o projeto

Tricô com Amor; o programa de Reforço Escolar; a campanha Doe Sangue no Minas; um evento de adoção de cães e gatos; a compra de automóvel para o projeto Banho de Amor; e a realização de 80 cortes de cabelo no Minas I, destinados à produção de perucas doadas para o Hospital das Clínicas.

Em 2023, Carlos Henrique Martins Teixeira, vice na gestão de Ricardo Vieira Santiago, assumiu a presidência, dando continuidade aos projetos iniciados e ampliando-os. Sob sua liderança, o Minas Tênis Clube consolidou-se ainda mais como um espaço em que esporte, educação, lazer e cultura influenciam encontros e decisões na cidade e no estado de Minas Gerais. Com foco em estratégias inovadoras de gestão e por meio de uma escuta ativa, o Clube tem se mostrado atento aos seus sócios e funcionários, realizando pesquisas de satisfação anuais. Com base nesses levantamentos, são desenvolvidos indicadores de desempenho, que orientam ações concretas de melhoria contínua do relacionamento com seus principais públicos.

Nos triênios 2017-2019 e 2020-2022, Carlos Henrique exerceu a vice-presidência nos mandatos de Ricardo, grande amigo e companheiro de infância. Nesse período, dedicou-se ao aprimoramento da gestão do Minas Tênis Clube, atuando diretamente na definição das diretrizes e estratégias institucionais e de Recursos Humanos. Suas habilidades administrativas sustentaram decisões importantes, sempre com o propósito de preservar o Clube como uma instituição sólida, dinâmica e respeitada.

Ao assumir a presidência em 2023, Carlos Henrique demonstrou clara determinação em manter o Clube como referência em gestão, na formação esportiva e no cuidado com os minastenistas. Para isso, estabeleceu como prioridade a humanização das relações, promovendo o diálogo aberto e estreitando os vínculos com os associados. A atuação de Carlos Henrique tem se concentrado em fortalecer os laços entre a diretoria, o Conselho Deliberativo e os associados. Com o compromisso de entregar um Clube cada vez melhor, ele tem promovido a conciliação de interesses, visando à constante melhoria da infraestrutura para mais comodidade e excelência no atendimento aos associados.

Eu sempre fui um mix de pai e mãe. Papai [Urbano Santiago] era movido a energia. Mamãe era coração. Creio que é importante manter acesa a história do Clube. Em caso contrário, pode-se perder a essência, nossa razão de ser. Na minha gestão, fomos austeros, mas solidários. – Ricardo Vieira Santiago, vice-presidente do Conselho Administrativo do Minas Tênis Clube; ex-atleta da seleção de vôlei e presidente do Clube de 2017 a 2022 (depoimento de 2024).

O fortalecimento da área de educação também é uma das metas centrais de sua gestão. É nesse pilar que o sócio inicia a sua jornada no esporte, por meio do curso básico e dos cursos esportivos e artísticos. Entre os esforços empreendidos, destaca-se o incentivo à ampliação de turmas para atender à fila de espera para ingressar nos diversos cursos. Atualmente, o Minas Tênis Clube atua como parceiro de várias instituições de educação, fornecendo metodologias para cursos esportivos e artísticos por meio da Escola de Esportes, um dos “braços” do pilar Educação. Por meio dessa parceria, alunos de várias escolas de Belo Horizonte e cidades do interior do Estado desenvolvem o seu potencial esportivo e artístico com o que há de melhor e mais moderno, seguindo o mesmo modelo aplicado no Clube.

Os cursos esportivos e artísticos, conduzidos por profissionais altamente qualificados, continuam a formar crianças e jovens como bons cidadãos, muitos dos quais seguem trajetória rumo ao esporte de alto rendimento e ao viés artístico no mundo da dança.

No esporte, a captação de patrocínios para as equipes de base e de alto rendimento também foi reforçada, com a formalização de importantes parcerias e o reforço da captação de projetos incentivados.

Durante sua gestão, o Centro Cultural Unimed-BH passou a operar em sua plenitude, com a implantação de duas salas de cinema e da biblioteca, consolidando o compromisso do Clube com a disseminação da arte, da cultura e do lazer para todas as idades.

O Clube entrou em 2025 com grandes desafios: finalizar o Plano de Melhorias da área de Alimentos e Bebidas, implantar o *Plano Diretor do Minas II*, consumir o Instituto Minas Tênis Solidário, fazer as obras de melhoria e restauração da Casa Rosada para abrir o espaço para a população de Belo Horizonte e ainda realizar um robusto calendário de eventos especiais de 90 anos para comemorar com os associados e com a sociedade essa data emblemática.

Membros da Diretoria e da Comissão de Compliance do Minas Tênis Clube, em abril de 2023. Ao fundo: Kouros Monadjemi, presidente do Conselho Deliberativo (à esquerda), e Rodrigo Pereira Ribeiro de Oliveira, assessor de Compliance (ao centro). À frente: Carlos Henrique Martins Teixeira, presidente do Clube. **Foto:** Orlando Bento



Capítulo 4

UMA CIDADE CHAMADA MINAS

O Minas Tênis Clube expande suas unidades e prepara-se para novos desafios estruturais, com projetos de ampliação interna e de espaços para cultura, lazer, educação, esporte e sustentabilidade. Ao todo, conta com 1.181 funcionários, 38 instituições parceiras, cerca de 60 patrocinadores, mais de 82 mil associados e o apoio de leis de incentivo municipais, estaduais e federais. Os Cursos Educacionais atendem 9.257 alunos em 12 cursos esportivos e 2 cursos artísticos. A visitação aos espaços culturais (Teatro, Centro de Memória, Galeria de Arte, Café Cultural, Espaço Expositivo, Biblioteca e Salas de Cinema), todos abertos à comunidade, registra um fluxo anual médio de mais de 212 mil pessoas.

Nas unidades urbanas, o Clube oferece aos seus associados uma ampla gama de serviços, como restaurantes, salões de festas, bares, saunas, academias de ginástica, salão de beleza, barbearia, salões de jogos, caixas eletrônicos, entre outros. Como “esporte de lazer”, os sócios podem frequentar cursos e praticar futebol de salão, peteca, *squash*, *beach tennis*, vôlei, basquete, judô, tênis, além de natação. Os parques aquáticos contam com uma Piscina Olímpica voltada tanto para o ensino quanto para a recreação.

No Minas Country, além da estrutura para atividades esportivas e de lazer, os associados contam com cerca de 150 mil m² de mata nativa, onde podem praticar arvorismo, escalada e trilhas em áreas preservadas. Já no Minas Náutico, eles têm à disposição espaço para guardar barcos e caiaques, utilizados nas atividades aquáticas na Lagoa dos Ingleses, que circunda o condomínio Alphaville, em Nova Lima.

Desde sua inauguração, em 1935, a evolução do Clube é inquestionável, tanto no que se refere ao lazer e à integração do associado quanto ao estímulo ao “esporte de competição”, à cultura universal e à educação, a qual é a base para a formação de cidadãos éticos e preparados para a vida. Em cada uma de suas nove décadas

Sede Social do Minas I, vista da rua da Bahia, em dezembro de 1941. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

▲
Praça de Esportes do Minas I, em 1942.
Foto: Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Prédio do Relógio, na época da inauguração da Praça de Esportes do Minas Tênis Clube, em 27 de novembro de 1937. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Ser mineiro é esperar pela cor da fumaça.
É dormir no chão pra não cair da cama.
É plantar verde pra colher maduro.

É não meter a mão na cumbuca.
É não dar passo maior que as pernas.
É não amarrar cachorro com linguiça.

Porque mineiro não prega prego sem estopa.
Mineiro não perde trem. – Rocha, [20–].

de existência, a instituição sempre esteve um passo à frente do seu tempo. Por isso, nunca perdeu a capacidade de aliar tradição e ousadia, mostrando que, em Minas Gerais, como diz o ditado popular, “mineiro não perde o trem”.

Minas I: onde tudo começou

Tuíca Rabello fez ginástica com o professor Macedo, frequentou as rodas de história da Tia Célia, brigou com João Bolinha na portaria e fez muitas piadas com outro antigo funcionário do Clube. Começou a frequentar o Minas aos 3 anos, foi nadador, jogador de vôlei e basquete e praticante de judô. Deu saltos ornamentais no trampolim com Lamparina, tomou café com JK quando ele ainda era governador – após pleitear a dispensa das aulas durante os Jogos Universitários de 1952 – e não perdia a Missa Dançante do Minas.

A conversa iria longe se Júnia, a esposa de Tuíca Rabello, não fizesse a observação: – Atrás de todas as portas dos banheiros femininos, a gente lia o nome Tuíca cercado por um coração. Ele ri, todos riem.

O Clube da rua da Bahia foi, durante muitos anos, sinônimo do Minas Tênis Clube, até a inauguração da Sede Social do Minas II, no alto da avenida Afonso Pena. Desde o dia 15 de novembro de 1935, ele permanece presente na vida dos belo-horizontinos e dos associados que vieram do interior para trabalhar ou estudar na nova capital. Ao longo desse tempo, o Clube precisou se adaptar ao crescimento da cidade e da população, além de atender às exigências da profissionalização do esporte, já que se tornou celeiro de campeões.

A partir do *Plano Diretor do Minas I*, aprovado em 1998, a estrutura física da unidade foi verticalizada e passou a ocupar 73.720 m² de área construída no coração do bairro Lourdes, na confluência com os bairros Santo Antônio, Savassi e Funcionários, ocupando o quarteirão delimitado pelas ruas Espírito Santo, Antônio Aleixo, da Bahia e Antônio de Albuquerque. Nesse local, existem duas edificações tombadas pelo Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural da cidade: a Sede Social, na esquina das ruas Antônio Aleixo e da Bahia, e o Prédio do Relógio, no centro do terreno.

Cercado por muros e janelões de vidro, o Minas I é um cartão-postal de Belo Horizonte. É formado por três grandes edificações: o Centro de Treinamento Juscelino Kubitschek, que oferece infraestrutura para as equipes de competição – quase todos os atletas treinam nele; o Centro de Lazer, que conta com espaços modernos e ideais para o bem-estar dos sócios; e o Centro de Facilidades, no qual estão o prédio administrativo e o Centro Cultural Unimed-BH Minas, aberto ao público para promover a cultura para todos os mineiros.

Os associados podem desfrutar do Parque Aquático, com a Piscina Olímpica e a Piscina Infantil; das piscinas cobertas e descobertas; de restaurantes, café, sorveteria e bares; de uma moderna academia; do Espaço Teen; das saunas masculina e feminina; das quadras de tênis, vôlei, futebol soçaite, peteca e *squash*; de pistas de caminhada; de salões de sinuca, de jogos e de festas; da Arena UniBH, onde se realizam jogos importantes dos times do Clube; dos cursos próprios e também dos oferecidos por empresas parceiras; e de lojas variadas.

Outros espaços de usufruto dos associados também podem ser frequentados pela comunidade, a exemplo do Centro Cultural Unimed-BH Minas – com Teatro, Centro de Memória, Galeria de Arte, Café Cultural, espaço expositivo, Salas de Cinema, e Biblioteca – e do estacionamento, com 757 vagas. Todas as áreas dispõem de acessibilidade universal. O acervo com as histórias de nove décadas do Clube está guardado no Centro de Memória Minas Tênis Clube, que tem como patrono Brenno Renato, torcedor símbolo e coletor de peças que posteriormente compuseram parte do acervo.

Entre essas memórias, figuram as recordações da Turma do Onças. Um dos quatro remanescentes do grupo original, fundado e comandado durante anos por Mendes Júnior, Tuíca Rabello se lembra do porquê do nome. No passado, um grupo de senhores



Fachada posterior da Sede Social do Minas Tênis Clube, em 1940. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Eu era menino quando Juscelino veio com Pedro Penido, que era então o secretário da Educação, salvo engano; tem até retrato dele lá no painel. Então, resolvi pedir ao Juscelino para dispensar os meninos da aula para a gente acompanhar os jogos dos universitários. Um cara mais velho, que trabalhava ali, falou: “Você não é doido de ir”. Eu falei: “Vou”. “Então vai”, e fui. Cheguei e falei: “Juscelino!” “O que você quer, meu filho?” “O senhor podia dispensar as aulas para a gente acompanhar as Olimpíadas Universitárias?”. Ele achou aquilo ótimo, riu e me convidou para ir ao Palácio tomar café com ele no dia seguinte, pela manhã. Eu fui, no dia seguinte, tomar café com ele; estavam começando as Olimpíadas Universitárias lá no Ginásio. Ginásio que veio me dar tantas alegrias, como atleta e como diretor. Depois, eu fui chamado pelo Urbano e pelo Sânzio para ser diretor de vôlei. O espaço total da minha vida é o Minas. Os outros Minas eu não frequento, mas ao Minas I, venho toda manhã: nado, faço minha ginástica, converso com os meus amigos, vou para casa, almoço, volto, venho jogar baralho, depois desço para o restaurante, bato um papo e vou para casa. Não sei o que seria da minha vida sem o Minas. – José Ronald Rabello (Tuíca), ex-atleta e ex-diretor do Minas Tênis Clube (depoimento de 2007).

membros do Lions Clubs International se reunia no restaurante do Clube. Foi aí que surgiu a ideia de criar um grupo do próprio Minas Tênis Clube, por ironia chamado Onças, que reunia mais de 40 sócios. Tuíca foi o último a entrar e era o integrante mais jovem. Hoje, o grupo ainda se reúne, embora esteja menos numeroso.

Seja nos dias nublados ou ensolarados, as portarias estão sempre abertas para os sócios. Com mais de 80 anos, Tuíca Rabello frequenta a Piscina diariamente para a prática de natação, sempre lembrando que, ali, ainda criança, sua vida se ligaria para sempre à do Clube (assim como muitas e muitas outras).

Moinhos que movem sonhos

Dizem alguns autores que a sua primeira aventura foi a de Porto Lápice; outros, que foi a dos moinhos de vento. Mas o que pude averiguar, e o que achei escrito nos anais da Mancha, é que ele [Dom Quixote] andou todo aquele dia e, ao anoitecer, ele com o seu rocim se achava estafado e morto de fome; e que, olhando para todas as partes, a ver se se lhe descobriria algum castelo ou alguma barraca de pastores onde se recolher e remediar sua muita necessidade, viu não longe do caminho uma venda, que foi como aparecer-lhe uma estrela que o encaminhava, se não ao alcáçar, pelo menos aos portais da sua redenção. Deu-se pressa em caminhar e chegou a tempo, que já a noite se ia cerrando. – Cervantes, 2002, p. 30.

Miguel de Cervantes escreveu *Dom Quixote* no início do século XVII, quando as novelas de cavalaria estavam em alta, com seus belos heróis e grandes feitos em busca de justiça e amor. O personagem, um senhor de 50 anos, feio e sonhador, foi apelidado de Cavaleiro da Triste Figura por Sancho, seu fiel escudeiro. A obra é uma



◀ Obras de construção do Minas II, em 1984.
Foto: Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

paródia dessas novelas, e seu personagem principal, apesar de frequentemente se dar mal em suas aventuras, é movido pelo desejo de fazer o bem.

A ideia da construção de um novo clube veio de Sânzio Mendes, na época em que ainda era diretor. Ele percebeu a necessidade de ampliar os espaços para comportar o aumento do número de associados, pois os filhos e netos dos sócios também se tornavam sócios até a maioria. Outra razão foi a necessidade de uma estrutura maior para atender à demanda crescente por áreas de treinamento para atletas de alto desempenho.

Para conseguir seu objetivo, Sânzio precisou envolver a diretoria jovem do Clube, que se posicionou a favor da empreitada. A decisão foi levada para aprovação do Conselho Deliberativo. Alguns consideraram o projeto um sonho, um exagero ou uma pretensão. Mas Sânzio sabia o que queria e o quanto a ideia era viável. Insistiu, “foi chamado de Dom Quixote” (Rodrigues, 1996, p. 287), mas solicitou uma chance e propôs o início de uma negociação com o Poder Público, dada a representatividade do Clube para a cidade e para o estado de Minas Gerais.

O local escolhido para o empreendimento foi a antiga Favela do Carioca, situada a três quarteirões da avenida Afonso Pena, no bairro Mangabeiras, zona nobre de Belo Horizonte. Como a comunidade local era urbanizada, com rede de telefone instalada e comércio estruturado, a desocupação da área era um desafio. Era necessário promover uma negociação política para a doação do terreno e, em seguida, para a desapropriação. O interlocutor era o então prefeito Oswaldo Pierucetti.

Mas Pierucetti disse não, pois havia acabado de adquirir um terreno no bairro Renascença destinado à comunidade carente. Achou que seria um contrassenso realocar a Carioca e doar seu terreno para um clube. Sânzio não se fez de rogado e argumentou que ele tinha razão em atender os mais pobres, mas apoiar o Clube significaria fortalecer a função social que essa instituição exercia, sempre com seriedade e ética, desde a sua inauguração. Pronto: Pierucetti cedeu, e o primeiro moinho de vento estava vencido.

A doação dos quarteirões de número 87, 88 e 89 da 8.ª Seção Suburbana de Belo Horizonte ao Minas Tênis Clube foi autorizada pelo prefeito por meio da Lei 2.371, de 25 de outubro de 1974, que destinava o terreno à construção de um centro esportivo e recreacional, esclarecendo também que o ônus da desocupação



◀ Inauguração do Minas II, em dezembro de 1984. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

do espaço ocorreria por conta do donatário e estabelecendo que deveriam ser mantidos, em suas dependências ou na unidade da rua da Bahia, os cursos permanentes de ginástica, natação e outros, destinados à educação física e ao esporte. O Clube deveria também realizar competições esportivas, cívicas, culturais ou recreativas, sem ônus para os participantes, quando promovidas pelos governos da União, do Estado e do Município, ou por entidades mantidas por eles.

Em seguida, teve início a obra do Minas II, um dos maiores e mais modernos empreendimentos esportivos de Minas Gerais, numa área de 30 mil m². Essa unidade marcou uma nova fase na vida do Clube, que agora poderia destinar quase todo o seu espaço na rua da Bahia ao treinamento de suas equipes de competição de alto nível técnico e com representatividade nacional e internacional. O Minas II voltou-se para a prática do esporte como lazer dos associados e para a realização de grandes festas, a exemplo do Réveillon e da Festa Junina, que contavam agora com um Salão Principal com capacidade para até 800 pessoas. O segundo moinho rendeu honras ao seu enfrentador e, em 22 de dezembro de 1984, o Clube recebeu autoridades, dirigentes e associados para a inauguração da Praça de Esportes, seguida da abertura da Sede Social da unidade, em outubro de 1986.

Hoje, o Minas II oferece amplo gramado e o Ginásio para eventos sociais e recreativos ao ar livre. A Sede Social abriga o restaurante aberto ao público, academia com salas de musculação e atividades coletivas, além de saunas, sala de TV, salão de beleza e a tradicional sinuca. Os sócios dispõem ainda do Parque Aquático com Piscina Olímpica, Parque Aquático Infantil, piscinas cobertas e descobertas, quadras de tênis, vôlei, futebol soçaite, peteca e *beach tennis*, Espaço da Criança, amplo estacionamento com 406 vagas, atendimento médico permanente e acessibilidade universal.

A fim de garantir mais conforto, espaço de lazer e estrutura de esporte para os sócios, o Clube deu início, em janeiro de 2025, à primeira etapa de seu *Plano Diretor do Minas II*, que consiste na construção de um *deck* e quiosques na área da piscina e da varanda, além da remodelação do gramado. Essa proposta de reforma considera critérios de inovação, sustentabilidade e tecnologia de ponta na escolha das metodologias aplicadas. Ela foi precedida por escuta ativa dos associados, para priorizar as melhorias. Mais uma vez, a energia que moveu Sânzio Mendes tornou-se



Vista aérea do Minas II, no bairro Mangabeiras, em 2000. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube ▶

necessária. O Minas II enfrentará, nos próximos anos, seu terceiro moinho – e com certeza sairá vencedor.

O *Plano Diretor do Minas II* contempla também os quatro pilares do Minas Tênis Clube. No pilar Lazer, está prevista a construção de outras áreas para eventos e o incremento do Espaço da Criança. No pilar Cultura, a Sede Social passará a acomodar novos serviços, alguns deles abertos ao público. No pilar Esporte, será construído um complexo para treino e competições das equipes de ponta da natação, que hoje se preparam no Minas I, além de novas quadras abertas e fechadas. Por fim, no pilar Educação, o investimento será feito na Academia, nos cursos artísticos (dança e música) e nos cursos de vôlei, basquete, futsal, judô, karatê e *beach tennis*, que representam, no mínimo, a metade da frequência dos sócios à unidade de segunda a sexta-feira.

Quando ontem é hoje e amanhã

Bernardo da Cunha Pereira levantou-se cedo, como de costume. Depois do café, preparou a bike e saiu para pedalar. A imagem do Minas Náutico à sua esquerda, no Alphaville, trouxe muitas lembranças do pai, Simão Viana da Cunha. Foi assim que a cota do Minas chegou-lhe às mãos em 1970. herdada do pai, que, por sua vez, a herdou de José Gomes Teixeira, tio-avô da mãe de Bernardo e um dos fundadores do Clube, o Minas acabou por tornar-se sua segunda casa. “A veia esportiva da minha vida está associada a esse Clube”, pensou.

Desde o tempo em que observava o professor Macedo dando aulas de ginástica olímpica no Minas I, quando sua rotina incluía uma ida diária ao Minas Náutico, Bernardo nunca competiu, mas sempre se exercitou por gosto e interesse. Ali, fez muitos amigos e viu os filhos nadarem. Hoje, não perde a chance de realizar longas caminhadas ao redor da Lagoa dos Ingleses, com um olho na água e o outro no barco.



A cerimônia de inauguração foi assim, com muita alegria, justamente na ocasião em que eu ia tomar posse [como presidente do Minas Tênis Clube]. Foi convidado o governador Hélio Garcia. Estiveram presentes autoridades municipais, vereadores, prefeitos, além de representantes eclesiais e militares. Foi uma festa completa da sociedade de Belo Horizonte, que culminou com a inauguração da Praça de Esportes durante o dia e, como parte da comemoração, o presidente – eu – foi jogado na água, com roupa e tudo. Levei na brincadeira e até achei bom, pois estava fazendo muito calor. – Sânzio Valle Mendes, ex-atleta e ex-presidente do Minas Tênis Clube (depoimento de 2007).



▲
Passeio em barcos a vela na Lagoa dos Ingleses, no Minas Náutico, em abril de 2006.

Foto: Victor Schuwaner

Em novembro de 1995, na gestão do presidente Paulo Eduardo Almeida de Mello, depois de uma longa negociação com a empresa Lagoa Grande e após a assinatura do contrato de posse, o Minas Tênis Clube tornou-se proprietário de um terreno de 117 mil m² às margens da Lagoa dos Ingleses. Três anos depois, em março de 1998, foi constituída a associação civil Minas Tênis Náutico Clube, com sede em Nova Lima. Havia chegado a oportunidade para ultrapassar os limites do município e instalar mais um espaço no condomínio Alphaville, na Região Metropolitana de Belo Horizonte.

A região, cercada por montanhas e matas no caminho para o Rio de Janeiro, mostrou-se o local ideal para um clube náutico, no qual se pudessem praticar esportes aquáticos e modalidades tradicionais do Clube. Naquele entorno, cercado por condomínios horizontalizados, a demanda por serviços e lazer crescia sem parar, impulsionada por famílias que optaram por morar fora do perímetro urbano da capital.

Além de vender cotas para os futuros moradores do condomínio, que começava a ser habitado, o Clube abriu-se para a associação de novos residentes da região e, é claro, para quem já possuía cotas do Minas Tênis Clube. A diferença é que foi dada a opção àqueles que desejassem frequentar somente o Minas Náutico e, nesse caso, os novos associados não teriam entrada livre nas demais unidades.

Em março de 2000, a primeira etapa do Minas Náutico foi concluída, e a inauguração das novas instalações contou com uma grande festa, impulsionada pela apresentação da banda Titãs e pela presença do então governador de Minas Gerais, Newton Cardoso, e do presidente, Sérgio Bruno Zech Coelho. Desde sua fundação, o Minas Náutico é gerido pelo mesmo presidente, pelo vice-presidente e pela mesma diretoria do Minas Tênis Clube, embora conte também com diretores específicos. Em 2025, a unidade completa 25 anos de existência.

No projeto original, o Minas Náutico surgiu com a Sede Social e a Sede Administrativa, uma lanchonete, três quadras de tênis, piscina de recreação, lagoa e um píer com serviços de locação de lanchas e pedalinhos. Na segunda etapa, concluída em 2018, foram construídos o Pavilhão de Esportes e Eventos (contendo áreas administrativas), um salão de festas para 2.500 pessoas, três piscinas cobertas

e aquecidas, sala para aulas coletivas, quadras de *squash*, *beach tennis*, peteca e tênis, saunas, varanda panorâmica, restaurante, lanchonete da piscina, tatame, academia, sanitários e vestiários, estacionamento com 238 vagas, campos de futebol soçaite e guarderia para barcos e docas. Nesses espaços, os sócios podem armazenar equipamentos particulares ou alugar embarcações, como pedalinhos, caiaques, canoas canadenses, pranchas de *stand-up*, *paddle* e *bike boat*.

Na educação, o Minas Náutico iniciou suas atividades com cinco alunos inscritos no curso de tênis e na academia. Agora, conta com mais de 2.000 alunos. Em 2024, a unidade entrou na terceira fase de obras de infraestrutura, que envolve a reforma e a duplicação da capacidade do restaurante, além da construção do Bar da Lagoa, da Piscina Olímpica e de 14 quadras de *beach tennis* – modalidade que faz sucesso absoluto no Clube e o transforma em uma “praia mineira”. O Pavilhão de Esportes e Eventos também será ampliado para abarcar todos os cursos oferecidos, novas quadras poliesportivas e um parque temático infantil com foco na área náutica.

A evolução se fez sentir também no número de gestores e colaboradores. Inicialmente, a unidade contava com cinco funcionários para atividades educacionais e recreativas. Hoje, conta com mais de 30 profissionais. No total, as equipes operacional, administrativa, comercial e de manutenção somam mais de 150 funcionários. Depois que Dom Quixote abriu o caminho para que o Minas Tênis Clube fosse mais longe, o Minas Náutico confirmou que moinhos existem para serem enfrentados.

O clube sem muros

Dudu saiu da quadra encharcado de suor: – Essa partida foi das boas, apertada, é assim que gosto de jogar! Eduardo Duarte Braga, os parceiros e os adversários de peteca eram membros do Abacantão, turma criada na década de 1970 e que se renovava com novos filiados, entre eles o próprio Dudu. O local da reunião,



▲
Vista aérea do Minas Náutico, em 2024.

Foto: Pedro Gravatá

Com uma infraestrutura invejável, o Minas III promete tornar-se um espaço de lazer moderno e funcional, onde o minastenista poderá passar momentos de agradável lazer e ainda participar de esportes radicais, desfrutando de uma das mais belas paisagens naturais, próximas de Belo Horizonte. Novo espaço, novo ímpeto de compromisso com o lazer, o Minas III se faz sob a tradição conjugada aos ideais contemporâneos de bem-viver. – Ávila; Miranda, 1999, p. 157.

Atividade de arvorismo no Minas Country, em 2005. **Foto:** Fox Fotografias



um velho abacateiro cujos frutos raramente davam o ar da graça, era palco, todos os domingos, às 11h, de conversas acaloradas sobre política e futebol e de boas piadas.

Sócio do antigo Country Clube, incorporado pelo Minas em 2000, Dudu dividiu com Tonico (Antônio Carvalho), Picolé (Mário Tedeschi) e Dino (Raimundo Moura), entre outros companheiros, a alegria de ver o Clube renovar-se, mantendo sua característica de recanto natural. Ainda hoje, quando participa dos poucos encontros que persistem após a pandemia, ele se lembra de causos, como o do dia em que uma abelha picou o lábio do saudoso Joel Madureira, e foram todos parar no posto médico às gargalhadas.



A fundação do Country Clube, em maio de 1933, na sede das encostas da Serra do Curral, em um lugar chamado Acaba-Mundo, foi contemporânea à do Minas Tênis Clube. Localizada desde 1958 no bairro Taquaril, região leste da capital mineira, a Unidade Campestre ocupa uma área de cerca de 230 mil m², dos quais pouco mais de 130 mil são de mata nativa. Em 2002, a área foi reconhecida pela Secretaria de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável de Minas Gerais e pelo Instituto Estadual de Florestas (IEF) como Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN).

O projeto arquitetônico, elaborado pelo mesmo arquiteto que assina o Ginásio do Minas I, na rua da Bahia – Raphael Hardy Filho –, é único. Até então, a Unidade I e a Unidade II eram conhecidas por serem espaços eminentemente urbanos, mas esse cenário mudou. Pouco antes da incorporação, o então Country Clube recebeu do Ibama o título de primeiro espaço urbano de Minas Gerais reconhecido como Área de Soltura de Animais Silvestres. Por essa razão, a unidade não possui muros, o que facilita a circulação da fauna local.



Centro Prudential de Excelência do Tênis, em 2025. **Foto:** Hedgard Moraes

Conhecido no passado por suas comemorações juninas e pela Festa da Primavera, o local tornou-se unidade do Minas Tênis Clube no ano 2000, após uma incorporação feita por seus dirigentes em 1998. Na assembleia geral dos sócios, realizada em setembro daquele ano, Dudu ouviu de Zech as vantagens trazidas pela incorporação.

Assim, teve origem o Minas Tênis Country Clube, um reduto de diversão e paz, vocacionado para o lazer em família, que reuniu os sócios da antiga agremiação e os associados do Minas Tênis Clube. Cercado por árvores de copa farta, com 13 churrasqueiras ao ar livre e duas trilhas para caminhada, oferece infraestrutura e profissionais especializados para as práticas de arvorismo e escalada, atendendo adultos e crianças.

Em 2019, foi elaborado um Plano Diretor para a unidade, com o propósito de garantir acessibilidade universal, mais comodidade e novas opções de lazer para os sócios, sem afetar a mata preservada. A primeira etapa das obras de infraestrutura, iniciada no mesmo ano, contemplou a construção do Espaço da Criança, de uma nova área de lazer e de uma lanchonete. A segunda fase das obras abrange a ampliação do estacionamento, e a terceira prevê a implementação de mais quadras poliesportivas, um ginásio coberto e outra área de eventos.

Hoje, os associados dispõem de piscina adulta e piscina infantil, toboágua, restaurante, lanchonetes, saunas, salão de jogos, estacionamento com 400 vagas, e quadras poliesportivas, além das destinadas exclusivamente a peteca e tênis. O espaço é o paraíso dos peladeiros, pois a demanda pelo futebol na unidade é muito grande.

Nas quadras do Centro Prudential de Excelência de Tênis da Unidade Campestre, realizam-se os treinos das equipes principais desse esporte. Nessas quadras também ocorrem campeonatos infantojuvenis, como o Campeonato Brasileiro Interclubes (CBI), que reúne tenistas de todo o Brasil e conta pontos para o *ranking* nacional da Confederação Brasileira de Tênis (CBT).



Espaço de lazer do Minas Country, em 2024. **Foto:** Hedgard Moraes

Capítulo 5

PÓDIO DE CAMPEÕES

Ao longo de sua história, o esporte consolidou-se como um dos quatro pilares fundamentais que sustentam a razão de ser do Minas Tênis Clube, justificando grande parte do afeto que o clube desperta em seus associados, instrutores, técnicos, treinadores, demais colaboradores, dirigentes e atletas de todos os níveis. A ideia de um espaço onde o esporte pudesse ser praticado não somente como atividade física, mas também como facilitador de interação social e da formação humana uniu-se ao desenvolvimento da prática competitiva. Isso resultou na revelação de campeões e talentos em todas as modalidades oferecidas.

Aprovada em 1975, durante o governo de Ernesto Geisel – presidente do Brasil entre 1974 e 1979 –, a Lei Geral de Esportes representou um forte estímulo para a futura profissionalização do esporte no país. Entre seus dispositivos vigentes até hoje, o artigo 45 determina que, para fins de Imposto de Renda, “podem ser abatidas da renda bruta ou deduzidas do lucro as contribuições ou doações feitas por pessoas físicas ou jurídicas às atividades esportivas que proporcionem a prática de pelo menos três esportes olímpicos” (Brasil, 2023, art. 45).

No final dos anos 1970, o Clube criou a Coordenadoria Técnica Executiva (CTE) para gerenciar todas as atividades relacionadas à Praça de Esportes, abrangendo as áreas administrativa e esportiva. O setor esportivo foi dividido em duas áreas principais: a competitiva e a recreativa, ambas contando com professores especializados em contínuo aperfeiçoamento técnico. Para assessorar a CTE, foi criada a Superintendência Geral de Esportes (SUGESP). O impacto dessa reorganização foi imediato: o número de alunos matriculados nos cursos esportivos cresceu significativamente, passando de uma média mensal de 206 inscritos em 1975 para 1.135 em 1977, um aumento superior a 400% entre 1976 e 1980.

Em 1989, o Clube promoveu uma alteração em seu estatuto – cuja mais recente atualização, de abril de 2024, mantém essa premissa – e assumiu o compromisso



▲ Atletas da equipe Fiat/Minas celebram a conquista do Campeonato Brasileiro Absoluto de Natação – Troféu Maria Lenk, em 2011.
Foto: Orlando Bento



Angela e Erika, atletas do Minas Tênis Clube, erguem a taça da Superliga de Vôlei 2001/2002. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Atleta do Minas realiza sessão de fisioterapia no Centro de Medicina Esportiva, em 2023. **Foto:** Orlando Bento

de desenvolver atletas olímpicos em pelo menos três das nove modalidades competitivas que oferece. São elas: tênis, natação, basquete, vôlei masculino, vôlei feminino, futsal, ginástica artística, judô e ginástica de trampolim – esta última, introduzida a partir dos anos 2000. Com essa medida, o Clube investiu na formação de equipes de alto desempenho que já se destacavam nos cenários nacional e internacional, fundamentando, com essa estratégia, a política de patrocínio incentivado por lei, inicialmente adotada no vôlei e posteriormente estendida a outras modalidades.

Outro ponto importante foi a integração da medicina esportiva, pioneira no esporte minastenista, ao conceito mais amplo de ciência do esporte, que envolve múltiplas áreas da saúde, como nutrição, fisioterapia, preparação física, ortopedia, psicologia, práticas de monitoramento e avaliação sistemática. Essa abordagem científica tem sido essencial para apoiar e acompanhar os atletas, aprimorando seu desempenho e sua evolução. Atualmente, a medicina esportiva do Minas Tênis Clube é referência nacional e tem contribuído decisivamente para o alcance das metas de excelência da instituição.

A profissionalização das equipes esportivas tornou-se uma realidade no Clube. Atualmente, seus atletas contam com o apoio do Comitê Brasileiro de Clubes e são beneficiados com recursos provenientes de leis federais e estaduais (de Minas Gerais) de Incentivo ao Esporte, como ocorre nos projetos Formação e Desenvolvimento de Atletas por meio da Integração das Ciências do Esporte e Formação e Desenvolvimento de Atletas da Natação. Esses mecanismos de incentivo possibilitam o apoio financeiro de empresas a projetos esportivos aprovados pela Secretaria de Estado de Desenvolvimento Social (SEDESE).

O suporte das leis, do patrocínio institucional e dos recursos próprios investidos faz com que o Minas Tênis Clube mantenha equipes cada vez mais competitivas, o que tem resultado na conquista de importantes títulos nacionais e internacionais em todas as modalidades esportivas oferecidas. Ao longo do tempo, o Clube contou com diversos patrocinadores, entre eles Fiat Automóveis, Unimed-BH, Coroa Brastel, Citibank, Caixa, Itaminas, Cemig, Café Três Corações, MRV, Catalão Veículos, Copasa, Telemig Celular, Vivo, Pitágoras, BH Shopping e Lacqua di Fiori, parceiros importantes em grandes títulos. Além disso, o Clube ocupa atualmente o primeiro lugar no *ranking* brasileiro de clubes, posição que mantém há 12 temporadas, embora não consecutivas.

Irene Pinto Gualberto com uniforme tradicional do tênis, em 1955. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Ao longo de seus 90 anos de história, o Clube acumulou milhares de títulos individuais e coletivos, tendo muitos deles não sido registrados em função da falta de rigor documental na época em que foram conquistados. A partir de 1975 – com a criação do *Jornal do Minas*, que formalizou a comunicação com os sócios –, as conquistas dos atletas minastenistas passaram a ser divulgadas regularmente. Em 2005, o jornal mudou seu formato e tornou-se a *Revista do Minas*, distribuída mensalmente, assumindo o papel de informar aos sócios as atividades do Clube e formar a opinião de seus leitores.

Outro marco importante foi a criação do Acervo Histórico, em 1997, concebido a partir da coleta de diversos objetos feita pelo torcedor símbolo Brenno Renato Martins da Costa. Em 2007, o setor passa a levar seu nome, em homenagem àquele que sempre se preocupou com a memória do Clube. Alinhado com os propósitos da instituição em ampliar suas atividades culturais, em 2013 é inaugurado o Centro de Memória Minas Tênis Clube. Após um longo período de reestruturação, o que antes era o Acervo Histórico passa a adotar diretrizes museológicas em suas atividades, contando com equipe especializada e preocupada com os princípios de preservação, pesquisa e difusão de acervo. A culminância desse processo se deu por meio da exposição de longa duração *Minas Tênis Clube: várias histórias*, que, ao longo desses 12 anos de existência, não parou no tempo, tendo passado por diversas ativações a fim de mostrar ao público quão rico é seu acervo. Atualmente, conta com mais de 50 mil itens, organizados em Reserva Técnica, dos quais 3 mil fazem parte da exposição de longa duração, aberta ao público no quinto andar do Centro de Facilidades do Minas I. O Centro de Memória oferece a pesquisadores, sócios, atletas, dirigentes e à comunidade em geral a oportunidade de aprofundar seus conhecimentos sobre a história da agremiação e do esporte brasileiro.

Atualmente, o esporte minastenista é referência nos cenários nacional e internacional. O Clube investe continuamente no desenvolvimento de seus quase mil atletas, utilizando ferramentas como o *Boletim do Esporte*, que registra as avaliações periódicas das condições físicas e psicológicas dos competidores, sempre com o objetivo de proporcionar o melhor ambiente possível para treinos e resultados. Sob a orientação de técnicos – geralmente ex-atletas sêniores –, jovens com potencial competitivo são selecionados nas categorias de base para todas as modalidades oferecidas. Além





Antigo Ginásio e Prédio do Relógio do Minas Tênis Clube, em 1961. **Foto:** Bruno Roberto Martins da Costa

disso, o processo seletivo social, aberto à comunidade, constitui outra importante fonte de futuros campeões, oferecendo oportunidade a quem não é sócio e, muitas vezes, não teria condições financeiras para investir em um treinamento profissional.

O Antigo Ginásio

Se Paulo Macedo Gontijo carregava um orgulho, era o de ser sócio-fundador número 5 do Minas Tênis Clube. Mas agora sua honra era ainda maior. Como o sétimo presidente do Clube, ele queria iniciar seu mandato naquele ano de 1947 com força total no esporte e nas promoções sociais.

Seus antecessores – Olinto Fonseca Filho, Everardo Vieira e João de Lima Pádua – haviam deixado a terra arada e fértil para o fortalecimento e a consolidação do esporte competitivo no Clube. Ali, as ideias só se tornavam projetos se fossem discutidas e aprovadas pelos diretores.

Olhou-se no espelho e ajeitou a gravata. O horário da posse se aproximava. Em sua cabeça, pairavam sonhos grandiosos. Nem sua paixão pelo basquete do América iria atrapalhar o novo desafio – ah, não iria mesmo! Agora era correr para o abraço. Saiu de casa em direção à rua da Bahia.

Com o fim do Estado Novo e a deposição de Getúlio Vargas, em outubro de 1945, cada um dos interventores estaduais precisou se desligar de seu cargo. Em Minas Gerais, não foi diferente. Depois de 12 anos no poder, Benedito Valadares deixou seu cargo no Palácio da Liberdade. O período de transição durou até janeiro de 1947, quando foram realizadas eleições para o governo estadual. Esse cenário se refletiu na gestão do Minas Tênis Clube, que teve três presidentes entre 1945 e a posse de Paulo Macedo Gontijo, em 1947.

As transformações políticas, socioeconômicas e culturais que tiveram lugar nesse período histórico criaram a base desenvolvimentista do país, cujo núcleo passou

a ser a industrialização. Com o fortalecimento do modelo industrial em detrimento da agricultura voltada para a exportação, o esporte ainda era visto pelo Estado como condição para o aprimoramento e a preparação de uma juventude mais forte, mais saudável e pronta para atuar no desenvolvimento da nação.

Milton Campos, o novo governador de Minas Gerais, assumiu o poder com a missão de democratizar e promover reestruturações após anos de autoritarismo, divulgando as ideias liberais em que acreditava. Para isso, apresentou um Plano de Recuperação Econômica para o Estado, com a proposta de fazer investimentos em infraestrutura, em especial nos setores elétrico e de transporte.

Amante incondicional do esporte, Gontijo foi nomeado pelo novo governador mineiro, por indicação de um amigo, Emílio de Brito, concunhado de Milton que frequentava o Onças. Essa associação, criada nos primórdios do Clube e tendo à frente o diretor e mais tarde presidente José Mendes Júnior, foi registrada em cartório, mantendo membros efetivos e reuniões quase diárias no restaurante da rua da Bahia, as quais acontecem até hoje. Trata-se de um verdadeiro “jornal vivo”, pois ali as notícias da política, da economia, da cultura e, é claro, do esporte, em especial do Minas Tênis Clube, são compartilhadas e analisadas cotidianamente.

O trabalho de Paulo Gontijo ficou marcado pela insistente determinação em trazer ao Minas Tênis Clube o espírito de clube, abandonando a crença de um espaço semipúblico. Além disso, Gontijo reviu os princípios vigentes da disciplina imposta aos atletas, que era excessivamente rígida em relação à forma de se comportar diante dos adversários, o que impedia que eles se defendessem – e essa exigência também se estendia às torcidas. Em outras palavras, o presidente inspirou o espírito da autodefesa das equipes entre todos os esportes e trabalhou muito para que os atletas minastenistas se tornassem mais competitivos.

Na gestão de Gontijo, a Piscina foi reformada para propiciar melhores condições a nadadores, atletas e sócios, integrando as benfeitorias realizadas no Departamento Aquático, entre elas a rampa que interliga a Sede Social à Praça de Esportes. Outras construções empreendidas por ele nas dependências esportivas incrementaram a infraestrutura para os atletas da casa e dos times visitantes. Seu trabalho culminou com a assinatura do contrato e o início das obras de construção de um ginásio coberto



▲
Antigo Ginásio do Minas Tênis Clube, em 1952. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

(o Antigo Ginásio), para o qual precisou conseguir recursos que, na época, já não eram tão fáceis como no período da fundação do Clube.

O Antigo Ginásio tinha capacidade para 6 mil pessoas e tornou-se um marco no desenvolvimento do esporte mineiro, sediando disputas históricas, além de *shows* internacionais, festas, concursos e formaturas. Até 1980, quando o Mineirinho foi construído na região da Pampulha, foi o maior espaço de eventos esportivos e culturais de Minas Gerais. Sua inauguração ocorreu em 1952, durante a realização dos Jogos Universitários Brasileiros, um ano após a saída de Gontijo da presidência, e foi possível graças ao apoio do poder público. Em homenagem ao governador, o Antigo Ginásio recebeu o nome de Juscelino Kubitschek.

Outra importante ação do presidente foi o cancelamento do subsídio concedido ao Clube pela Diretoria de Esportes de Minas Gerais (DEMG). Na época, a entidade distribuía subvenções para todas as agremiações mineiras, mas, na gestão de Gontijo, o Minas Tênis Clube atingiu sua independência econômica, o que o levou a prescindir do valor mensal. De certa forma, talvez esta tenha sido a primeira ação de peso no sentido de desvincular o Clube do poder estatal.

Por sua vez, enquanto fortalecia o espírito de equipe, Gontijo era fortemente contrário ao chamado profissionalismo “marrom”, denominação dada às primeiras iniciativas de profissionalização do esporte amador e que significava a concessão de incentivos financeiros aos jogadores. Até então, a diretoria mediava a obtenção ou promoção de emprego externo para os atletas, valendo-se dos relacionamentos dos dirigentes com o mercado. Além disso, o Clube arcava com o pagamento de despesas de locomoção e de hospedagem, em especial nas viagens das equipes. Só mais tarde, os casos de gratificação com bens ou dinheiro tiveram lugar. Entretanto, por parte dos próprios times, havia forte resistência à prática, pois jogar era visto como algo que se fazia por prazer e por amor ao Clube.

No entanto, essa visão apaixonada do esporte praticado exclusivamente como dedicação do atleta (ou “amadorismo”) trazia uma séria questão. Na faixa infantojuvenil, o Clube preparava campeões. Porém, quando o atleta dessa faixa precisava definir seu futuro e encarar o vestibular, esse jovem deixava o esporte. O Clube não podia fazer qualquer exigência nessa situação, pois poderia prejudicar a formação do jovem para sua possível futura carreira como médico, dentista, engenheiro, administrador, entre outras. Sem o profissionalismo que estava por vir, o Minas Tênis Clube jamais seria um celeiro de campeões.



▲
Inauguração do Antigo Ginásio do Minas Tênis Clube, em 1952. *Da esquerda para a direita:* Joaquim Mendes Souza (*em pé*), presidente do Clube; Gerson Sabino, diretor de basquete; Juscelino Kubitschek, governador de Minas Gerais; e coronel Pedro Paulo Penido, reitor da Universidade de Minas Gerais. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Cinquenta anos em cinco

Os olhos de Augusto Frederico Schmidt brilhavam enquanto Juscelino Kubitschek terminava de ler o papel que o conselheiro lhe entregara minutos antes. E, quando encarou o amigo e confidente de novo, JK sorria.

– Genial, meu caro, genial! É isso mesmo que penso e desejo. Genial!

O papel continha a proposta do slogan da campanha de JK à presidência do Brasil, “Cinquenta anos em cinco”, que levou este mineiro de Diamantina a tomar posse como o vigésimo quarto presidente da nação no dia 31 de janeiro de 1956.

– Vamos cantar pra comemorar, Augusto, vamos cantar!

E todos ao redor ouviram a dupla entoar com animação os versos da cantiga de roda que marcou as horas boas e ruins da vida de JK: “Como pode o peixe vivo viver fora da água fria?”.



Antes de se tornar líder do país, de 1956 a 1960, Kubitschek atuou na prefeitura de Belo Horizonte, entre 1940 e 1945. Ficou conhecido como “prefeito furacão”, graças à sua incansável capacidade de mobilizar recursos e pessoas para modernizar a capital. Belo Horizonte havia sido projetada para uma população de 200 mil habitantes, mas já somava quase 570 mil naquele momento. É dessa época a construção do Complexo Turístico da Lagoa da Pampulha, pretenso pulmão de Belo Horizonte, além de obras de saneamento e pavimentação das principais avenidas da cidade.

Kubitschek destacou-se no cenário político e governou Minas Gerais entre 1951 e 1955, eleito com quase 200 mil votos de vantagem sobre o adversário Gabriel Passos, também udenista, como Milton Campos. Em 1952, durante a inauguração do Antigo Ginásio do Clube, Kubitschek esteve presente ao lado do seu amigo e colega de medicina, Joaquim Mendes Souza, a quem indicou como oitavo presidente do Clube, cargo que Souza ocupou entre 1951 e 1953.

Cada setor começou a apoiar o outro: a turma da natação ia torcer pelo basquete, o basquete ia torcer para o vôlei. Criou-se, então, um espírito de clube. Eu peguei o barbeiro do Clube torcendo acintosamente contra [...]; botei-o na rua, no dia seguinte. Quase que eu saio do Clube também porque ele era o barbeiro do Pedro Aleixo, do Sandoval de Azevedo. – Paulo Gontijo, presidente do Minas Tênis Clube de 1947 a 1951 (depoimento de 1994).



▲
Solenidade de posse realizada na Sede Social do Minas Tênis Clube, em 1952. *Da esquerda para a direita:* Paulo Macedo Gontijo (*em pé*), presidente cessante (gestão 1947-1951); Lêda Gontijo; Juscelino Kubitschek, então governador de Minas Gerais; Bertha Jeha de Souza; e Joaquim Mendes de Souza, empossado presidente para o mandato 1951-1954. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

No governo mineiro, Kubitschek criou a Companhia Energética de Minas Gerais (Cemig) e construiu cinco usinas hidrelétricas, triplicando o poder energético do Estado. Ele também reorganizou o Departamento Estadual de Rodagem (DER), consolidando o binômio Energia e Transporte, que ajudou a elegê-lo. Um clima de entusiasmo dominava o país, especialmente nas áreas urbanas. Ademais, o esporte contribuía para isso, fazendo da capital mineira uma das cidades mais respeitadas no cenário esportivo do Brasil, e grande parte desse reconhecimento se devia às glórias do Esporte Especializado Amador obtidas pelo Minas Tênis Clube.

Mendes Souza foi o responsável pela inauguração do Antigo Ginásio e, ao final de sua administração, em 1953, o Clube reconquistou o título de campeão mineiro de basquete. Naquele período, o Clube investiu na profissionalização dos técnicos de esporte amador em todas as categorias, das de base às de primeira divisão. Até 1957, o vôlei do Clube, então comandado por Adolfo Guilherme – um dos sete samurais –, era visto como o mais tecnicamente avançado do país.

Até que Kubitschek deixasse a presidência da República, em 1960, depois de construir Brasília e de implantar o Plano de Metas, que deixou em seu governo a marca do mais expressivo crescimento econômico do país até então, o Minas Tênis Clube teve mais dois presidentes. O primeiro foi José Bolívar Drummond, atleta e campeão em várias modalidades esportivas, que cumpriu dois mandatos (de 1953 a 1955, e de 1957 a 1959). O segundo foi Carmelino Pinto Coelho (de 1955 a 1957).

Drummond e Coelho eram amantes do esporte, mas, também em seu tempo, as vitórias e conquistas eram vistas como resultado somente do espírito de equipe e da paixão dos atletas. Drummond ficou conhecido pela reforma administrativa e pelo saneamento financeiro que promoveu no Clube. Coelho estimulou a área social, iniciou o processo de solicitação da posse do terreno da rua da Bahia junto à prefeitura de Belo Horizonte e foi o responsável pela contratação do técnico Antônio Carlos Campos do Amaral, o Cacique.

Cacique criou a primeira equipe de futebol de salão, quase simultaneamente ao nascimento do esporte no país, em meados dos anos 1950. Ele buscou, entre os craques de várzea do bairro Funcionários, a base do time que disputou o primeiro campeonato mineiro em 1956, e conquistou o terceiro lugar. Nesse período, jogar futebol de salão no Clube tinha vantagens, como a oferta de material esportivo para as competições.

Evaldo Tavares, atleta da primeira equipe de basquete do Minas Tênis Clube, em 1938. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Mas a profissionalização do esporte ainda estava por vir. Quase todo atleta costumava se perguntar, às vésperas do vestibular e referindo-se ao Minas Tênis Clube: “Como poderei viver, como poderei viver, sem a tua, sem a tua, sem a tua companhia?”.

A profissionalização do esporte

Sânzio Valle Mendes não estava para brincadeiras e sabia esperar o momento certo de fazer as coisas. Filho do então presidente do Clube, José Mendes Júnior, que liderou a agremiação de 1965 a 1980, ele assumiu, no final da década de 1970, o cargo de diretor-geral, a pedido do pai. Sempre atento ao que acontecia no mundo, Sânzio percebeu o crescimento do interesse pelos espetáculos esportivos, que se tornavam um tipo de “produto” veiculado pela mídia de massa. Ali estava germinando a semente do marketing que daria origem ao esporte como bem de consumo. Pensou: “É uma oportunidade de ouro!” Seu pai, figura marcante em inúmeras decisões que beneficiaram o Clube desde a sua inauguração – mesmo antes de presidi-lo por 15 anos –, ainda não via o esporte por essa perspectiva. Daí que Sânzio teve que esperar dez anos até assumir, ele mesmo, a presidência e revolucionar o esporte, que, de “marrom”, passou a profissional.

É preciso voltar um pouco na história do Minas Tênis Clube para compreender como se deu a profissionalização definitiva do esporte. Entre 1959 e 1965, a presidência do Clube coube ao desembargador João Gonçalves de Mello Júnior, indicado pelo governador José de Magalhães Pinto. Este, por sua vez, foi quem cunhou o famoso lema que marcou o Estado: “Minas trabalha em silêncio”. Mello Júnior promoveu reformas completas na Praça de Esportes e iniciou as obras de expansão. Durante sua gestão, o Brasil assistiu ao golpe civil-militar de 1964, primórdio da repressão e da ditadura que daria lugar a vários mecanismos de controle social pelo governo federal.

Normalmente, as pessoas que gostavam demais do esporte e treinavam as equipes não recebiam nada. Foi um processo gradativo, forçado pela pressão e pela exigência de recursos para a pessoa sobreviver e se dedicar mais, porque a gente saía do trabalho, qualquer que tivesse, e ia treinar no Clube. – Herbert de Almeida Dutra, ex-atleta e ex-técnico do Minas Tênis Clube (depoimento de 1994).



Atleta Marta Miraglia, destaque do vôlei feminino do Minas Tênis Clube, durante treino, em 1962.
Foto: Bruno Roberto Martins da Costa

Amigo particular de José Mendes Júnior, empresário e vice-presidente durante várias gestões, Mello Júnior, décimo primeiro presidente do Clube, se valeu da experiência do companheiro para ajudá-lo a elevar o patamar do Clube em todos os setores, em especial o esportivo. Sua contribuição foi tão importante que existe uma área de lazer com seu nome no prédio da antiga Sede Social do Minas I.

Não foi nenhuma surpresa Mendes Júnior chegar à presidência em 1965, sucedendo o desembargador. Indicado pelo governador Israel Pinheiro, o conhecimento do empresário – que criou e dirigiu a construtora Mendes Júnior – acerca do Clube era inquestionável. Ele foi um dos diretores mais influentes, inclusive no tempo anterior à sua gestão.

Logo de início, Mendes Júnior teve uma conquista expressiva: a posse definitiva do terreno onde o Clube estava instalado, concedida como doação pela Prefeitura de Belo Horizonte, que até então detinha esse direito. Essa decisão da prefeitura foi justificada como um reconhecimento pelo relevante papel do Clube na educação esportiva dos jovens da cidade. Em dezembro de 1967, assinou-se a escritura pública de doação do terreno.

Mendes Júnior acreditava que o Minas Tênis Clube devia priorizar a formação do jovem pelo esporte e não admitia violência. Por causa de um grave acidente envolvendo um jogador de futebol de salão – modalidade considerada agressiva na época –, suspendeu a prática desse esporte no Clube e desvinculou a agremiação da Federação Mineira de Futebol de Salão, da qual o Clube havia sido um dos fundadores. Ao mesmo tempo, incentivou todas as outras modalidades, permitindo que os técnicos recrutassem atletas em colégios e clubes, desde que o esporte permanecesse essencialmente amador.

Na década de 1970, essa realidade começou a mudar. Alguns clubes passaram a contratar atletas em todo o país para compor suas equipes, como ocorreu no vôlei, por exemplo. Essas contratações incluíam o pagamento de recompensas financeiras pelo talento dos jogadores. O Minas Tênis Clube foi afetado por esse processo e, em 1973, perdeu dois jogadores do vôlei para o Santos.

Neste contexto, o Clube reagiu à situação e passou a ofertar moradia e alimentação para os atletas de fora, incluindo os das modalidades de natação, vôlei e basquete, além de bolsas de estudo e atendimento médico e odontológico para todos. No final



Equipe Fiat/Minas desfila em veículo do Corpo de Bombeiros pela avenida Afonso Pena, em Belo Horizonte, em celebração à conquista do tricampeonato brasileiro de vôlei, em 1987. À frente do grupo, em destaque, o técnico sul-coreano Young Wan Sohn. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

dos anos 1970, os jogadores de vôlei passaram a receber uma ajuda de custo mensal, subsidiada pelo Clube.

Algun tempo depois, no momento da elaboração do Plano de Reformulação do Esporte Brasileiro, o Minas Tênis Clube enviou ao Ministério da Educação e Cultura a sugestão de criar uma regulamentação específica para incentivos e segurança, de modo que os atletas amadores não precisassem parar de competir para buscar uma profissão. Assinaram o documento três ex-atletas do vôlei minastenista: Sérgio Bruno Zech Coelho, Urbano Brochado Santiago e Nelson Bartels.

O apoio de Sânzio, então diretor-geral, foi fundamental para a decisão de buscar patrocinadores que garantissem a formação e a atuação de equipes esportivas campeãs. Na gestão seguinte à de Mendes Júnior, conduzida por Ariosvaldo Campos Pires (1980-1983), o Clube assinou seus primeiros contratos de patrocínio esportivo para as equipes de natação, basquete e vôlei. A experiência pioneira e bem-sucedida foi a do vôlei, patrocinada pela Fiat Automóveis. Enquanto diretor, Sânzio trabalhou intensamente pela profissionalização do esporte e pela ampliação do Clube.

Internamente, as equipes tiveram que se reinventar diante da exigência de especialização dos jogadores na formação dos times. Antes, as horas de treinamento eram limitadas; agora, os atletas passaram a treinar mais vezes, além de ocuparem posições específicas conforme a atuação de cada um na quadra. Os técnicos buscavam incessantemente conhecimento atualizado em outros estados e países para melhorar o desempenho dos jogadores. Este foi ainda um período de investimento do Clube em Medicina Esportiva, Medicina Preventiva, Ortopedia, Estética e Psicologia.

Foi também na gestão de Ariosvaldo que a premente necessidade de mais espaço para a prática do esporte competitivo e de esporte de lazer no Clube encontrou solução. Embora as instalações tenham sido ampliadas com os novos espaços para basquete, vôlei e judô, ainda permaneciam pendentes as questões relacionadas à Piscina para Aprendizagem, ao sistema de aquecimento da Piscina Olímpica, à lanchonete e aos novos vestiários.

Então, Sânzio Mendes apresentou a ideia, que foi aprovada pela diretoria, autorizando o início da construção da nova unidade, o Minas II, no terreno onde antes ficava a Favela da Carioca, no bairro Mangabeiras, área nobre da capital mineira.

Equipe de natação do Minas Tênis Clube na Piscina Olímpica do Clube, em 1950. *Da esquerda para a direita:* Murilo Fonseca, Fernando Pavan, Alberto Valle Mendes e Danilo Magnavacca. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



A nova estrutura foi projetada para acomodar o número crescente de associados, marcando o início da expansão do Clube para outras regiões de Belo Horizonte. Algum tempo depois, em 1984, Sânzio foi indicado para a presidência, cargo que ocupou até 1986. Durante seu mandato, os esportes de competição foram fortalecidos por meio de patrocínios, o que permitiu a todas as modalidades uma significativa evolução técnica e a conquista de importantes títulos nacionais e internacionais.

Hoje, o Minas Tênis Clube mantém equipes de alto nível e atletas constantemente convocados para seleções estaduais e nacionais das diversas modalidades esportivas. O Clube dispõe de 887 atletas de base e 236 atletas de ponta federados, organizados em equipes competitivas nos oito esportes olímpicos em que compete – vôlei masculino, vôlei feminino, natação, basquete, ginástica artística, ginástica de trampolim, tênis e judô.

A natação campeã do Minas

Marcus Mattioli levantou a cabeça. Em seu peito brilhava a medalha de bronze. Era a segunda medalha de bronze do Minas Tênis Clube em Jogos Olímpicos (a primeira foi conquistada por Moysés Blás, em 1960). Como atleta do revezamento 4×200 m livres, ele encantou o mundo nadando nas raias de Moscou, naquele ano de 1980, que se tornaria um importante marco para ele e para o Minas. Lembrou-se de quando, ainda menino, ouviu dos pais que aquele era o melhor caminho para vencer a asma. Ele e seus três irmãos acataram o conselho. Valeu a pena: a piscina entrou de vez na vida de Marcus. Mesmo tendo, ainda adolescente, matado treino pra jogar pelada do outro lado do Clube, isso jamais o desviou do que se tornou sua paixão. “Pronto” pensou. “Agora é oficial: virei campeão olímpico de natação!”



Fernando Pavan durante disputa do Campeonato Sul-Americano de Natação realizado em Lima, no Peru, em 1951. Pavan foi o primeiro atleta do Minas Tênis Clube a participar de uma edição dos Jogos Olímpicos, na competição de Helsinque, na Finlândia, em 1952. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

o grande salto da modalidade ocorreu em 1987, quando o Clube profissionalizou e internacionalizou sua equipe. Para isso, trouxe dos Estados Unidos um novo técnico de natação, Steve Betts, que atuou durante um ano, até ser substituído por Brad Vicent Hering, também estadunidense. A iniciativa fez parte de um convênio de intercâmbio esportivo internacional.

Em 1995, o Clube foi sede da 17.ª edição da Copa Latina de Natação, que contou com a participação de 113 atletas vindos de países como Argentina, Espanha, França, Itália, Paraguai e Peru, entre outros. A seleção brasileira ficou com o quarto lugar geral, recebeu 15 medalhas e bateu dois recordes. Esse evento colocou definitivamente o Minas Tênis Clube no circuito internacional de natação. A partir desse momento, o Clube vem fortalecendo sua representação em eventos de grande porte, como demonstrou ao quebrar a hegemonia entre paulistas e cariocas no Troféu Brasil, a mais importante competição de natação brasileira.

Outros esportes aquáticos também marcaram a história do Clube de forma inesquecível: o polo aquático, cuja equipe foi vice-campeã em 1946, representando a Federação Universitária Mineira (FUME) na Olimpíada Universitária Brasileira, em São Paulo; os saltos ornamentais (praticados

Marcus Laborne Mattioli, do Minas Tênis Clube, exibe sua medalha de bronze na natação conquistada nos Jogos Olímpicos de Moscou, na então URSS, em 1980. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube





◀ Intercâmbio de natação realizado na Piscina Olímpica do Minas I, em 2005. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

no trampolim do Minas I, desativado após a década de 1960); e o balé aquático, que deu origem a um grupo de nove nadadoras treinadas pela professora Eva Tiomno, um grande sucesso nos anos 1950.

Por décadas, os nadadores do Clube se consagraram campeões dentro e fora do país, elevando o nome do Minas Tênis Clube ao panteão dos vencedores. Nas piscinas, sempre prevaleceu o espírito de equipe, legado do primeiro samurai, Carlos de Campos Sobrinho, o Carlito, somado ao empenho de tantos técnicos, treinadores, profissionais de saúde esportiva e dirigentes que se dedicaram para que o brasão do Clube estivesse sempre presente nos pódios.

A quantidade de nadadores do Clube que representaram o Brasil nos Jogos Olímpicos aumentou consideravelmente ao longo do tempo. Entre os atletas, destaca-se Thiago Pereira, que, em 2007, conquistou oito medalhas nos Jogos Pan-Americanos do Rio de Janeiro, sendo seis de ouro, tornando-se o maior medalhista em uma única edição dos jogos. No Japão, em 2020 e 2021, a edição dos Jogos Olímpicos de Verão de 2020 foi realizada em 2021, em razão das diretrizes sanitárias governamentais adotadas durante a pandemia de covid-19; sete nadadores do Clube estiveram em Tóquio: Aline Rodrigues, Beatriz Dizotti, Vinicius Lanza, Julian Sebastian (defendeu a Argentina), Bruno Fratus e Fernando Scheffer (esses dois últimos conquistaram medalha de bronze). Na França, em 2024, três nadadores do Clube compuseram a seleção brasileira: Nicolas Albiero, Fernando Scheffer e Eduardo Moraes.



Treino da equipe de natação no Parque Aquático Arezzo&Co, no Minas I, em 2025. **Foto:** Hedgard Moraes

José Francisco Filho (Pelé), destaque do vôlei masculino do Minas Tênis Clube, em 1984. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Partida de vôlei decisiva entre as equipes Fiat/Minas e Atlântica/Boa Vista, realizada no Maracanãzinho, na cidade do Rio de Janeiro, pela final da série “melhor de três”, em 1985. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



O vôlei que fez um Pelé

José Francisco Filho ajeitou a camisa e entrou para comunicar sua saída do time de vôlei masculino do Atlético Mineiro ao então dirigente do clube, Elias Kalil: “O Minas Tênis Clube está repatriando seus atletas, presidente, e vai me pagar o equivalente a dois carros Voyage agora e outro valor igual em doze vezes. Não posso perder essa oportunidade!” Depois de quatro horas de conversa para obter sua liberação, Pelé do Vôlei, que já era o melhor atacante do esporte no Brasil, saiu do apartamento com destino certo. Seu próximo passo era comprar a casa da mãe, promessa feita na infância, quando ainda era um menino abrigado na extinta FEBEM. De volta ao Ginásio do Minas, sua garra e determinação ajudaram a trazer para o Clube a glória de ver seu time tricampeão brasileiro de vôlei por três anos consecutivos: 1984, 1985 e 1986. Só então a aquisição de sua própria casa foi possível, e, para lá, feliz como nunca, ele se mudou com a esposa Yolanda e os dois filhos.

Marcos Andrade, Evaldo Tavares, Rúbio Ferreira Souza, Maurício Wanderley, Neddy Gosling, Jair Renault de Castro e Edgard Leite de Castro formaram uma das primeiras equipes de vôlei masculino do Minas Tênis Clube no final dos anos 1930 e início dos anos 1940. Foi assim que tudo começou. Nessa época, os campeonatos regionais se intensificaram e o time do Clube viajava pelo interior de Minas Gerais, o que representava quase uma premiação para quem jogava por pura paixão.

O vôlei chegou ao Clube pelas mãos de filhos e parentes de Necésio Tavares, o primeiro presidente, que jogavam em quadras de casas particulares na cidade. O time tinha o nome do presidente e era formado por Cícero Ferreira, Délio Tavares, Evaldo Tavares, Jair Renault de Castro, Rúbio Ferreira Souza e Sebastião Pinheiro Chagas.

Em 1948, a chegada de Adolfo Guilherme trouxe novos ares à modalidade e os títulos se ampliaram significativamente. Durante sua carreira, esse técnico samurai conquistou

284 títulos, dirigiu dez vezes consecutivas as seleções brasileiras masculina e feminina de vôlei e venceu 71 dos 101 jogos internacionais dos quais participou. Aberto a novidades, Guilherme implantou no esporte do Clube várias técnicas inovadoras trazidas pelos próprios jogadores e pelo colega de profissão, Sylvio José Raso, primeiro técnico do vôlei. Foi assim com a introdução da manchete e da invasão de bloqueio, em 1964, ano em que a equipe minastenista foi campeã brasileira pela primeira vez. Mais tarde, outros técnicos trouxeram mais novidades para o jogo, como a defesa feita com os pés, em 1994; a inclusão do líbero, jogador especializado em atuar na zona de defesa; e a introdução do sistema de pontos por rali, em 1998.

Durante os anos 1950, o time masculino de vôlei brilhou nas partidas realizadas no Antigo Ginásio, especialmente nos Jogos Universitários Brasileiros, oficializados em 1941. O gosto popular por esportes coletivos, como o vôlei e o basquete, crescia a olhos vistos naquele período, e o Minas Tênis Clube investia cada vez mais na formação de equipes campeãs.

Único clube do país a disputar todas as edições do Campeonato Brasileiro – que começou como Taça Guarani de Clubes Campeões ou Taça Brasil e, mais recentemente, em 1994, passou a ser denominado Superliga – o Minas Tênis Clube soma nove títulos no vôlei masculino. No total, o Clube tem 15 títulos nacionais, e a conquista mais celebrada, contra a Atlântica Boa Vista, no Rio de Janeiro, acaba de completar 40 anos.

Uma viagem no tempo leva o leitor ao ginásio do Maracanãzinho, no Rio de Janeiro. Era 22 de janeiro de 1985. De um lado, entra em campo o time de vôlei masculino da Atlântica Boa Vista. Do outro lado, a equipe Fiat-Minas, patrocinada desde 1982 pela montadora de automóveis sediada em Betim, Minas Gerais. O técnico Young Wan Sohn, há pouco mais de um ano no Clube, aparece na quadra impassível. Ao lado dele, o assistente técnico Carlos Eduardo Guilherme, o Pacome, filho do lendário Adolfo Guilherme, mantém os olhos argutos no movimento dos adversários. Era o terceiro jogo das semifinais do Campeonato Brasileiro. Haja coração!

Young Sohn sabia que ali o Clube tinha muito mais do que um jogo. Implantara um esquema de treinamento bastante rígido, no qual os atletas treinavam oito horas por dia. Era o momento e a vez do time base e reserva, formado por Henrique Bassi, Urbano Brochado Santiago Filho, Ricardo Santiago – que seria presidente do Clube por dois triênios, no período de 2017 a 2019 e de 2020 a 2022 –, Renato Figueiredo, Geraldo Pedrosa, entre outros e, é claro, o melhor atacante do Brasil, Pelé do Vôlei, que voltara a jogar no Clube.



◀ Equipe Fiat/Minas no Ginásio do Minas Tênis Clube, em 1984. *Da esquerda para a direita, à frente:* Helder Zech Coelho, Geraldo Afonso Porto Pedrosa, Mário Marcos Procópio e Henrique Arthur de Azevedo Bassi; *ao fundo:* o técnico Young Wan Sohn, Alexandre de Oliveira Quites, José Eduardo Gattaz Bara, José Francisco Filho (Pelé), Antônio Sérgio Brandão, Euclides Cunha, Carlos Alberto Villar Castanheira (Cebola) e o auxiliar técnico Carlos Eduardo Guilherme (Pacome).
Foto: Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Naquele famoso jogo de 1985, uma multidão formada por 25 mil torcedores entoava o samba-enredo da escola de samba Império Serrano, feito para o carnaval do mesmo ano: “Bum, Bum Paticumbum Prugurundum!” A pressão do hino de vitória da equipe carioca só não era pior do que o famoso saque Guerra nas Estrelas, marca do jogador Bernard Rajzman. Mas o Clube virou o placar e venceu por 3 a 2 a equipe Atlântica Boa Vista, deixando a audiência perplexa. Segundo Pacome, talvez essa tenha sido a vitória mais comemorada do vôlei da casa. Pudera! O Clube chegou com tudo, até mesmo com um Pelé!

Vários atletas minastenistas representaram o Clube e o Brasil nos Jogos Olímpicos ao longo da história. Ao compor a seleção brasileira, esses jogadores ajudaram e ajudam a fortalecer o espírito de equipe que move os times que carregam o brasão azul e branco do Minas Tênis Clube.

A atleta que deu nome à praça

Yara Ribas enxugou os olhos de choro. Muita emoção... A carta de Dom Serafim Fernandes de Araújo, que havia sido pároco de sua cidade natal, Gouveia, em Minas Gerais, era um alento para a moça que queria voar. De Belo Horizonte, onde se preparava para assumir o cargo de bispo auxiliar de Dom João Resende Costa, Dom Serafim garantia a segurança dela. – Diga à sua mãe que por você eu me responsabilizo aqui e até na China. Yara sorriu. Era agora ou nunca. – Vou jogar vôlei, pensou. E foi.



Quem pensa que o vôlei começou somente com times masculinos está enganado. Já nos anos 1930, a chácara de Cícero Ferreira contava com uma quadra de vôlei onde treinava uma equipe feminina sob a orientação do técnico Renato Eloy de Andrade. Essa equipe era formada pelas professoras dos cursos de aperfeiçoamento em Educação Física e pelas jogadoras do time feminino de Necésio Tavares. O movimento não se limitava a esse espaço: a Escola Normal (atual Instituto de Educação), o colégio Izabella Hendrix e o Metodista de Belo Horizonte também mantinham seus próprios times de vôlei feminino.

Yara Ribas (à direita) orienta sua aluna ▶ durante atividade em quadra, em 1997.
Foto: Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Ainda em 1938, várias moças vestiram a camisa do Clube pela primeira vez para jogar contra o Izabella Hendrix. Naquela época, este era o único esporte coletivo praticado por mulheres, pois apresentava menor risco de choque entre as jogadoras, o que poderia causar lesões nas moças e incômodos morais às escolas católicas.

Por não ser considerado uma modalidade de embate, o vôlei feminino se desenvolveu muito a partir de 1940, especialmente porque o time do Minas Tênis Clube se sagrou campeão do Torneio Aberto, após vencer o América na final, em um campeonato que contou também com os times Paysandu e Atlético.

A chegada de Sylvio Raso ao Clube, como técnico dos dois times, mostrou que o vôlei daquela época era mais forte entre as mulheres. E, em que pese naquele momento haver 74 rapazes inscritos para jogar vôlei e somente 45 moças, o esporte foi associado ao universo feminino, e as atletas responderam a essa leitura com muita garra e dedicação.

Em 1957, o time foi campeão da cidade e do estado. Já em 1964, a equipe feminina de vôlei conquistou o título do torneio de Clubes Campeões do Brasil, que hoje corresponde à Superliga. O time contava com ninguém menos do que Yara Ribas, que partiu de Gouveia diretamente para as quadras do Minas Tênis Clube. Yara tornou-se professora, técnica e diretora de vôlei, chegando a conselheira nata, cargo que ocupa atualmente. Em sua cidade de origem, a praça onde jogava vôlei recebeu seu nome como forma de reconhecimento e homenagem.

Pouco antes de Yara, outra jogadora de vôlei se destacou: Marta Miraglia Martins. Sócia do Clube desde os 6 anos, ela se interessou pelo esporte aos 12 anos; aos 15, já fazia parte da seleção brasileira adulta e, aos 21, foi capitã da Seleção Brasileira de Voleibol Feminino, tendo como treinador o samurai Adolfo Guilherme. Vivendo a época em que as próprias jogadoras compravam seus pares de tênis, ela chegou a ser tetracampeã sul-americana de vôlei e se tornou Atleta Emérita do Minas Tênis Clube. Jogou somente por dez anos da sua vida, porém, além das vitórias e prêmios, recebeu uma medalha das mãos de Juscelino Kubitschek, no Rio de Janeiro.

A partir dos anos 1970, as atletas do vôlei minastenista conquistaram vários títulos em diversas categorias, com destaque para o vice-campeonato sul-americano adulto, em 1976, e numerosas vitórias nacionais.



Equipe Gerdau/Minas celebra no pódio a conquista do pentacampeonato da Superliga Feminina de Vôlei 2023/2024.
Foto: Hedgard Moraes



◀ Moisés Blás, com a bola, durante partida no Antigo Ginásio do Minas Tênis Clube, em 1962. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Dos Estados Unidos para o Brasil

Moisés Blás fechou lentamente a gaveta da cômoda enquanto segurava com a mão direita sua carteirinha de militante 467 do Minas. Pouco depois de começar a frequentar o Clube, entrando pelas frestas da cerca-viva que circundava a agremiação, ele praticava exercícios com o professor Macedo e, a partir disso, para o basquete foi um pulo. Foi essa contingência que lhe permitiu o acesso à famosa carteirinha, que garantia a jovens como ele praticar esportes sem pagar mensalidade. Tantas lembranças contidas ali, naquele pedaço de papel... Todos os seus desafios passaram por sua cabeça como num filme: os campeonatos do Ceará e da Colômbia; o contexto da Cortina de Ferro na Rússia, em 1956, durante os jogos da Federação Internacional de Basquete (FIBA); a Bulgária; a medalha de bronze nas Olimpíadas de Roma, em 1960; as viagens para Mar del Plata, Cuba, Indonésia; e tantos anos na Seleção Brasileira de Basquete Masculino até deixar as quadras, em 1965.

Mas era melhor voltar ao presente, naquele ano de 1986, em que o timão do Minas partia para mais um jogo do Torneio Interestadual de Basquete, no qual iria ser campeão, resultado que Blás apenas intuía.

— ◆ —

Graças ao professor Fred Brown, da Escola Superior de Educação Física de Chicago, o basquete despertou curiosidade e admiração entre os esportistas brasileiros na primeira década do século XX. Para isso, foi necessário que ele ministrasse várias palestras e conferências na Confederação Brasileira de Desportos, tornando-se preparador



do clube Fluminense de 1920 a 1927. O basquete chegou a Minas Gerais por intermédio da Associação Cristã de Moços (ACM), no início da década de 1930, e chegou diretamente nas quadras do América, primeiro clube a praticar o esporte no Estado, sob a batuta do técnico Renato Eloy de Andrade.

Como era de se esperar, em razão da importância que o Minas Tênis Clube ganhava na cidade, um dos primeiros jogos oficiais ocorreu em sua Praça de Esportes, em 27 de novembro de 1937. O time da casa enfrentou o Palestra Itália, de São Paulo, que saiu vencedor. Apesar da derrota, o Clube decidiu montar seu primeiro time de basquete, sob o comando de Gerson Sabino, cuja metodologia de seleção de jovens era peculiar: ele jogava a bola e, se o candidato a apanhasse, já podia começar a treinar. Além disso, Sabino mantinha contato permanente com os esportistas estadunidenses, recebendo deles filmes, apostilas, livros e conteúdos de cursos. Essa abordagem pioneira permitiu que o basquete do Clube dominasse a cena entre 1937 e 1944.

A partir daí, a equipe disputou verdadeiras batalhas contra o América, seu maior rival nos anos seguintes, o que levou Sabino a recusar receber os três melhores jogadores do time adversário, para não interromper o sabor das disputas de igual para igual. O trabalho era tão primoroso que, durante uma visita ao Minas Tênis Clube, Fred Brown se impressionou. Sabino, por sua vez, promovia torneios nos quais os sócios podiam jogar ao lado dos atletas, colocados como capitães do time, e isso ajudou a difundir o basquete como esporte de competição no Clube.

Com a construção do Antigo Ginásio, em 1952, Adolfo Guilherme, o samurai do vôlei, passou a treinar também uma equipe feminina de basquete, composta por nomes como Celma Carvalho – uma das maiores atletas da época, com destaque tanto no vôlei quanto no basquete feminino –, Heloísa e Iêda Pinheiro, Lúcia Brunauer, Zilah Santos, Marta Miraglia, Jane Augusta Vieira, entre outras mulheres que fizeram história no esporte do Clube. Quase todas elas também jogavam vôlei no Clube, mas a duração do time foi curta. Acreditava-se que o futebol e o basquete eram agressivos

◀ Disputa acirrada no garrafão entre as equipes KTO/Minas e Vasco, na Arena Uni-BH, NBB/Temporada 2024/2025. **Foto:** Hedgard Moraes



demais para as mulheres, podendo ocasionar doenças nos seios e no útero, além de outros tabus, hoje, felizmente, superados.

O tempo passou para o basquete no Clube. Em 1949, depois de um jogo contra o time da Universidade de Utah, nos Estados Unidos, a equipe minastenista passou a ser treinada por Dolan Condie, o Five, da equipe adversária, pois Sabino deixara o posto cinco anos antes. Isso fez com que os jogadores apresentassem grande progresso, integrando a Seleção Brasileira de Basquete.

Vinte anos depois, Luiz Gustavo Miranda Lage – que presidiu o Clube de 2014 a 2016 – também foi convocado para a Seleção Brasileira de Basquete e viajou para os Jogos Olímpicos de Verão de Moscou, em 1980. Pouco antes, jogando ao lado de Oscar Schmidt, ele aprendeu muitas lições e, aos 18 anos, tornou-se titular destaque junto com o jogador nascido no Rio Grande do Norte.

Ao longo dos anos, o Minas Tênis Clube desenvolveu um programa de base para a formação de atletas de basquete. Desde 2009, com a criação do Novo Basquete Brasil (NBB), o Clube participa com uma das mais notáveis equipes do país, cujos atletas já fizeram parte de dois Jogos Olímpicos. A história da equipe é repleta de conquistas: possui mais de 20 troféus no Campeonato Mineiro e venceu a Copa Super 8, bem como alguns torneios internacionais. Em 2007 e 2008, sediou os jogos da Liga Sul-Americana de Basquete. Nomes de peso no cenário nacional surgiram das quadras do Clube: Raul Togni Neto (Raulzinho), Guilherme Carvalho dos Santos (Gui), Demétrius Ferracciú e Alexandre Paranhos, entre outros.

Registro de uma disputa interna do Minas Tênis Clube válida pelo Campeonato da Cidade, em 1960. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Irene Gualberto (à direita), do Minas Tênis Clube, ao lado de outra atleta (não identificada), possivelmente após a final de um campeonato promovido pela Federação Mineira de Tênis, em 1940. O monograma da Federação Mineira de Tênis é visível no uniforme tradicional vestido por ambas. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



O esporte que batizou o Minas

Pedro Nava saiu da casa do bibliófilo Plínio Doyle, em Copacabana, com o som das risadas dos outros intelectuais ainda vibrando nos ouvidos. O Sabadoyle, como o encontro literário ficou conhecido a partir de 1964, era o acontecimento da semana e, em que pese suas muitas ocupações, Nava fazia questão de estar sempre presente.

O assunto daquela tarde de 1984 tratava da importância das memórias de infância e foi impossível não falar sobre ‘Balão cativo’, lançado em 1973, livro no qual o memorialista relembra sua vida de menino e jovem em Belo Horizonte, depois de vir de Juiz de Fora com a mãe em 1913.

Aos 80 anos, Nava olhou para o mar: – Foi um tempo de leveza – pensou. E, ao ver o oceano, recordou as montanhas e, no meio delas, chegou a lembrança dos jogos de lawn-tennis no Colégio Anglo-Mineiro, em 1914, com a visão de jogadores famosos e suas roupas elegantes, com gravatas nas cores do college que tinham frequentado: King’s, Trinity, Caius, Magdalen, Queen’s. O tênis era mesmo o mais nobre dos esportes e não foi por acaso que virou febre no Minas Tênis Clube.

O basquete, o vôlei, a natação e o tênis foram os esportes fundadores do Minas Tênis Clube. Desde os primórdios, o tênis, conhecido como o “esporte elegante”, era praticado na Praça de Esportes, onde havia três quadras iluminadas. Entre seus nomes notáveis, destacava-se o do samurai Augusto Galletti, responsável pela formação de centenas de atletas da modalidade que conquistaria muitos títulos e vitórias. Nas quadras, era necessário manter silêncio pleno, sob o risco de levar bronca de torcedores e tenistas. A modalidade despertava grande paixão em Waldomiro Salles Pereira, um dos fundadores do Clube, que via o tênis como esporte de lazer. Tamanha era a importância dessa modalidade no contexto da época que ela emprestou seu nome ao próprio Minas Tênis Clube.



O tênis era praticado por homens e mulheres. As primeiras jogadoras do Clube foram Gilda Wanderley e as irmãs Irene e Ivone Gualberto. Esse esporte era constantemente noticiado na mídia da época. Acredita-se que ele tenha chegado ao Brasil antes mesmo do futebol e que, da mesma forma, tenha sido trazido por ingleses. Contudo, manteve-se como um esporte de elite, enquanto o futebol se popularizou em todo o país.

Nos anos 1950, era comum observar multidões nas arquibancadas do Clube em torno das duas quadras de tênis. Ali se reuniam nomes como Manoel Fernandes, Alcides Procópio, Ricardo Pernambuco e Armando Vieira, que vinham jogar com os grandes atletas da casa: Waldomiro Salles, Eduardo e Oswaldo Borges da Costa, Hélio e Roberto Hermeto, Roberto Quintino dos Santos, Fernando Conde e, mais tarde, Carlos Alberto de Paula Salles e Guido dos Santos.

O Minas Tênis Clube ainda veria as vitórias de Pedro Carvalhaes, o Pepê, tenista de 1954 a 1973, vice-campeão mundial juvenil e decacampeão estadual de 1963 a 1973, além da tenista Maria Cristina Andrade, que foi campeã brasileira e sul-americana e recebeu ainda a medalha de prata nos Jogos Pan-Americanos, no México, em 1975. Na verdade, esse esporte no Clube nunca mais parou de formar campeões. Hoje, sua equipe de base é reconhecida como uma das mais fortes do tênis brasileiro. O Minas Tênis Clube foi o primeiro da América Latina a firmar parceria com o Club Roland-Garros, da França, que realiza um dos torneios de tênis mais renomados do mundo, ao lado do Australian Open, de Wimbledon e do US Open.

No Brasil, um dos torneios de tênis mais disputados é o Campeonato Brasileiro Interclubes (CBI). Em 2024, 16 atletas representaram o Minas Tênis Clube nessa competição de âmbito nacional, garantindo a terceira colocação na categoria feminina de 12 e 14 anos, além da categoria masculina de 14 anos. Na classificação geral, o Clube alcançou o sexto lugar, com 30 pontos. Atualmente, os atletas treinam no Centro Prudential de Excelência do Tênis, local que sedia anualmente a Copa Prudential, que leva o nome do patrocinador oficial do esporte no Clube e é voltado para atletas de 12 e 14 anos. O Centro está localizado no Minas Country.

Na atualidade, Marcelo Melo – primeiro brasileiro a atingir o topo do *ranking* mundial de duplas em 2015 – e Bruno Soares – que alcançou a segunda posição no *ranking* de duplas da ATP em 2016 – conquistaram títulos de Grand Slam, reconhecidos entre os torneios mais importantes do mundo. Essas conquistas atestam a significativa relevância do tênis do Minas Tênis Clube no cenário esportivo mundial e, especialmente, no olímpico.

◀ Equipe de tênis do Minas durante o Campeonato Brasileiro Interclubes, realizado no Centro de Excelência do Tênis, no Minas Country, em 2024.
Foto: Hedgard Moraes



Marcelo Melo, tenista, em visita ao Minas I, em 2024. **Foto:** Hedgard Moraes

Equipe sênior de judô, campeã mineira de 1988. Da esquerda para direita, à frente: Wander, Euler e Euclides; ao fundo: Sóstenes, Carlos Henrique Martins Teixeira e Antônio Moreira. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Quem nasceu para sensei, nunca perde a majestade

Carlos Henrique Martins Teixeira pegou o paletó dependurado no cabide da sua sala, no décimo segundo andar do prédio do Centro de Facilidades do Minas I. Da janela, a rua da Bahia se estende majestosa ao sol das 15 horas. Vigésimo terceiro presidente do Minas Tênis Clube, ele descera dali a pouco para participar da promoção de faixas do curso de judô. Seus olhos passeiam pelo horizonte que um dia foi mais belo.

Lá se vão 33 anos do dia em que recebera, ele mesmo, a faixa preta de judô no Clube que frequenta desde menino. Ali se educou, cresceu, fez amigos e criou família. Entre as lembranças que surgem, está a conquista de Campeã Mineira Júnior para a equipe juvenil que lutou em 1985 e da qual fez parte. Também lhe vêm à mente as décadas de 2003 a 2023, vividas no Minas como diretor do esporte que escolheu praticar: o judô.

Um nó na garganta insiste em apertar, mas o presidente sabe que precisa manter a serenidade para comemorar os 90 anos do Clube. A vida mudou muito, mas algo dentro dele repete insistentemente o emblema do poeta, jornalista e produtor cultural Rômulo Paes: “Minha vida é esta: ‘subir Bahia e descer Floresta’”.



A palavra judô significa, em português, “caminho suave”. O esporte é resultado da evolução do *jiu-jitsu* japonês, criado pelo mestre Jigoro Kânô, em 1882, em busca de uma filosofia de vida baseada na disciplina, na amizade e no respeito, visando encontrar a harmonia entre corpo e mente. O sufixo “dô” refere-se ao modo de vida dos povos agrícolas orientais, inspirados pelo trabalho colaborativo.

Murilo Eustáquio Santos Figueiredo, judoca do Minas Tênis Clube, conquista duas medalhas de bronze no Campeonato Mundial Universitário em Tóquio, no Japão, em 1967. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Inspirados na ideia de disseminar o judô como luta marcial baseada na arte da flexibilidade, os discípulos de Kânô viajaram o mundo para cumprir sua missão. Foi dessa forma que o esporte chegou ao Brasil, em 1914, trazido por Mitsuyo Maeda, o Conde Koma, que desembarcou em Porto Alegre, mas fincou raízes em Belém do Pará. Entretanto, somente nos anos 1940 o judô alcançou repercussão mais ampla, chegando ao Minas Tênis Clube em 1948, um ano após a criação do Departamento de Defesa Pessoal.

À frente da iniciativa, estava o professor Albano Augusto Pinto Corrêa Filho, um dos sete samurais do Clube. Entre as formas de apoio aos atletas que treinava, destacava-se a capacidade de ir para o tatame, com quimono e faixa preta, para treinar e lutar quando percebia insegurança na equipe. Seu filho, Albano Neto, seguiu os passos do pai e tornou-se professor do esporte.

O judô no Minas Tênis Clube teve adesão imediata, especialmente porque seu princípio não era competir, mas atuar com disciplina em casa, na escola e nas dependências do Clube. O que começou como culto à prática saudável e leal foi se transformando ao longo da história. Um desses atletas, aluno da segunda turma do professor Albano, foi Murilo Eustáquio Santos Figueiredo, que passou a frequentar o Clube aos 7 anos, em 1952, e começou a lutar aos 10 anos. Sua primeira medalha internacional conquistada pelo Clube foi em 1967, em Tóquio. Na época, o Clube fornecia aos atletas somente um quimono e um par de tamancos. Na campanha de 1972/1973, a equipe precisou promover o sorteio de um automóvel e de uma moto pela Loteria Mineira, com apoio do futuro presidente, Sérgio Bruno Zech Coelho, para financiar uma viagem à Europa para lutar.

Em 1964, o judô tornou-se um esporte olímpico, exatamente nos Jogos de Tóquio. Cinco anos depois, foi criada a Confederação Brasileira de Judô e, em 1972, o judoca japonês naturalizado brasileiro Chiaki Ishii conquistou a medalha de bronze inaugural do Brasil nas Olimpíadas de Munique, na Alemanha, na categoria meio-pesado. A academia desse judoca, localizada na Lapa, em São Paulo, tornou-se famosa por formar outros atletas olímpicos, como Walter Carmona e Rafael “Baby” Silva.

A década de 1960 foi bastante promissora para o judô em Minas Gerais. A expressiva imigração do povo japonês para o Estado, especialmente no Vale do Aço, propiciou a difusão da luta marcial entre os jovens que buscavam esportes de defesa pessoal. No Minas Tênis



Pasquale Boschi (em pé) durante treinamento no Ginásio de Judô do Minas I, em 1977. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Equipe KTO/Minas de Judô, em 2025. **Foto:** Hedgard Moraes

Clube, alguns atletas do judô foram além. Pasquale Boschi tornou-se lutador de sumô no Japão; José Ely Rasuck, atleta de 1972 a 1985, tornou-se funcionário do Clube responsável pela informatização de grande parte dos processos internos no início dos anos 1990. Em 1980, foi criado o curso de judô feminino, para promover o desenvolvimento da autoconfiança e o ensino de técnicas de defesa pessoal.

Nas Olimpíadas de Los Angeles, em 1984, o Brasil conquistou três medalhas no judô: duas de bronze e uma de prata. Desde então, em todas as edições dos Jogos Olímpicos, o esporte tem conquistado medalhas. As mulheres passaram a competir como judocas em 1992, nas Olimpíadas de Barcelona, na Espanha. A primeira esportista brasileira a conquistar uma medalha olímpica em esportes individuais, Ketleyn Quadros, que hoje é atleta do Sogipa, ganhou o bronze no judô em Pequim, em 2008. A judoca repetiu a façanha na França, em 2024, dessa vez atuando em equipe e representando outro clube. Nessa edição dos Jogos Olímpicos, o Minas Tênis Clube foi representado por Guilherme Schmidt, do EstrelaBet Minas, time patrocinado por essa plataforma de apostas esportivas.

Em 2004, o brasiliense Luciano Corrêa conquistou o primeiro lugar na etapa individual do III Troféu Brasil de Interclubes de Judô. A partir daí, destacou-se como atleta do Minas Tênis Clube, trazendo para o Clube vários títulos importantes. Em 2007, conquistou a medalha de bronze nos Jogos Pan-Americanos, no Rio de Janeiro. Posteriormente, sagrou-se campeão nos Jogos Pan-Americanos de Guadalajara, no México, em 2011, e repetiu o feito em Toronto, no Canadá, em 2015, ao conquistar mais uma medalha de ouro. Fabiane Hukuda foi outra atleta de renome nessa época.

Mais um judoca de destaque no Minas Tênis Clube é Eduardo Bettoni, que veio de Maringá, no Paraná, para competir em 2008 e permaneceu por 16 anos como atleta do Clube, encerrando sua carreira em 2024. Nas Olimpíadas de 2016, no Rio de Janeiro, a instituição foi representada por Alex Pombo, Erika Miranda e Mariana Silva.

Com 28 medalhas conquistadas até hoje, o judô brasileiro firmou-se como a quinta potência olímpica nessa modalidade, ficando atrás somente do Japão, da França, da Coreia do Sul e de Cuba. A técnica usada pelos atletas baseia-se no combate de solo, um dos estilos mais bonitos do esporte, e sua excelência deve-se aos primeiros mestres japoneses que chegaram ao país e formaram ótimos *senseis* em academias e clubes.

Hoje, o judô minastenista é referência nacional e já revelou novos atletas, como Kayo Santos, Juscelino Nascimento e Kaylani Cardoso.

Após tanto pensar, Carlos Henrique deixou a sala da presidência certo de que o futuro do judô permanece garantido. Afinal, somente nos cursos, o Clube mantém quase 500 alunos. Entrou no elevador. Por coincidência – se é que ela existe –, viu a foto de Gabriella Mantena e Amanda Lima, afixada ao lado do espelho. “Grandes atletas!”, pensou. Ao sair, lembrou-se da menina-prodígio Clarice Ribeiro. “Grande promessa!”, vaticinou.

Em fevereiro de 2025, pouco tempo depois de feitas tais reflexões, veio a notícia de que Clarice venceu, com apenas 16 anos, o Open Europeu de Varsóvia, realizado na Polônia. Foi sua primeira medalha em torneio sênior, competindo na categoria adulta, apesar de sua pouca idade. Anteriormente, em 2023 e 2024, ela conquistou duas medalhas de ouro, tornando-se bicampeã no Mundial de Judô sub-18, na sua categoria.

Carlos Henrique sorriu. “Eu sabia que os judocas e as judocas do Minas Tênis Clube têm um caminho brilhante pela frente. Brilhante e suave, como bem apregoa a filosofia do judô.”



Clarice Ribeiro em disputa no Torneio Início de Judô, em 2024. **Foto:** Hedgard Moraes



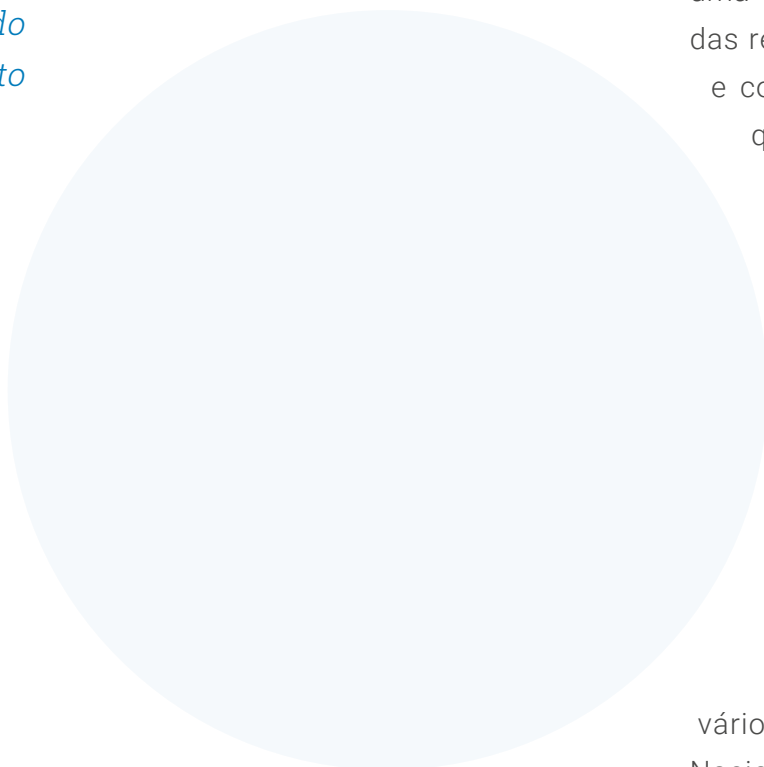
◀ Torneio dos Caneleiros disputado entre sócios do Minas Tênis Clube, em 1981. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Bola no pé, alma na quadra

Sérgio Starling Versiani apertou a mão de Urbano Brochado Santiago, certo de que ele seria o primeiro presidente eleito do Clube. E, de fato, foi. Defensor ferrenho do futsal – esporte proibido em 1964, durante uma das gestões de José Mendes Júnior, que o considerava uma modalidade perigosa em razão das lesões que provocava –, Sérgio sorriu feliz. Em breve, o esporte estaria de volta ao Minas, formalizado e federado. Lembrou-se do tempo em que, mesmo sócio, jogava contra ele no Atlético, pelo qual chegou à Seleção Mineira de Futsal. A recordação fez com que, ao chegar à sua casa, o médico fosse procurar a foto amarelada pelo tempo. Nela, Sérgio e o irmão gêmeo, Marcelo, sorriam lado a lado, dois bebês com suas “fofocas de algodão” em algum lugar do Minas. “O futsal e o Minas Tênis Clube estão no meu sangue”, pensou.

De fato, em 1987, o esporte retornou e, cinco anos depois, já na gestão de Paulo Eduardo Almeida de Mello – presidente do Clube de 1993 a 1995 –, Versiani se tornou o segundo diretor de futsal da agremiação – após o amigo Rui Nogueira –, e ali permaneceu por 30 anos.

O futsal, anteriormente chamado de futebol de salão, é uma derivação do futebol tradicional, praticado em quadra por cinco jogadores em cada time. Sua popularidade deve-se, em grande parte, às jogadas ágeis, que conferem dinamismo e emoção ao esporte. Atualmente, o Brasil é um polo forte nessa modalidade, apresentando um time que conquistou vários títulos. Embora seja o segundo esporte mais praticado no país, ainda não é modalidade olímpica.



Atletas da equipe São Geraldo/Minas de Futsal, em 1997. Da esquerda para a direita, à frente: Luciano e Issamu; ao fundo: Cachimbo, Marcelo e Adelmo. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube ▶

O futebol de salão chegou ao Minas Tênis Clube em meados dos anos 1950, coincidentemente na mesma época em que a modalidade estreava no país. Para comandar a equipe, foi contratado Antônio Carlos Campos do Amaral, que iniciou uma busca por atletas com perfil adequado para o jogo nos campos de várzea das redondezas. Com o time formado, o foco passou a ser o treinamento intenso e constante. Esse esforço trouxe resultados concretos anos depois, em 1957, quando a equipe minastenista conquistou o terceiro lugar em sua estreia no Campeonato Mineiro da modalidade.

Porém, em 1964, após um jogo no qual um dos atletas do Clube se machucou severamente, o então presidente, José Mendes Júnior, ficou indignado e determinou o fim da prática de futsal. Para ele, o esporte tinha de ser competitivo, mas não podia ser jogado com violência. Por isso, o Clube se desfilou da Federação Mineira de Futebol de Salão e o futsal desapareceu das quadras minastenistas, situação que durou até 1987, quando o presidente Urbano Brochado Santiago assumiu publicamente o compromisso de trazer o esporte de volta – promessa que cumpriu.

Com o novo time formado, a equipe passou a representar o Clube em vários torneios e campeonatos. Em 1995, foi convidada para participar da Liga Nacional de Futsal (LNF), mas a franquia custava 30 mil reais. Naquela época, embora o futsal estivesse em transição do amadorismo para a profissionalização, já contava com o patrocínio da Viação São Geraldo. Após um telefonema feito pelo então diretor de futsal do Clube, Sérgio Versiani, a um gerente da empresa, o aporte financeiro foi confirmado, com a contrapartida de a equipe apresentar bons resultados.

Em 1995, Versiani decidiu buscar no mercado um novo técnico para o time. Assim, Ney Pereira, oriundo da Laticínios Perdigão, assumiu o comando dos jogadores do Clube; sua presença e determinação foram fundamentais para o desenvolvimento da equipe. Em 2013, Pereira foi eleito o melhor treinador de futsal do mundo. Entre outros méritos, sua chegada possibilitou o amadurecimento do time, que, desde então, participa de todas as edições da Liga.





◀ Minas Tênis Clube x Atlético Mineiro, diante de estádio lotado, em partida válida pela Liga de Futsal 2000. **Foto:** Fox Fotografias

O Minas Tênis Clube formou ilustres jogadores de futsal. Jackson Moreira dos Santos, um dos destaques das seleções brasileiras de futsal campeãs em 1982 (quando foi eleito o melhor jogador do mundo) e em 1985, está entre esses grandes nomes. Em 1995, ele passou a jogar no Clube após um longo período no Olympico e na Laticínios Perdigão. Pouco antes, em 1990, Dovenir Domingues Neto, conhecido como Neto, transferiu-se do Atlético Mineiro para integrar a equipe de futsal. Ele seria, mais tarde, considerado o melhor jogador brasileiro na Copa Mundial de Futsal de 2012. Revelado pelo Clube, Leandro Henrique Cypriano de Jesus, o Nando, tinha somente 24 anos quando deixou o Brasil em 2012. Seu destino foi o Dínamo de Moscou, na Rússia. Atualmente, ele é considerado o melhor jogador daquele país.

Outro atleta importante para a modalidade foi o pivô Dieguinho (Diego Henrique de Abreu Assis), um dos três indicados para a Seleção da Liga Nacional de Futsal em 2022, em votação aberta. Quando ele chegou ao Minas Tênis Clube, apresentava desempenho acima da média entre os meninos de sua idade. O Clube investiu em seu treinamento durante quatro anos. Dieguinho tornou-se uma verdadeira revelação.

Em 2024, houve renovação de talentos decorrente da confirmação de diversas contratações importantes para o futsal. Com o reforço do patrocínio master da Itambé, que já apoia o time desde 2021, a equipe passa a exibir na camisa a logomarca Itambé-Minas. Assim, o trabalho dos atletas tem ganhado fôlego por meio do acordo de dois anos firmado entre o Minas Tênis Clube e a líder do mercado de laticínios, que também apoia o vôlei masculino e o vôlei feminino do Clube.



Disputa entre os times Itambé/Minas e Corinthians válida pela Liga Nacional de Futsal 2024. **Foto:** Hedgard Moraes

Gerson Klippel Gnoatto, no Antigo Ginásio do Minas Tênis Clube, durante apresentação no aparelho cavalo, em 1985. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

André Ortale, nas argolas, sob a supervisão do técnico Mário Pardini, durante sessão de treinamento de ginástica no Minas Tênis Clube, em 1986. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Jaqueline Pires, no Antigo Ginásio do Minas Tênis Clube, durante apresentação de ginástica na II Copa dos Campeões, em 1984. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Beleza e técnica: bases da ginástica artística

– Adeus, Grêmio Náutico União; adeus, Porto Alegre! – sussurrou Gerson Klippel Gnoatto a caminho de Minas Gerais. Decidido a traçar uma carreira brilhante na ginástica artística – que um dia foi chamada de ginástica olímpica –, o jovem conhecia a equipe do Minas Tênis Clube e não encontrou dificuldade para se adaptar à sua nova casa.

Com o colega Marcelo Duarte Ribeiro, Gerson desembarcou diretamente na rua da Bahia em setembro de 1981, trazendo em sua mala alguns títulos importantes conquistados como integrante da seleção gaúcha. Ali, encontrou o respeitado professor e técnico da modalidade, Mário Pardini.

A mistura esportiva deu tão certo que, três anos depois, atleta e técnico representaram o Brasil nas Olimpíadas de Los Angeles. – Missão cumprida! – disse Gerson. E foi tomar um chimarrão.



A beleza da ginástica artística soma-se à exigência do alto nível técnico de seus atletas. A modalidade existe desde a Grécia Antiga e seu surgimento como esporte aliado à educação deve-se ao professor Friedrich Ludwig Jahn, que viveu entre 1778 e 1852 e fundou, no início do século XIX, o primeiro clube de ginástica artística em Berlim, na Alemanha.

Quando a modalidade chegou ao Brasil, tornou-se fundamental na formação das crianças. O professor Macedo é uma prova disso! Muito antes de ela se consolidar como esporte olímpico, Antônio Macedo reunia a meninada no Parque Municipal e, pouco depois, em alguns colégios da nova capital, para a prática livre de exercícios de solo e acrobacias, tornando tudo lúdico e doce com suas balas de mel.

Seu trabalho é o alicerce do curso desenvolvido nas categorias de base, que abordam a educação global da criança por meio da atividade física, recreativa e social. A experiência do samurai Macedo, aplicada em quatro gerações de atletas, orienta até hoje o objetivo dessa formação: capacitar o futuro cidadão para ser uma pessoa melhor, ética e realizada.

O espetáculo da ginástica nos Jogos Olímpicos de Montreal, em 1976, protagonizado pela atleta Nádía Comaneci, da Romênia, que conquistou a medalha de ouro para seu país, encantou o mundo e impulsionou o investimento do Minas Tênis Clube na gestão do esporte. Naquele mesmo ano, a ginástica olímpica chegou ao Clube, uma iniciativa que contou com amplo apoio da Diretoria de Esportes de Minas Gerais, então comandada pelo coronel Nelson Bartels, ex-atleta do Clube. Apesar de o Brasil vivenciar um dos piores momentos da ditadura militar, esse apoio permitiu ao Clube construir um ginásio próprio, equipado como nenhum outro em território nacional, inclusive com um tanque de espuma para proteção dos atletas.

Para dirigir a ginástica olímpica, Ariosvaldo Campos Pires passou a integrar a diretoria em 1977, apoiando a modalidade em parceria com o então diretor Sânzio Mendes. Internamente, o Clube investiu na ginástica de condicionamento físico para os sócios e proporcionou espaços modernos e equipamentos de última geração. Nesse mesmo ano, foi inaugurado o Centro de Medicina Esportiva Dr. Nelson A. Quadros Vieira, para oferecer serviços de saúde aos associados matriculados nos cursos de ginástica de condicionamento.

Também em 1977, entrou em cena o professor Mário Pardini, auxiliado pelo educador físico e colega Eduardo Moreira da Silva, para montar um curso, inicialmente com apenas dez alunos inscritos. Aos poucos, ambos ampliaram o desenvolvimento das equipes de ginástica do Clube e promoveram intercâmbios nacionais de atletas. A estrutura inicial, composta por alguns colchões e plintos, foi remodelada para permitir a evolução da ginástica artística. Durante a década seguinte, o Minas Tênis Clube alcançou os melhores resultados do esporte no país.

No primeiro ano de sua implantação, por meio da transferência de atletas de outros clubes – como Gerson Gnoatto –, a ginástica artística minastenista sagrou-se campeã mineira, conquistando o segundo lugar no juvenil masculino e o terceiro lugar no juvenil





Foto: Ricardo Bufolin/CBG

▲
Atletas e membros da comissão técnica da equipe de ginástica do Minas Tênis Clube durante o Campeonato Brasileiro de Ginástica Artística, em 2021. *Da esquerda para a direita, à frente:* Antônio Lameira, Bernardo Actos, Caio Souza, Rankiel Neves e Mariana Weschenfelder; *ao fundo:* Mateus Camilo, Gustavo Pereira, Gabriel Faria e Ricardo Yokoyama. **Foto:** Ricardo Bufolin/CBG

feminino. Em dezembro de 1977, no então Campeonato Brasileiro de Ginástica Olímpica, o atleta Gilmárcio Tadeu de Alencar Sanches, com apenas 17 anos, conquistou o primeiro lugar no individual geral e nos exercícios de solo.

Gilmárcio tinha vindo do Grugim, grupo de ginástica liderado pelas professoras Ivani Bonfim e Terezinha Ribeiro Bonfim, da Universidade Federal de Minas Gerais. Após essa conquista, ele fez carreira no Minas Tênis Clube e foi convidado, junto com outros três colegas e o técnico Mário Pardini, para realizar um estágio na Escola de Educação Física de Colônia, na Alemanha. Em agosto de 1979, ele conquistou a medalha de bronze nos VIII Jogos Pan-Americanos de Porto Rico.

Na década de 1980, surgiu outro grande ginasta do Minas Tênis Clube: Hélio Sampaio. Ele foi o supercampeão brasileiro em 1982, no Campeonato Brasileiro Interclubes (CBI), na categoria adulto masculino, com um índice técnico acima da média. No mesmo campeonato, Gilmárcio conquistou o primeiro lugar individual, enquanto Gerson, o gaúcho que se apaixonou por Minas Gerais, classificou-se em segundo. Na mesma época, os ginastas do Clube disputaram o Torneio Ernesto Muller, na Argentina, e sagraram-se campeões por equipe, tudo sob a batuta competente do técnico Mário Pardini.

Em 1984, Gerson Gnoatto e o técnico Mário Pardini foram convocados para os Jogos Olímpicos de Los Angeles. Pardini retornaria às Olimpíadas em 1988, desta vez em Seul. Em julho de 1989, o Clube criou o Departamento de Preparação Física, com a finalidade de elaborar programas de condicionamento para atletas de competição.

De lá para cá, muitos atletas têm-se formado no Minas Tênis Clube e representado a agremiação em grandes eventos de ginástica artística. Em 2019, Bernardo Actos, então com 24 anos, formado nas categorias de base desde os 6 anos, disputou a primeira etapa da Copa do Mundo, em Stuttgart, na Alemanha. Leonardo de Souza, Lucas Bitencourt e Caio Souza integraram a Seleção Brasileira nos Jogos Olímpicos de Tóquio, realizados entre julho e agosto de 2021, sob o comando do técnico Ricardo Yokoyama, então recém-chegado ao Clube. Em 2023, no Troféu Brasil, Tomás Florêncio, Gustavo Pereira, Bernardo Miranda, Gabriel Barbosa e, novamente, Caio Souza se destacaram. Em setembro de 2024, Bernardo Actos representou o Clube na Copa do Mundo de Ginástica Artística, realizada na França, no mesmo espaço que, pouco depois, sediaria os Jogos Olímpicos.



Caio Souza, no Centro de Treinamento do Minas Tênis Clube, exibe as cinco medalhas de ouro conquistadas na Ginástica Artística, nos Jogos Pan-Americanos, em Cali, na Colômbia, em 2021. **Foto:** Orlando Bento



Ginastas das categorias pré-infantil, júnior e elite (adulta) do Minas Tênis Clube, ao lado de membros da comissão técnica, celebram as medalhas conquistadas no Campeonato Brasileiro de Ginástica de Trampolim, em 2025.
Foto: Hedgard Moraes



◀ Alice Hellen Gomes, na etapa do Brasileiro de Ginástica de Trampolim, na cidade de São Paulo, em 2024. **Foto:** Hedgard Moraes

Do trampolim para o pódio

– *Como assim, Brasil? Aos 18 anos, Samantha Zeferino de Oliveira, ginasta da equipe BH Shopping/Minas, ganhou uma medalha de ouro no duplo minitrampolim no Campeonato Mundial de Eindhoven, na Holanda, realizado em 2005? Sim! Foi a primeira medalha da seleção brasileira na competição. Essas foram as perguntas de muita gente, mas só ela sabia o que fez para merecer a honraria: treinou muito, mas, sobretudo, acreditou em si mesma e no apoio do Minas Tênis Clube, que a formou como atleta desde 1995.*

Passou por torneios no Chile e no Brasil, ficando invicta nos campeonatos brasileiros de tumbling por quatro anos e conquistando o bicampeonato brasileiro de duplo minitrampolim. Uma celebridade.

Porém, ao se olhar no espelho, vestindo camisa azul estampada com o brasão do Clube, Samantha viu mais do que a ginasta vencedora: viu a menina que sonhou com aquele dia e que continuaria sonhando ainda mais alto.



A ginástica de trampolim ganhou reconhecimento internacional a partir de 1998 e foi implantada no Minas Tênis Clube em 1999, com a contratação do coordenador Eduardo Moreira da Silva e dos irmãos Klayer e Katya Mourthé, ambos enecampeões brasileiros. Dois anos depois, a modalidade fez sua estreia olímpica nos Jogos de Sydney, na Austrália, em 2000.

O investimento do Clube na modalidade logo apresentou resultados. Já em 2001, o Clube sagrou-se campeão brasileiro e conquistou o Troféu Eficiência na categoria



◀ Samantha Zeferino de Oliveira, medalhista de ouro no Mundial de Ginástica de Trampolim disputado em Eindhoven, na Holanda, em 2005. **Foto:** Soraya Ursini

Rayan Victor Castro, ginasta de trampolim do Minas, no Campeonato Brasileiro, em 2023. **Foto:** Hedgard Moraes



feminina, título que manteve até 2009. Em 2003, os irmãos Mourthé acompanharam a ginasta Ingrid Silva Alves na conquista do título de vice-campeã na categoria infantil, no duplo minitrampolim. No mesmo ano, Renata Pinto França Teles ficou em terceiro lugar na categoria infantojuvenil, e Bárbara Martins Silva obteve a quarta colocação no mesmo campeonato.

No ano seguinte, foi a vez de Samantha brilhar. Pouco depois de conquistar o título de campeã mundial – feito inédito na ginástica de trampolim feminina no Brasil –, ela precisou se afastar para tratamento médico. Retornou em 2007 como finalista do Campeonato Mundial da categoria elite e recebeu a condecoração de ginasta de classe mundial.

Em 2011, sete atletas minastenistas foram campeãs no Campeonato Brasileiro de Ginástica de Trampolim, realizado em Goiânia: Carolina Tropia Aladim e Mariana Carvalho de Aquino, no trampolim individual; Flávia Moutinho Menezes, Catarina Campos Coutinho, Ana Luiza de Paiva Melo e Larissa Tropia Aladim, no trampolim sincronizado; e Juliana Ferreira Perrut, no duplo minitrampolim.

Cinco anos depois, no Campeonato Mundial de Ginástica de Trampolim por Idades, realizado em dezembro de 2016, na Dinamarca, dois atletas minastenistas participaram da seleção do Brasil e foram os melhores brasileiros da competição em suas respectivas categorias: Rayan Victor Castro, então com 13 anos, na categoria de 13 a 14 anos; e Alice Hellen Gomes, à época com 16 anos, que alcançou a 24.ª posição geral na categoria de 15 a 16 anos. Ao lado de Larissa Tropia, o desempenho das atletas no trampolim sincronizado obteve a quarta melhor nota da fase de classificação.

Rayan é um jovem talento que, em 2021, conquistou a medalha de ouro nos Jogos Pan-Americanos Júnior de Cáli, na Colômbia. Alice Gomes recebeu o Prêmio Brasil Olímpico como melhor atleta na ginástica de trampolim, entregue na Cidade das Artes, no Rio de Janeiro, em 2022. Em 2023, o Ginásio do Minas Tênis Clube sediou o Campeonato Brasileiro Loterias Caixa de Ginástica de Trampolim – a principal competição do esporte no país –, que reuniu sete clubes e 86 atletas da modalidade.

Capítulo 6

UM ENLACE SECULAR

Como o esporte e a educação se casaram e viveram felizes para sempre? Em terras brasileiras, esse encontro começou a se desenhar na virada dos anos 1920 para 1930, quando as transformações políticas e sociais que levariam à Era Vargas inauguraram uma nova compreensão: esporte e educação eram caminhos que devem ser trilhados juntos. Parte daí para a difusão da consciência social sobre a importância do aprimoramento físico para o desenvolvimento do bem-estar coletivo. O corpo precisava ser educado por meio de atividades esportivas e lúdicas que também inspiravam valores morais, como disciplina, resiliência e trabalho em equipe, transformando jovens em cidadãos comprometidos com o bom destino econômico e político da nação.

No Minas Tênis Clube, esse casamento completa 90 anos em 2025 e comemora as Bodas de Álamo, nome retirado da árvore homônima, cuja origem é europeia e que se tornou conhecida por sua resistência a temperaturas intensas. Naquela época, o esporte ainda se organizava por iniciativas isoladas, protagonizadas por grupos de imigrantes, mas isso resultou na constituição de agremiações e clubes voltados para a prática esportiva.

Com a influência governamental na estruturação do esporte como passaporte para a cidadania, as modalidades deixaram de ser exclusividade da elite e alcançaram outros níveis sociais por meio da criação de espaços em todo o país, entre eles as Praças de Esportes de Minas Gerais, inspiradas no Minas Tênis Clube.

A assimilação desses conteúdos nas escolas foi crescente, especialmente com o despertar de professores e alunos para a substituição da ginástica pela prática esportiva nas aulas de Educação Física. A adoção do lema “*mens sana in corpore sano*” fortaleceu a compreensão da educação como formadora do caráter dos alunos por meio de seu desenvolvimento físico, incluindo também a participação das mulheres.



Alunos do Programa Acompanhamento Escolar, em 2014. **Foto:** Assessoria de Comunicação do Minas Tênis Clube



Programa Acompanhamento Escolar do Minas Tênis Clube para estudantes do Ensino Infantil e do Ensino Fundamental, em 2011. **Foto:** Orlando Bento

Jovens participantes da ginástica livre feminina ► do Minas Tênis Clube, em 1940. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Atividades de ginástica do professor Antônio Mendes Macedo, em 1943. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube ▼



► Cartão de frequência aos Cursos Populares de Natação, em 1955. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Era dado um cartão [uma carteirinha especial] para os alunos que vinham dos grupos escolares; o Macedo os recebia e dava aulas de ginástica. Mas, depois, com o tempo, isso foi acabando. – Abraão da Silva Passos, funcionário do Minas Tênis Clube (depoimento de 1994).

Foi assim que, nos colégios metodistas de Belo Horizonte – como o Anglo Mineiro e o Izabela Hendrix –, os esportes anglo-saxônicos tornaram-se parte da missão evangélica de cuidar do corpo como morada da alma. Essas práticas se espalharam pela cidade. Em paralelo, a Reforma Francisco Campos, que entendia a educação como uma das bases para o progresso nacional, tornou-se um vetor fundamental para a formação de jovens sadios e moralmente fortalecidos.

Na inauguração do Minas Tênis Clube, em 1935, a ginástica infantil – como era chamada – já estava presente como iniciativa de grande interesse governamental voltada à educação escolar por promover o desenvolvimento do senso de responsabilidade e de ordem, qualidades consideradas essenciais à formação dos futuros cidadãos. Com o crescimento dessa disciplina nas escolas, tornou-se necessário formar mais professores, monitores e preparadores físicos. Dessa necessidade surgiram as escolas civis de Educação Física, como a Escola Nacional de Educação Física e Desportos, criada em 1939 pela Universidade do Brasil, atual Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Outro fator importante para manter o fortalecimento desse enlace duradouro era a determinação legal de que o apoio concedido ao Minas Tênis Clube pelo poder público estava condicionado à seguinte contrapartida: a manutenção de cursos especializados abertos para alunos das redes municipal e estadual de ensino, bem como a criação de uma escola de formação de monitores para o ensino prático e o treinamento em exercícios e esportes. O curso mais requisitado entre eles era o de natação.

À frente do desafio de atender ao acordo com o poder público estava Antônio Mendes Macedo, acompanhado de sua esposa, Luíza Macedo, ambos fundamentados pelo método francês, que dava ênfase à educação pela disciplina e pela consciência dos deveres e serviços perante o Estado.

Assim, o Clube criou cursos populares, abertos para crianças não sócias, que somente dessa forma puderam frequentar as aulas, e tornou-se um centro irradiador da educação esportiva em Minas Gerais. O querido professor Macedo ficaria no Clube por mais de 40 anos, e por suas aulas passaram centenas de minastenistas, além de crianças não sócias que frequentaram suas aulas até a década de 1960.

Ginástica e balas de mel

Antônio Mendes Macedo chamou o menino Hécio – Hécio Nunam Macedo, ex-técnico de vôlei e ex-diretor do Minas Tênis Clube –, que compartilhava seu sobrenome, mas não era parente, na hora da aula da ginástica infantil, e pediu-lhe que buscasse levedo de cerveja, um ótimo suplemento alimentar natural reconhecido por fortalecer o sistema imunológico. Helcinho subiu na bicicleta e foi pela rua da Bahia abaixo.

“Menino bom, este” pensou o professor, que comandava turmas dessa ginástica com até 60 crianças, numa época em que essas práticas eram uma novidade: brincadeiras de roda, cambalhotas, roda-viva, pirâmide humana, acrobacias, corridas, piscina infantil e saltos mortais.

Sua vida seria vivida ali, entre os gramados e uma casinha de madeira nos fundos do Clube, onde morava com sua esposa, Luíza Macedo. Nem ele sabia que suas aulas seriam lembradas até hoje, quando o Minas completa 90 anos de existência, e muito menos que seu nome ficaria associado às famosas balas de mel – reflexo da dedicação e do carinho com que formou tantos jovens atletas na cidade.

Macedo chegou ao Clube trazido pelo major Ernesto Dornelles, em meados dos anos 1930, pouco depois da fundação do Minas Tênis Clube. Desde então, formou gerações de crianças, afirmando-se como profundo conhecedor do esporte e da psicologia infantil. Em todas as comemorações e eventos, seus alunos estavam presentes, fazendo demonstrações de ginástica consideradas, pelas escolas da época, atividades extracurriculares promovidas pelo Clube.

Em 1941, o Departamento de Educação Física do Clube foi organizado, sob a coordenação do professor Macedo, com a colaboração de Américo Damaceno e Luíza Macedo. As limitações do método francês, de inspiração militarista, foram enfrentadas





▲
Aula do professor Antônio Mendes Macedo para crianças de 3 a 5 anos, em 1957. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Não se trata apenas de um parque de esportes, como há muitos no Brasil. O Minas Tênis Clube é, antes, uma organização de caráter educacional. É uma escola de civismo. Dentro de suas salas e de seus campos de treino, a mocidade se apura e se requinta. – Paulo Macedo Gontijo, presidente do Minas Tênis Clube de 1947 a 1951 (depoimento de 1994).

por Macedo com um trabalho experimental pioneiro em Educação Física. Esse trabalho introduziu técnicas como a *Rhönrad* (roda-viva), que propunha exercícios parecidos com brincadeiras e, por isso, tornava tudo mais lúdico.

As atividades eram realizadas em um espaço formado por gramados e um parque de diversões que incluía vários aparelhos, piscina, vestiários e sistema completo de alto-falantes, o que permitia que as aulas acontecessem ao som de música. Era ali que o professor Macedo reunia a meninada em um círculo, mantendo-se no centro, de onde dava as coordenadas da sequência de movimentos. Após a roda, os alunos se exercitavam nos aparelhos e nas barras, e depois seguiam para os escorregadores da piscina pequena, onde faziam os exercícios aquáticos.

Essa visão, mais formativa do que competitiva, estendeu-se às demais modalidades esportivas ofertadas pelo Minas Tênis Clube aos seus sócios e a parte da comunidade local. Nos anos seguintes, tornou-se um insumo importante nas escolas públicas e privadas, com a inserção das aulas de ginástica, disciplina posteriormente intitulada Educação Física. Mas em nenhuma delas se ouvia aquele canto divertido dos meninos e meninas ao fim de cada aula do professor: – Rala, rala, rala. Sô Macedo, eu quero bala!

Na trilha dos Cursos Esportivos

Mário Pardini precisaria de fôlego para o desafio que se apresentava. Com a morte do professor Macedo – que havia conferido um caráter lúdico à ginástica praticada nos gramados do Minas por milhares de jovens nos últimos 40 anos – chegara o momento da mudança. O ano de 1977 prometia.

Fazer da ginástica uma modalidade competitiva no Clube era uma empreitada das grandes e exigia esforço dele e do colega Eduardo Moreira, que o acompanharia nessa trajetória. Contudo, a herança de Macedo ultrapassou o pilar do esporte no Minas e alcançou também o da educação, por meio dos Cursos Esportivos.

– Não resta a menor dúvida – pensou o professor Pardini. “O esporte é pilar para a formação cidadã de crianças e jovens”. E é a educação, somada ao potencial de cada um, que revelará os novos atletas do Minas.

Por quatro gerações, a ginástica do professor Macedo deu oportunidade de destaque a atletas de todas as modalidades oferecidas pelo Minas Tênis Clube aos seus sócios, especialmente nas práticas educativas do Curso Básico de Esportes. Voltado à formação integral de crianças de 3 a 12 anos por meio de atividades físicas, recreativas e sociais, o curso permitia o contato com os esportes praticados no Clube, buscando apoiar o desenvolvimento saudável das crianças. Quando os alunos atingiam a idade limite da época, eram encaminhados para a modalidade na qual tinham mais aptidão e maior chance de evolução.

Atualmente, o Curso Básico de Esportes é coordenado pelo Departamento de Formação Educacional, em conjunto com a Escola de Esportes, os Cursos Artísticos e os Cursos Esportivos. Essa estrutura, por sua vez, está subordinada à Gerência de Educação do Clube. O percurso do aluno nesse ambiente é chamado de “trilha”. A idade limite no curso também foi alterada, passando para 9 anos. As aulas desenvolvem habilidades motoras fundamentais por meio da prática de diversas modalidades, permitindo que os alunos explorem seus movimentos e ampliem seu repertório motor. Como no início, ao chegar à idade máxima permitida no Curso Básico, a criança é direcionada para o esporte no qual apresentou melhor desempenho e interesse. Dali, ela pode trilhar o esporte como forma de lazer, manutenção da saúde ou, se assim desejar, tornar-se atleta na modalidade. Isso aconteceu com quase todos os esportistas do Clube, sendo muito significativa a quantidade de nomes em destaque aos quais os Cursos Esportivos deram origem.

Com a metodologia educacional adotada no processo, denominada *life skills*, ou, em tradução livre, “habilidades para a vida”, a criança desenvolve competências que contribuem para tornar sua existência mais equilibrada e feliz. Quando as habilidades são aplicadas somente no contexto esportivo, são denominadas de “habilidades



▲
Alunos dos Cursos de Formação Esportiva do Minas Tênis Clube, na arquibancada do Antigo Ginásio da rua da Bahia, em 1975. **Foto:** Bruno Roberto Martins da Costa

Comissão composta por técnicos da Gerência de Esporte, na Arena Minas Tênis Clube, em 2005. **Fotos:** Luiz Guilherme Passaglia



esportivas”. No entanto, quando são transferidas para contextos além do esporte, denominam-se “habilidades para a vida”.

Isso ocorre por meio de diversas atividades voltadas ao aprimoramento do equilíbrio, da percepção corporal, da psicomotricidade e da elasticidade. Professores e monitores do Curso Básico contam, ainda, com a supervisão de uma psicopedagoga especializada em educação esportiva, que os auxilia a lidar com a diversidade de questões que podem surgir na dinâmica das aulas.

O método, na verdade, apoia as famílias na gestão da saúde física e mental de seus filhos e netos, por meio de debates e exercícios voltados ao desenvolvimento de habilidades sociais, como autoconhecimento, resiliência, inteligência emocional, comunicação, liderança e pensamento crítico. Isso evidencia que, no Minas Tênis Clube, a criança é tratada com seriedade, organização, firmeza, profissionalismo e carinho. De onde estiver, o professor Macedo certamente aplaude os resultados.

Um ecossistema educacional

Advogar sempre fora seu negócio, mas presidir o Minas era uma alegria para Paulo Eduardo Almeida de Mello, amante da cultura e da educação. Ele assumiu o Clube em 1993, e sua gestão de três anos foi marcada por grandes shows para os sócios, como os de Roberto Carlos e Milton Nascimento.

– O Minas é uma potência social e esportiva – vivia dizendo o décimo sexto presidente do Clube. – Mas é preciso estimular as categorias básicas e expandir as Escolinhas de Base. Foi o que ele fez.

Em 1993, o Minas Tênis Clube já era uma entidade de grande porte, amplamente conhecida no Brasil pela excelência em esporte, educação e lazer. No entanto, seu

organograma era bastante diferente do atual. A educação, que ainda não figurava como um dos pilares – em que pese sua importância para o Clube –, estava vinculada à Superintendência de Cursos e Aprendizagem (SUCA). Naquele momento, a estruturação dos quatro pilares de atuação do Clube ainda estava em construção.

A expansão das categorias de base e dos Cursos Esportivos, promovida durante a presidência de Paulo Mello, gerou a necessidade de se buscar os serviços de uma consultoria externa para apoiar o Clube na revisão dos seus processos e serviços educacionais. Entretanto essa contratação só foi realizada na gestão seguinte, sob a liderança de Sérgio Bruno Zech Coelho. Assim, o trabalho da Fundação Christiano Ottoni, iniciado no final da década de 1990 para sistematizar uma metodologia educacional específica para o Clube, somou-se ao da Fundação Dom Cabral, responsável pelo Plano de Desenvolvimento Estratégico geral do Minas Tênis Clube em 2010.

Quase dez anos depois, essas contribuições resultaram em um novo avanço: a chegada da Falconi Consultoria, que, em 2019, pouco antes da pandemia da covid-19, desenhou o modelo de gerenciamento da Gerência de Educação, tal como é realizado nos dias de hoje. Atualmente, essa gerência está vinculada à Superintendência Geral do Clube e conta com três departamentos: Formação Educacional, responsável pelo Curso Básico; Cursos Esportivos e o projeto de convênios denominado Escola de Esportes; Academia e Acompanhamento Escolar. Todos os processos são certificados pela ISO 9000, norma que já integra a cultura do Clube. Mais recentemente, em 2024, o *beach tennis* e o *squash* receberam o selo.

No total, a Gerência de Educação reúne quase 25 mil alunos, cerca de 200 funcionários e responde pela segunda maior receita do Minas Tênis Clube – a primeira provém do pagamento das taxas de condomínio –, pois todos os serviços contratados pelo associado são cobrados junto com o boleto de mensalidade do Clube. Isso sem contar os mais de 3 mil alunos externos que usufruem da metodologia educacional esportiva por meio da Escola de Esportes, responsável pelos convênios de cooperação técnica e esportiva, cuja operação não é feita pelo Clube, e sim por seus parceiros. Algumas das escolas que aderiram à metodologia esportiva do Minas Tênis Clube em Belo Horizonte são o Colégio Santa Maria, a Fundação Torino e o Colegium Rede de Ensino.

Aula do Curso Esportivo de Basquete no Minas I, em 2023. **Foto:** Assessoria de Comunicação do Minas Tênis Clube





◀ Cerimônia de formatura do Curso Básico de Esportes, no palco do Teatro do Centro Cultural Unimed-BH Minas, em 2024. **Foto:** Assessoria de Comunicação do Minas Tênis Clube

Audição dos alunos do Curso de Musicalização Infantil, no palco do Teatro do Centro Cultural Unimed-BH Minas, em 2024. **Foto:** Assessoria de Comunicação do Minas Tênis Clube



Além do Curso Básico, os sócios do Clube podem usufruir de vários cursos esportivos e artísticos oferecidos no Minas I, Minas II e Minas Country, todos sob a coordenação da Gerência de Formação Educacional. Há hoje um total de 12.200 alunos nos cursos de basquete, *beach tennis*, natação, *jazz*, iniciação à dança, sapateado, balé, danças urbanas, dança contemporânea, musicalização infantil, violão, teclado, violino, *ukulele*, ginástica artística, judô, karatê, *squash*, tênis, vôlei, futsal e futebol soçaite, entre outros. Desse total, 80% são crianças.

Cada modalidade possui um coordenador responsável, que gerencia as aulas, os instrutores e o desenvolvimento dos alunos por meio de uma metodologia de excelência, reconhecida interna e externamente pela sua qualidade. Há um sistema próprio que registra as ausências do aluno, estabelece seus padrões de desempenho e realiza, semestralmente, avaliações em grupo. Até os 12 anos, a criança deve estar acompanhada por um responsável durante as atividades.

Em todos os cursos, existem equipes esportivas formadas pelos melhores alunos, que representam o Minas Tênis Clube em torneios interestaduais, nacionais e internacionais. Essas equipes também se apresentam em eventos realizados dentro e fora do Clube. Os cursos do Clube têm se tornado cada vez mais reconhecidos pela sua qualidade e efetividade. Por essa razão, os horários de aula dos jovens atletas são flexibilizados por suas respectivas escolas, quando necessário.

Em geral, os 80 professores dos Cursos Esportivos são educadores físicos, mas também há fisioterapeutas, músicos e bailarinos. Eles recebem capacitação contínua e precisam elaborar planos de aula e lista de chamada, acompanhando as turmas e os alunos individualmente por meio de procedimentos sistematizados.

A Academia, estruturada no biênio 2005-2006, reúne mais 12.100 alunos que praticam musculação, aulas coletivas (como ginástica localizada, *spinning*, *body jump*), ioga e pilates em todas as unidades do Clube. Já o Acompanhamento Escolar, gratuito e disponível somente no Minas I e Minas II, tem capacidade para atender 600 crianças e atualmente recebe cerca de 400, com o apoio de estagiários da UNI-BH. Nesse espaço, meninos e meninas estudam e fazem seus deveres de casa com o auxílio de estudantes universitários de diferentes áreas, mediante agendamento prévio.

Todo ano, a Gerência de Educação se autoavalia. Para isso, realiza uma pesquisa junto aos sócios acima de 18 anos pelos vários canais de comunicação do Clube, exceto as redes sociais. Os menores são incluídos por meio da escuta feita junto aos seus pais. Mediante a realização de quatro perguntas simples para os inscritos nos Cursos Esportivos, na Academia e no Acompanhamento Escolar, a tabulação dos resultados surpreendeu: 91% de aprovação em 2024.

Tanto cuidado e profissionalismo garantem hoje ao Minas Tênis Clube a confiança e a favorabilidade dos sócios que, por sua vez, dão suporte à manutenção da ISO 9000 em todos os processos da área. Além da garantia de excelência, isso coloca a taxa de retenção dos alunos nos serviços educacionais no patamar de 94%, sem dúvida um resultado de sucesso.

Existe em Belo Horizonte uma família Minas Tênis. [Considerada] a mais prolífera do Estado, com ancestrais de decênios, [...] aí estão os descendentes espalhados por todo esse Brasil, em todas as profissões, escrevendo-lhe um, do longínquo Piauí, na beira do Parnaíba.

– Estamos acabando a estrada. Vamos voltar em breve. Antes de chegarmos em casa, eu e minha mulher passaremos pelo Minas. Pra mim, uma sauna. Para a mulher, umas braçadas na piscina. Seu Carlito ainda está aí? O meu garoto, que nasceu nestas bandas, quer começar a ginástica com ele. Treinou meu pai, minha mulher e vai iniciar meu filho no nado. [...] E é assim que a família Minas tem proliferado. – Deodato, 1975, p. 6.

Apresentação de coreografia dos alunos do Curso de Dança do Minas, em 2024. **Foto:** Assessoria de Comunicação do Minas Tênis Clube



Capítulo 7

O BURBURINHO DA RUA DA BAHIA

Se a gente pudesse juntar as ruas mais famosas do mundo para descrever a rua da Bahia, em Belo Horizonte, nos anos 1930 e 1940, teríamos um avatar das discussões intelectuais nos restaurantes sofisticados da 5.^a Avenida, em Nova York, somado à estética clássica da Champs-Élysées, em Paris, e ainda à contemporaneidade e bom gosto das lojas de luxo na via Monte Napoleone, em Milão. A moçada de hoje diria: “é, não tem pra ninguém”.

A rua da Bahia era a sensação da capital mineira nas primeiras décadas do século XX, seja do ponto de vista cultural, comercial ou histórico. Ali funcionavam ateliês de alta costura, a mais nova moda europeia, drogarias com produtos importados, consultórios dos profissionais liberais mais conceituados da cidade e loja de brinquedos.

O Cine Odeon, cuja orquestra tocava na sala de espera antes do filme, trazia produções inéditas. Na esquina das ruas da Bahia com Goiás ficava o Teatro Municipal, cuja beleza e arrojo desafiavam os mais conservadores. O Palace e o Grande Hotel, também localizados na famosa via de Belo Horizonte, ofereciam aos viajantes acomodações confortáveis a preços razoáveis.

Na rua se abrigaram os primeiros estabelecimentos comerciais da cidade, como a Livraria e Papelaria Oliveira e Costa, a Sapataria Americana, a loja de departamentos Parc Royal e as revendedoras de automóveis – um luxo na época –, como a Arthur Haas. Isso garantiu ao logradouro a presença constante no imaginário popular como sonho de consumo do que havia de melhor na nova capital.

Muitas confeitarias, bares e restaurantes, como o Bar do Ponto, inaugurado em 1907, o Trianon e o Café High-Life, recebiam o público mais abastado da cidade. Moças e rapazes caminhavam por ali depois da missa e nos fins de semana para o famoso *footing* da capital.

Pensada para formar e regionalizar diferentes estratos sociais, Belo Horizonte se compunha de uma área urbana, do entorno suburbano e das colônias agrícolas, onde

Corredor lateral do Centro de Memória do Minas Tênis Clube, em 2020. Esse espaço trata da ambiência esportiva que singulariza a história da instituição desde 1937. **Foto:** Assessoria de Comunicação do Minas Tênis Clube



▲ Vista parcial da Sede Social do Minas I, na rua da Bahia, em 1945. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Fachada posterior da Sede Social do Minas, ►
por volta de 1940. **Foto:** Acervo do Centro
de Memória Minas Tênis Clube



eram produzidos os alimentos consumidos na cidade. A rua da Bahia era nevrálgica, cortando a avenida do Contorno de norte a sul.

Foi ali, no coração do bairro Lourdes, que, em 1935, surgiu o Minas Tênis Clube, cuja essência é marcada, desde o início, pelo esporte, pelo lazer, pela educação e, sem sombra de dúvida, pela cultura.

Quando a Sede Social do Clube foi inaugurada, em 1940, o presidente do Brasil, Getúlio Vargas, esteve lá para prestigiar. O prédio ficava na esquina da então rua dos Emboabas (hoje rua Professor Antônio Aleixo) com a rua da Bahia e continua ali, imponente. A sede tornou-se um dos espaços mais concorridos da cidade para manifestações culturais e de lazer. Sua efervescência intelectual atraía escritores e artistas, que transitavam pelos cafés e livrarias da rua da Bahia. Era comum encontrar por ali Pedro Nava, Abgar Renault e Carlos Drummond de Andrade, entre outros.

O diretor com alma de artista

– *De nadador a produtor cultural, pensou José Martins Palhano Júnior, recostado na espreguiçadeira da piscina do Clube que frequentava há tanto tempo. – Eis um desafio que me encanta enfrentar, arrematou.*

Atleta de natação nas décadas de 1940 e 1950, o jovem foi incentivado por José Mendes Júnior, então presidente do Minas, a assumir o Departamento Cultural e Artístico (DCA) do Clube, cargo que ocuparia de 1962 a 1986. Palhano Júnior, como ficou conhecido, seria responsável por toda a programação cultural que tomou conta do Clube nesse período: concertos, corais, audições, apresentações de orquestras, óperas-concerto, operetas, festivais, exposições de artes plásticas, lançamentos de jovens talentos mineiros da música, do canto, do teatro e das artes.

Calmamente, o novo diretor se levantou. Caía a tarde, e o pôr do sol enchia sua mente de ideias. – Taí algo que combina com música: o crepúsculo! – e saiu pensando em qual seria o primeiro de seus espetáculos.

Enquanto Palhano nadava, a diretoria do Clube criou o Departamento Musical, em novembro de 1947, para levar aos sócios a experiência de ouvir pequenas orquestras, concertos de piano e apresentações de vários instrumentistas, marcando época nas chamadas Magníficas Audições. O repertório incluía gravações clássicas com orquestras europeias, como a Filarmônica de Berlim e a de Londres.

Em paralelo, a Biblioteca Infantil Caio Martins, que ficava na Praça de Esportes Santo Antônio, era o sonho de toda criança que gostava de ler ou de ouvir histórias. Guiadas pelo carisma da “tia” Célia Brandão, a meninada conheceu toda a coleção de Monteiro Lobato, dos Irmãos Grimm e de Hans Christian Andersen, além de participar de festas literárias ocasionais no salão nobre da sede social do Clube, uma aventura para os leitores mirins que nunca tinham entrado ali.

O Departamento de Música e a Biblioteca Infantil foram as sementes do DCA, criado em 1962 e que Palhano ocupou logo no início. Com o diretor, a cultura deu um salto olímpico digno do Clube. Ele foi precursor de iniciativas inéditas numa época em que Belo Horizonte ainda sofria de um provincianismo bucólico e limitante: exposições de pintura, escultura, desenho, tapeçaria, apresentações de teatro e balé, mesas-redondas, conferências e lançamentos de livros. Havia poucos espaços culturais na cidade e, até a inauguração do Palácio das Artes, em 1971, o Clube seria o celeiro cultural da capital.

Para se ter uma ideia do pioneirismo do DCA, em 1967 o Clube recebeu a primeira mostra individual do pintor ítalo-brasileiro Amadeo Luciano Lorenzato, cuja obra foi inicialmente considerada popular. Depois, percebeu-se que ela dialogava com a pintura moderna ao construir novos sentidos por meio da linguagem plástica, indo além da literalidade do tema pela via estética.



▲ Célia Brandão (Tia Célia) lendo histórias para um grupo de crianças na Biblioteca Infantil Caio Martins, na década de 1940. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Pois aqui estou eu, no Othon Palace Hotel (no Bar do Ponto de meu tempo). Mal acabo de chegar, me enveredo pela rua da Bahia acima. Um só quarteirão basta para superar antigas lembranças. – Sabino, 2001, texto digital.



◀ Centro Cultural Unimed-BH Minas, em 2024.

Foto: Orlando Bento

Palhano incentivou a cultura, mas também apadrinhou muitos talentos até então desconhecidos. Foram cantores, atores, produtores culturais e toda sorte de artistas a quem ele deu palco e voz durante 24 anos. Vivia para a arte popular e erudita. Ao realizar projetos arrojados que levavam ao público espetáculos semanais de elevado rigor, Palhano marcou para sempre o seu nome na calçada da fama do Minas Tênis Clube – não por acaso, sediada na rua da Bahia.

Um centro pra lá de cultural

Sílvia Rubião revisou mais uma vez o projeto de lei do Centro Cultural do Minas Tênis Clube. O ano era 2011, a ida a Brasília se avizinhava, e o então presidente do Clube, Sérgio Bruno Zech Coelho, estava preocupado. “Esse Clube, que frequento desde menina, ainda será reconhecido como um polo cultural da cidade!”, pensou ela.

Para Sílvia, os amantes do esporte eram também amantes da cultura, e os novos espaços seriam bem-vindos. Afinal, o Minas cresceu com a cidade, e devolver a esta um Centro Cultural era consequência natural da essência da agremiação, cujas acomodações sediaram tantas atividades culturais desde o começo, capitaneadas por Palhano Júnior e Pacífico Mascarenhas. Bons tempos aqueles...

Era o momento de honrar o passado e imprimir definitivamente no Clube a marca de um novo pilar.

A Sede Social, o Prédio do Relógio e a arquibancada vermelha descansam elegantes no Minas I, unidade que deu origem ao complexo do Minas Tênis Clube de hoje, e podem ser vistas através dos vidros instalados como muros do Clube. Tombadas pelo Conselho do Patrimônio Histórico e Cultural da capital, as edificações relembram um tempo áureo para associados, atletas e artistas que, juntos, escreveram



tantas histórias. Com o passar do tempo, o Clube evoluiu ao investir ainda mais em cultura, um de seus quatro pilares estratégicos.

Foi assim que, em 1996, com a criação do *Plano Diretor do Minas I*, que previa a reformulação física da primeira unidade do Clube, foram construídos o Centro de Treinamento, o Centro de Lazer e o Centro de Facilidades, além da Arena multiuso. Em 2010, chegou a vez do Centro Cultural, que já tinha seus alicerces plantados na rua da Bahia. Até então, os eventos maiores do Clube eram realizados no Colégio Izabela Hendrix – em torno de dez concertos, palestras e apresentações do coral por ano – ou no Salão de Festas da Sede Social da unidade.

Para a construção do Centro Cultural do Clube foi necessária a elaboração de um projeto para captação de patrocínio pela Lei Rouanet. Em 2011, com essa proposta em mãos, os dirigentes do Clube foram a Brasília e voltaram de lá vitoriosos. A nomeação de Sílvia Rubião como diretora de Cultura foi uma demonstração clara de que esse pilar vinha para ficar. Como continha a guarda de um acervo histórico – berço do Centro de Memória, com evidente reconhecimento da sua importância para a memória da cidade –, a aprovação do projeto na lei estava garantida. O patrocínio veio do Banco Bradesco.

Pouco mais de um ano depois, em março de 2013, o Teatro foi o primeiro equipamento cultural inaugurado oficialmente para o grande público. Ainda hoje, em 2025, esse Teatro permanece como um dos mais modernos do Brasil. Após sua inauguração, a programação cultural oferecida tornou-se extensa e variada, trazendo eventos que iam do grupo local Giramundo até o concerto *Carmina Burana*, cantata composta por Carl Orff em 1936. Como contrapartida ao benefício da lei e em função do compromisso de atender à solicitação feita em 1998 pela Prefeitura de Belo Horizonte, por meio do Departamento de Memória e Patrimônio da Secretaria Municipal de Cultura, o novo espaço deveria ser aberto para usufruto de manifestações culturais da sociedade. Hoje, além das produções locais empreendidas pelo Clube, o teatro está aberto a locações externas.

Pouco depois, em outubro do mesmo ano, a artista plástica Tomie Ohtake abriu a programação da Galeria de Arte do Clube com uma mostra inesquecível, tornando-se a primeira de muitos artistas nacionais, internacionais e locais que ali exibiriam sua arte. A exposição de longa duração do Centro de Memória, apoiada pelo Banco Bradesco,

▲ Lô Borges se apresenta no Teatro do Centro Cultural Unimed-BH Minas em maio de 2025.

Foto: Bianca Aun



Biblioteca do Centro Cultural Unimed-BH Minas, em 2024. **Foto:** Hedgard Moraes

O Minas é emoção. Em cada criança, em cada amigo que a gente encontra, é visível a evolução que vivemos aqui dentro. E a Cultura é fator preponderante nisso. Ela foi elevada ao mesmo patamar dos outros três pilares – Esporte, Educação e Lazer – e procura manter-se no mesmo caminho das outras, que é manter o Minas Tênis Clube no lugar de referência nacional e internacional em tudo que faz. – Silvia Rubião, ex-diretora de Cultura e sócia do Clube (depoimento de 2025).

que conta a longa história do Clube, também foi entregue ao público, e, após várias ativações ao longo desse período, agora, mais de dez anos depois, sua estruturação está sendo revisitada. E no meio de tudo está o café do Clube, como não podia deixar de ser, porque estamos em Minas Gerais.

Em 2021, com o patrocínio da Unimed-BH, o Minas Tênis Clube inaugurou a Biblioteca, com um acervo que hoje atinge 13 mil livros. Nos meses de férias, ela chega a realizar 7 mil empréstimos para sócios e não sócios.

Um ano depois, em 2022, foram abertas duas Salas de Cinema, cada qual com cerca de 40 lugares, que seguem todas as regras da Agência Nacional do Cinema (Ancine) e contam com programação comercial, mostras temáticas e autorais.

O Centro Cultural impressiona o visitante, tanto por sua programação integrada e eclética – com muitas opções gratuitas ou a preços populares, funcionando de segunda a segunda – quanto pelo seu tamanho. Tem uma área total de quase 5,1 mil m², sendo 412 m² de Galeria, 245 m² da Biblioteca, 2.207 m² do Teatro, 297 m² do Centro de Memória, 219 m² das duas salas de cinema e 437 m² das duas salas multimeios.

Tanto espaço recebe muita gente. Apenas em 2024, o Centro Cultural realizou 3.234 eventos, atingindo um público de 213.909 pessoas. Isso envolve teatro infantil e adulto, *shows*, concertos, espetáculos de dança, *stand-ups*, sessões de cinema comentadas, mostras, festivais, exposições, eventos corporativos, lançamentos de livros, entre outros.

Por meio de uma parceria com a Secretaria Municipal de Educação, que promove o projeto Circuito de Museus – do qual o Clube faz parte com a Galeria de Arte e o Centro de Memória –, o Clube recebe semanalmente turmas de alunos de escolas públicas para visitas aos dois equipamentos, eventos que fazem parte de um projeto de lei de incentivo e contam com recursos de acessibilidade.

Diante de tanto movimento, Silvia Rubião olha o presente, recorda o passado e prevê o futuro: – O grande desafio é levar a cultura para as demais unidades.

O Minas Tênis Clube sabe disso, e seus planos preveem a ampliação de tantas boas oportunidades de acesso à arte e à memória em todo o Clube.

Apresentação de Cliver Honorato no Teatro do Centro Cultural Unimed-BH Minas, durante sarau, em 2023. **Foto:** Assessoria de Comunicação do Minas Tênis Clube

De literatura e música

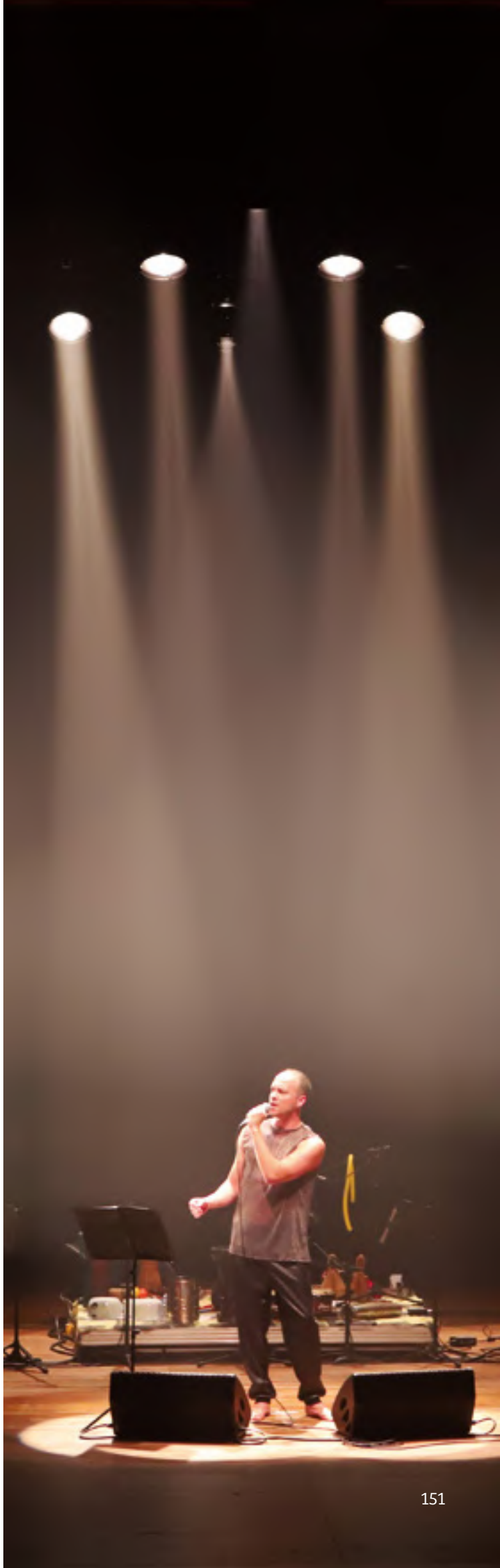
Roberto Drummond dobrou a camisa do Atlético Mineiro, seu time do coração, e pensou no tempo em que, morando em Santana dos Ferros, sua cidade natal, a literatura se avizinhou. Ele era um menino de 13 anos, tinha os braços abertos para o futuro, mas não sabia que a escrita seria sua pegada no mundo. Quase 40 anos depois, seu livro ‘Hilda Furacão’, adaptado para a televisão brasileira, confirmava o talento de Drummond, ganhador do Prêmio Jabuti com o romance ‘A morte de D.J. em Paris’, no ano de 1975.

Em sua obra, o escritor sempre manteve acesa a chama do seu amor por BH e suas memórias. Daí ter escrito a ficção em que Hilda, uma jovem de origem proeminente na sociedade mineira e frequentadora do Minas Tênis Clube, deixou tudo à beira da piscina e as missas dançantes para se tornar uma personagem inesquecível na zona boêmia da capital.

– Ah, o Minas! Quantas histórias..., pensou. E saiu do quarto para ver o jogo na TV.

A literatura bebeu na fonte das histórias relacionadas ao Minas Tênis Clube ao longo de nove décadas. Há menções ao Clube e a seus frequentadores, ficcionais ou não, na obra de Laís Corrêa de Araújo, Fernando Sabino, Raquel de Queiroz e, é claro, Roberto Drummond, entre outros. Não é para menos. Além de fazer parte da memória coletiva da cidade, a agremiação investiu em cultura desde os seus primórdios.

É uma viagem no tempo lembrar a Biblioteca Infantil Caio Martins, pequenina no cômodo onde funcionava, quando vovô Felício – cujo nome era Vicente Guimarães, tio do escritor Guimarães Rosa e apenas dois anos mais velho do que ele – contava histórias para a meninada, acompanhado da famosa Tia Célia. Ali, durante os quatro anos em que



o espaço existiu, muitos meninos e meninas descobriram o amor pela leitura, passeando pelas páginas de tantos livros inspiradores.

Hoje, a Biblioteca, localizada na Unidade I, é um sucesso de público e homenageia as tardes de leitura dos anos dourados. Além dos espaços de leitura, oferece oficinas, debates literários e lançamento de livros durante todo o ano. Desde 2024, abriga um clube do livro com 40 participantes.

O Clube lançou também o projeto Letra em Cena, que reúne as áreas de literatura, teatro e educação e acaba de completar dez anos. Periodicamente, o parceiro externo seleciona um grande nome literário, que pode ser local, nacional ou internacional, e estrutura um evento para conhecimento e discussão de sua obra, convidando especialistas para debater o tema com sócios e não sócios. Por vezes, a frequência é tão grande que se torna necessário alocar o encontro no Teatro.

Mas o canto também é motivo de celebrar a cultura. Em 2024, o Coral do Minas completou 60 anos, mantendo hoje entre 50 e 60 membros sócios participantes regulares. Com regência de Leonardo Cunha, maestro que acompanhou artistas do porte de Milton Nascimento, Hermeto Pascoal e Arthur Moreira Lima, o grupo se apresenta em diversas localidades, dentro e fora da capital mineira, demonstrando excelência técnica e comprometimento irretocáveis.



Hilda Furacão narra a história de uma jovem [...] que, no dia primeiro de abril de 1959, abandona a beira da piscina do Minas Tênis Clube e as missas dançantes para se refugiar entre as prostitutas na zona boêmia de Belo Horizonte. Nesse final dos anos 50, nessa capital a cheirar a jasmim e a granadas de gás lacrimogêneo, que a polícia lançava contra os estudantes, surge Hilda Furacão, a musa erótica que inflama a imaginação da cidade e cuja vida irá cruzar-se com os sonhos de três rapazes vindos do interior: um quer ser santo; o outro, ator em Hollywood; e o terceiro, escritor. Esse último é o repórter que será encarregado de descobrir o segredo da protagonista [...]. – Calegari, 2009, p. 104.

Capítulo 8

LAZER NEM DE LONGE É BRINCADEIRA

Durante muito tempo, o lazer foi visto somente como ócio. No período renascentista, as formas de produção começaram a se transformar, com a valorização da técnica e da racionalidade, processo que culminaria na Revolução Industrial e na economia moderna, marcada por um forte estímulo ao consumismo e à valorização do tempo livre. Com a industrialização, o conceito de lazer se ampliou; o descanso e o tempo livre para os trabalhadores tornaram-se de extrema relevância. Atualmente, o lazer é também considerado um importante fator de socialização, integração e desenvolvimento físico e mental dos indivíduos.

O predomínio da máquina sobre o homem, mesmo considerando-se a criatividade exclusiva e inerente ao ser humano, não encobriu valores como o afeto, a estética e a busca pelo bem-estar. O lazer ganhou importância por resgatar o ser humano da mecanização e oferecer referências para a busca permanente da qualidade de vida. Por tudo isso, o lazer está previsto no Artigo 24 da *Declaração Universal dos Direitos Humanos*, documento assinado em dezembro de 1948, no contexto ainda recente dos horrores da Segunda Guerra Mundial. “Toda pessoa tem direito ao repouso e aos lazes, especialmente a uma limitação razoável da duração do trabalho e a férias periódicas pagas” (ONU, 1948). Na história de sua consolidação como direito, o lazer revelou-se necessário e benéfico para a promoção do bem-estar, da inclusão social e como forma de interação e de não violência na sociedade.

Embora atenda a uma necessidade básica da humanidade ao ampliar as chances de conquista da cidadania e da dignidade humana – seja por meio do esporte ou da cultura –, usufruir do lazer não é uma realidade acessível a todos, especialmente em virtude de barreiras sociais. Por isso, é necessária a implementação de políticas públicas que garantam aos cidadãos o acesso a esse direito fundamental. Para assegurar o lazer a todos, foram criados programas, documentos, projetos e leis que

Banhistas na piscina do Minas I, em 2024. ►
Foto: Hedgard Moraes



▲ Associadas e diretores do Minas Tênis Clube na comemoração do 37º aniversário do Programa Cabeça de Prata, em 2024.
Foto: Orlando Bento

Enxadristas do Minas Tênis Clube durante uma partida, por volta de 1949. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



utilizam recursos federais, estaduais e municipais – muitas vezes, em parceria com empresas privadas – para desenvolver e manter ações cooperativas, abertas ao maior número possível de pessoas.

Essa foi uma das premissas que motivaram a criação do Minas Tênis Clube. Na década de 1930, Belo Horizonte carecia de oportunidades de lazer esportivo; havia poucos clubes amadores e, mesmo nesses, o esporte se desenvolvia de forma precária. Arrendar o espaço conhecido como Buracão, localizado em uma área nobre da capital mineira, para construir um clube e uma praça de esportes aberta à população revelou-se uma estratégia providencial para a Prefeitura e o governo do Estado, ainda mais considerando o esporte como meio de educar o cidadão, tornando-o mais forte e mais responsável para com sua pátria.

Hoje, sabe-se que as atividades de lazer continuam cumprindo um papel educativo, em razão de suas possibilidades pedagógicas, além de promoverem o desenvolvimento cultural, intelectual e físico dos indivíduos, estimulando a criatividade, o pensamento crítico e a capacidade de transformar a realidade que os cerca. No Brasil, são direcionados recursos à capacitação de profissionais e à promoção do lazer na sociedade. Isso ocorre por meio de mecanismos legais que incentivam o setor e garantem mais oportunidades de recreação e descanso à população, tanto nas cidades quanto nas comunidades do interior.

Tempo de ócio

Aristóteles amarrou seu quíton na cintura e se preparou para adentrar a Academia de Platão, onde estudava há quase 20 anos. Como todos os filósofos helênicos e poetas de sua época, ele desprezava o trabalho, deixando-o a cargo dos escravos, das mulheres e dos soldados. Para o filho de Estagira, na Macedônia, o labor degradava a vida do homem livre, e o ócio era considerado

Tem-nos preocupado a escassez de logradouros que, ornamentando a cidade, acresçam a essa vantagem a de oferecer à população pontos de recreio. [...] De qualquer forma, o que efetivamente se impõe é a construção de numerosos logradouros, parques ou jardins, ou simples praças ajardinadas, rasgando-se no centro de diversos bairros, para arejamento das zonas de densa edificação. Nesse sentido, a iniciativa de maior vulto da nossa administração foi a construção do Parque Santo Antônio. – Bello Horizonte, 1937, apud Ávila, 1999, p. 61-63.

um verdadeiro presente dos deuses. Por isso, em suas pregações na Ágora, o teor de suas mensagens versava sobre a necessária dedicação do corpo e da alma para elevar o espírito.

– É preciso contemplar, – dizia – e a contemplação passa necessariamente pelo tempo de nada fazer.

O lazer pode ser definido como o tempo que uma pessoa dedica a atividades de sua livre escolha e vontade, como repouso, diversão, recreação, entretenimento, trabalho voluntário ou qualquer atividade que lhe traga prazer e contentamento. Na sociedade contemporânea, a hora do lazer é o oposto do horário dedicado ao trabalho, ao estudo, ou a alguma obrigação profissional, familiar ou social. Na Grécia Antiga, especialmente entre os cidadãos livres e abastados, o ócio – entendido como tempo livre para a contemplação, a filosofia e a vida pública – era considerado a parte nobre da vida. Não era preciso reservar-lhe um espaço específico. O lazer era ócio; e o ócio, como diria o sociólogo italiano Domenico De Masi (2000), é criativo.

O Minas Tênis Clube foi fundado com a proposta de garantir aos seus sócios espaços de lazer por meio do esporte e da recreação. Aqui, é preciso que o professor Macedo volte à cena mais uma vez. Entre seus predicados, destacava-se como animador nato, e suas aulas entretinham as crianças com o desenvolvimento de atividades esportivas e lúdicas das mais variadas: elas aprendiam e se fortaleciam brincando, algo raro na cidade. Mas havia outra vertente que cativava o associado, em especial os jovens: os eventos sociais e festejos comemorativos celebrados nas dependências do Minas I, principalmente na Sede Social, a exemplo de almoços, bailes, desfiles e banquetes.

Para compreender a importância desses encontros, basta voltar no tempo e adentrar o período entre 1930 e 1950, sendo esta última década o marco dos Anos Dourados no contexto urbano brasileiro, que se estenderam até o início dos anos 1960. A capital ainda era calma, arborizada, vazia de automóveis e cheia de casarões neoclássicos nas ruas. A rua da Bahia era uma das principais da cidade, concentrando

Crianças no Parque Infantil, no gramado do professor Antônio Mendes Macedo, em 1945. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube





Semana da Criança no Minas Tênis Clube, em 1979. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

lindos palacetes, o melhor do comércio e o Minas Tênis Clube, que chegara para incrementar de vez a vida social e recreativa de Belo Horizonte.

Desde sua fundação, o Clube passou a sediar recepções a políticos e intelectuais, banquetes, saraus de poesia e de música, concursos de beleza e bailes que se tornaram memoráveis. Motivos não faltavam para celebrar: desde a chegada de uma personalidade importante à cidade até a posse de um novo presidente da instituição, passando por aniversários de sócios-fundadores, formaturas, noivados e bailes de debutantes, os eventos elegantes se multiplicavam, com música ao vivo e a presença de políticos eminentes e da “nata da sociedade”.

A partir de 1940 e durante muitos anos, o sucesso dos jantares ou *soirées* dançantes semanais, voltados para adultos e realizados na Sede Social, foi indiscutível. O mesmo ocorreu com os festejos do Carnaval, que, no Clube, adquiriram a conotação de uma festa familiar e salutar, ganhando o *status* de evento organizado, inclusive pela presença de fiscais que coíbiam os excessos de conduta. Entre as décadas de 1950 e 1960, as missas dançantes realizadas nos salões da Sede Social do Minas I aos domingos, após a missa das 10h na Igreja de Lourdes, eram muito apreciadas pelas pré-adolescentes. Várias delas conheceram ali seu primeiro namorado, em geral, um esportista com músculos bem definidos, mesmo sob o olhar arguto de mães, tias e avós.

E, apesar das preocupações da tradicional família mineira e da Igreja em relação ao comportamento dos adolescentes e jovens da capital, o Clube desenvolveu estratégias para conquistar, em pouco tempo, a confiança dos pais, dos religiosos e das escolas. Entre as medidas que permitiram essa conquista, estão a definição do horário exclusivo para as mulheres frequentarem a piscina e a realização do Natal de Menores, que arrecadava fundos junto aos sócios para crianças carentes.

Em 1944, o Minas Tênis Clube sediou um almoço em homenagem a duas comissões de artistas que vieram do Rio de Janeiro e de São Paulo para a Primeira Exposição de Arte Moderna em Minas Gerais, integradas por Jorge Amado, Samuel Wainer, Djanira Pereira, Alberto Guignard, Candido Portinari, Oswald de Andrade, Anita Malfatti, Mário de Andrade, Alfredo Volpi, Tarsila do Amaral, entre outros.



Área de Lazer Desembargador Mello Júnior, no Minas I, em 1987. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

Mas não eram somente as festas que faziam a alegria dos sócios. No início da década de 1950, os Aqualoucos e seus saltos nos famosos trampolins da piscina constituíam um *show* hollywoodiano à parte. Vestidos em trajes listrados à moda oitocentista, colocavam bigodes e narizes de palhaço e imitavam os Irmãos Marx ou Charles Chaplin, no personagem Carlitos, para tornar tudo mais engraçado. Enquanto ousavam no ar, embaixo, na piscina, um grupo de moças realizava um espetáculo mais do que esperado: o nado sincronizado, ou balé aquático, tal como nos musicais de Esther Williams.

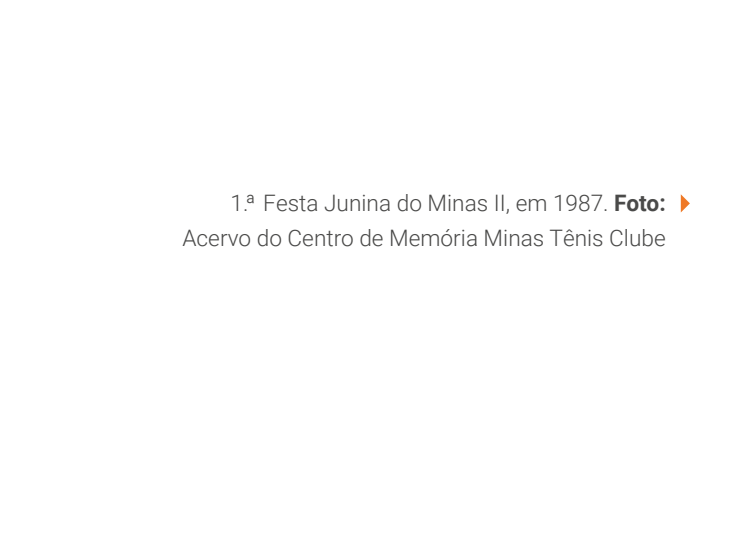
Outros episódios marcantes eram os antológicos desfiles de misses, realizados em torno dos jardins do Minas I, que rodeavam a piscina especialmente decorada para o evento. Em 1948, Belo Horizonte foi representada por uma candidata do Clube, a senhorita Terezinha Vargas. Com tantas contribuições para a vida social da cidade, o Minas Tênis Clube tornou-se um cartão-postal e era frequentemente citado na mídia da época. Chegou a ser capa da revista estadunidense *Seleções*, do Reader’s Digest, em março de 1957. O Clube era lazer, e o lazer era associado a ele. Tempos bons aqueles, quando o lazer era ócio e não apenas descanso.

Entretenimento e eventos para todos

– *Tito Madi está na cidade!*

Entre os muitos amigos da turma da Savassi, sempre havia alguém que trazia boas notícias para Pacífico Mascarenhas. Dessa vez, quando saíssem em grupo para a serenata da noite, convidariam o cantor e compositor para acompanhá-los e, é claro, ele iria topa. Como futuro diretor social do Minas Tênis Clube a partir de 1987, esta seria uma das grandes lembranças da juventude de Mascarenhas. Mas, agora, precisava interromper o fluxo de suas histórias para uma reunião com Urbano Brochado

As famílias mineiras de tradição fizeram questão de ingressar no novo Clube, e, para tanto, tinham que documentar a sua posição de pessoas de bem, com nome respeitado e digno. Mesmo assim, exigindo dos sócios um caráter ilibado, a Igreja Católica fez restrições ao Clube. Os padres da Igreja da Boa Viagem, por exemplo, alertavam às famílias para não permitirem que as moças ficassem “despidas” diante de outros com o uso de maiôs e o convívio com rapazes. Também os colégios, como o Sacré-Couer de Marie, chegavam a punir as adolescentes da época que aparecessem em notícias de jornal como frequentadoras do Minas. Entretanto, o Minas Tênis Clube tornou-se uma “cachaça”. Um hábito indispensável dos jovens bem-nascidos, suplantando o América Futebol Clube, que era, até então, um clube de elite, mas que não oferecia aos sócios tanto conforto e prestígio. – Lélia Vidal Gomes da Gama, historiadora e cronista (depoimento de 1998).



1.ª Festa Junina do Minas II, em 1987. **Foto:** ►
Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube



Santiago, que acabara de assumir a presidência do Minas depois da primeira eleição direta para o cargo.

– Gostaria que você assumisse o cargo de diretor social do Clube, Pacífico. Acho que pode contribuir muito, disse Urbano.

– Que honra, presidente, pode contar comigo, respondeu o músico e compositor. Amante da música, ele traria para o Clube várias possibilidades de lazer e entretenimento. Idealizou eventos, ampliou festas e promoveu encontros memoráveis. Urbano tinha razão quando o escolheu.



Pacífico nasceu no mesmo ano em que o Minas Tênis Clube foi fundado: 1935. Morador do bairro Savassi, famoso inicialmente pela padaria de mesmo nome e, em seguida, pelas turmas que ali se formaram, mudou-se mais tarde para a rua Felipe dos Santos, em frente à portaria do Minas I. Seu pai, Alexandre Mascarenhas, empresário do ramo têxtil, é o sócio-fundador de número 111 do Clube. Diferentemente do que os pais sonharam para ele, Pacífico nunca quis ser engenheiro e abraçou a música e a bossa nova como opção de vida, tendo sido o primeiro compositor a gravar um disco independente no Brasil, *O passeio musical*, lançado pela Companhia Brasileira de Discos, do Rio de Janeiro, em 1958. Na capa, está ninguém menos do que Tuíca (José Ronald Rabello), antigo colega e à época parecidíssimo com James Dean.

Quando o advogado e procurador do Estado de Minas Gerais, Urbano Brochado Santiago, assumiu a presidência do Minas Tênis Clube, em 1987, tornou-se o primeiro dirigente eleito por voto direto. Exerceu dois mandatos, tendo permanecido no posto até 1992, e seu papel na reestruturação jurídica foi memorável. Ele modernizou e expandiu o Minas I, consolidou o Minas II e incrementou fortemente as parcerias com empresas. Ex-atleta, investiu nos patrocínios que garantiram grandes vitórias para o esporte do Clube, no âmbito nacional e internacional. Além disso, aprimorou o que vinha sendo feito pelo lazer.

Por isso, uma de suas escolhas mais acertadas parece ter sido a de Pacífico como diretor social, cujo papel no incremento dos eventos e festas representou um divisor



Sexta Jovem, do Minas Tênis Clube, em 1989. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube

de águas, com a expansão dos espaços recreativos para todas as idades. A Sexta Jovem, evento mensal criado por ele e realizado no Salão do Minas II, chegou a reunir 5 mil jovens de até 18 anos. O Baile dos Casais, voltado apenas para sócios, foi revisitado pelo diretor, que abriu a venda de ingressos para não sócios. O encontro consistia na ceia ao som de um grande *show* no Minas I ou no Minas II.

A ampliação da Festa Junina possibilitou que a unidade da avenida Bandeirantes recebesse até 28 mil pessoas num só dia. Eram oito bandas tocando simultaneamente nas dependências do Minas II. O programa Bossa & Jazz, também concebido por Pacífico, acontecia em todas as segundas-feiras do mês e trouxe nomes como Carlos Lyra, Nara Leão, Marcos Valle, Johnny Alf e Marzano Trio. A música inundava o Clube da portaria até a piscina, passando por sete pianistas no restaurante, oscilando entre chorinho, *jazz*, bossa nova e os clássicos.

De 1990 a 2000, o Clube sediava o Minas Girl na Piscina, desfile com uma grife da moda, no qual várias jovens ditavam o tom da temporada sobre uma passarela construída na piscina da Unidade II. Um desses eventos chegou a reunir 15 mil pessoas, e a banda convidada, ainda não tão famosa, era o Jota Quest. Mas a festa que Mascarenhas não esquecia chamava-se Noite do Grande Chefão. Para ela, foi montado um palco sobre a piscina para o *show* das Frenéticas. Havia carros antigos espalhados pelo Clube e mais de dez mágicos para encantar os sócios. Tanto trabalho rendeu a ele o título nacional de Melhor Diretor Social, em 2005, concedido pela Confederação de Clubes do Brasil.

A herança de Pacífico fincou raízes na atual Gerência de Lazer. Até os anos 2000, ela aglutinava também a área de Cultura, que mais tarde se tornou um dos pilares do Clube, com gestão independente. Desde 2014, a Gerência de Lazer estrutura-se em dois departamentos, Entretenimento e Eventos, com o propósito de incentivar o associado a vir ao Clube em busca de opções diversificadas, socializando-se e interagindo com outras pessoas e grupos.

A Gerência de Entretenimento coordena o Espaço das Crianças e os parques infantis no Minas I, Minas II e Minas Country, além de gerir as oficinas e peças teatrais realizadas nesses locais. E, quando o assunto é criança, também é responsabilidade

Bossa & Jazz, do Minas Tênis Clube, em 1987. **Foto:** Acervo do Centro de Memória Minas Tênis Clube
▼



Corrida do Minas I ao Minas Country, em 2024. ►
Foto: Orlando Bento



dela a estruturação da Colônia de Férias e das festas infantis, como as da Páscoa, do Natal, do Dia das Crianças e do Halloween. A Gerência de Entretenimento responde ainda pela realização das atividades psicomotoras para todos os associados, inclusive para o Programa Cabeça de Prata, que conta com 22 mil sócios 60+ em todas as unidades do Clube.

Do ponto de vista do esporte, a Gerência de Entretenimento cuida dos materiais e equipamentos necessários aos sócios que querem jogar nas quadras de todas as unidades. É responsável pelas atividades diárias de lazer, como hidroginástica, gincanas, desafios e atividades relâmpago. Além disso, ocupa-se do treino técnico dos grupos máster de esportes, promovendo o lazer competitivo das equipes em cada modalidade com foco nas de corrida de rua e de triatlo, que participam da Copa Máster. Trata também dos dois torneios anuais internos de truco, peteca, *squash*, vôlei e *beach tennis*, entre outros, e dos torneios interclubes, organizados com os melhores esportistas em cada modalidade de lazer.

A Gerência de Eventos envolve as atividades do cronograma anual do Programa Cabeça de Prata em todas as unidades e demais eventos. Este grupo, criado dentro do Minas Tênis Clube e premiado como case de sucesso no segmento de clubes recreativos, participa de atividades de culinária, dança, cinema, viagens e excursões, além de festas comemorativas e temáticas para os sócios 60+. Os salões de jogos do Clube são muito frequentados, em especial o do Minas I. Ali, reúnem-se diariamente os apaixonados pelo carteadado para rodadas de pôquer e buraco, entre muitas outras modalidades jogadas com baralho.

Os eventos sociais temáticos atendem a públicos de todas as idades e acontecem em duas frentes: no cotidiano e nas grandes datas comemorativas. No primeiro caso, enquadram-se projetos regulares como o Cozinha ao Vivo – mensal, sempre num domingo, com barraquinhas de comida e uma banda, tudo no estilo *street food* (“comida de rua”); o Minas Tênis Music, realizado todo domingo; e o Música na Piscina, que é mensal e acontece no Minas I, Minas II e Minas Country. Há também eventos esporádicos, como as festas da Sexta Dançante e o *Flash Dance*, uma volta no tempo musical para os amantes das décadas de 1980 e 1990.



Os eventos fixos anuais incluem o Dia das Mães, o Dia dos Pais, a Festa Junina, o Carnaval – em 2025, foram realizados 25 eventos carnavalescos –, o Réveillon e o aniversário do Clube, entre outros. Nessas datas, são trazidos expoentes da MPB que atraem sócios de todas as idades, tendo o maior deles reunido 10 mil pessoas na plateia, mostrando que gente foi feita para ser feliz, o indicador mais importante da Gerência de Lazer.

Prata na cabeça

Marília Valadares Meirelles terminou de fazer as unhas e verificou como estava o marido, Otávio, que se preparava para uma cirurgia. Só depois abriu a porta para falar do Cabeça de Prata. Atuante no programa desde o início, contou que ficou em primeiro lugar num dos concursos de fantasias em dupla, ao lado da amiga Iolanda. Elas trajavam um autêntico figurino egípcio e arrasaram na passarela. Ali, Marília promoveu desfiles até a pandemia e foi professora das modelos que vestiam marcas famosas.

– Aguarde, vou buscar as fotos do meu casamento.

Voltou sorridente e, das páginas do álbum, surgiu resplandecente em seu vestido de renda com detalhes dourados, digna de quem foi modelo nos anos 1950. Marília conheceu seu marido no Cabeça de Prata, e as bodas reuniram diversos sócios do Minas.

– Este programa é uma bênção para os sócios 60+, em especial para as mulheres – e sorri outra vez.

Em 1987, as psicólogas Sônia Lúcia Garzon Mineiro e Maria Regina Capanema idealizaram um programa voltado à integração dos associados 60+, por meio

►
Show da banda Roupa Nova, na Festa do Dia das Mães, no Minas Náutico, em 2025. **Foto:** Orlando Bento

O setor de lazer [do Minas Tênis Clube] não foi descurado. Todos os esforços foram empreendidos para orientar a recreação dos sócios, integrando-os em atividades que visem ao esporte e à confraternização. Inumeráveis torneios, de basquete, vôlei, futebol de salão, peteca e tênis, têm sido realizados, preparatórios da festa maior, que é a Olimpíada do Minas, que alcançou este ano, a de n. II, indiscutível êxito. – Ariosvaldo Campos Pires, presidente do Minas Tênis Clube no período de 1981 a 1983 (depoimento de 1995).



Torneio Interno de *Beach Tennis*, no Minas Country, em 2025. **Foto:** Orlando Bento

de atividades culturais e de lazer. No dia 12 de agosto daquele ano, o Minas Tênis Clube lançou oficialmente o inovador projeto Cabeça de Prata, criado para atender à crescente demanda por alternativas de bem-estar e qualidade de vida voltadas ao público sênior. Essa necessidade se torna cada vez mais evidente na sociedade contemporânea, à medida que diversos estudos apontam para o envelhecimento da população brasileira. Desde então, ao adentrarem as instalações do Clube, esses associados passaram a interagir, exercitar-se e fortalecer vínculos sociais.

Na história do programa, cujas reuniões iniciais aconteciam às quartas-feiras à tarde, ficaram famosos eventos esporádicos, como o Café com Ópera, criado pela então coordenadora do Programa Cabeça de Prata, Itália Terezinha Vilani Corrêa, e que acontecia duas vezes por ano. Para o encontro, eram convidados cantores e músicos do Palácio das Artes que cantavam trechos de óperas famosas. Em seguida, era servida uma farta mesa de café.

No início, foram selecionados alguns personagens-símbolo do programa: Gerson Sabino e Abel de Oliveira Machado, ex-funcionários do Clube; Paulo Souza Coelho, pai do ex-presidente Sérgio Bruno Zech Coelho; Lizete Meinberg, artista plástica e ex-tenista do Clube; e as sócias Nair Batista Cardoso e Léa Marinho Moreira. Essas personalidades marcaram os primórdios do Cabeça de Prata, mas, hoje, homens e mulheres com idade igual ou superior a 60 anos representam muito bem a ideia de desfrutar de atividades customizadas para esse público, como excursões, *shows*, cinema, bingos, concursos literários, bazares, exercícios físicos, música, dança, aulas coletivas e muitas outras atividades culturais e recreativas. O Cabeça de Prata subiu ao pódio e se tornou um grande êxito, tanto que foi case de sucesso em 2000, reconhecimento concedido durante o Congresso Brasileiro de Clubes.

Com 38 anos de existência, o Cabeça de Prata reúne hoje cerca de 22 mil associados seniores. Sua agenda intensa inclui alguns grandes eventos anuais: o Carnaval, acompanhado de um desfile de fantasias, com a presença de um júri e do Rei e da Rainha do Carnaval de BH; a Festa Junina; o Natal; o Dia das Mães; o Dia dos Pais; o aniversário do programa, sempre com uma banda de prestígio para tocar; e o encontro mensal dos aniversariantes, com bar aberto, bailinho, bolo com velas e um presente especial do Clube.

Durante todo o ano, os associados se reúnem, ora numa unidade, ora noutra, para encontros e eventos menores, além de participar de muitas viagens nacionais e internacionais. O Panela de Prata, por exemplo, é um bem-sucedido evento culinário: o Clube contrata um *chef* para dar uma aula prática, seguida de um jantar em que todos os participantes degustam o menu preparado. Existe também a Quinta no Country, evento vespertino com trabalhos manuais, ginástica, piscina e almoço. A Gerência de Lazer conta, ainda, com o apoio irrestrito da área operacional, que abraça todos os eventos, inclusive os que são direcionados ao Cabeça de Prata.

Baile de Carnaval do Programa Cabeça de Prata, no Salão de Festas da Sede Social do Minas II, em 2025. **Foto:** Orlando Bento



Muitas [pessoas] falam que começaram a viver depois do Cabeça de Prata. É incrível como elas ficam esperando as quartas-feiras para ter o que fazer. O objetivo do Cabeça de Prata é exatamente tirar as pessoas de casa, tirar as pessoas da frente da televisão, do crochê, de olhar neto. Elas ficam muito felizes aqui, num ambiente só delas. [...] Elas dependem muito do Cabeça de Prata, porque têm condições financeiras, têm disponibilidade de tempo, mas não têm companhia. Quem depende de filho, de família para fazer as coisas? Todos trabalham. – Itália Terezinha Vilani Corrêa, ex-coordenadora do Programa Cabeça de Prata do Minas Tênis Clube (depoimento de 2007).

Capítulo 9

O PRESENTE EM SINTONIA COM O FUTURO

Se a paixão fosse um indicador consolidado na admiração de uma marca, o Minas Tênis Clube seria campeão também nesse quesito. Em que pese a excelente infraestrutura física e humana oferecida, pode-se dizer que a interação do Clube com seus públicos se dá muito mais pela emoção do que pela razão. Pudera! A missão incansável de todos que ali trabalham está voltada para garantir aos associados, atletas, patrocinadores, seguidores e parceiros muita satisfação e alegria por meio do lazer, do esporte, da cultura e da educação.

Contudo, o que mantém acesa a energia de construir um ambiente com paixão e de poder comemorar com tanto entusiasmo o sucesso de 90 anos de histórias? Quando a empresa tem uma razão de existir que transcende o quesito econômico, oferecendo à sociedade algo que efetivamente contribui para melhorar o mundo e a dignidade humana, ela tem grandes chances de contar com públicos apaixonados. Esse é exatamente o caso do Minas Tênis Clube. Some-se a esse propósito autêntico a coerência entre discurso e prática, vivida nas decisões e nas ações cotidianas do Clube. Só isso já produziria uma narrativa com histórias fundadoras, símbolos e metáforas que comunicam o espírito da instituição, permitindo que as pessoas se reconheçam nela. A paixão é sempre uma relação de reciprocidade entre o que se valoriza e o que se vive.

A gestão de Carlos Henrique Martins Teixeira permitiu a consolidação de uma ponte entre a sustentabilidade com propósito e a coerência do cuidado com as pessoas. E a isso todos respondem com energia, comprometimento, lealdade e paixão. O sentido de pertencimento fica cada vez mais presente, embalado pelo respeito e pela confiança, e se traduz em um espaço de convivência coletivo e humanizado.



▲ Ricardo Vieira Santiago e Denise Lobão recebem a comenda Maria Luiza Vieira Santiago das mãos de Thereza de Castro e Carlos Henrique Martins Teixeira, no evento de lançamento do Instituto Minas Tênis Solidário, em setembro de 2025.
Foto: Hedgard Moraes



Ricardo Vieira Santiago e Carlos Henrique Martins Teixeira na cerimônia do Jantar do Conselho de 2022, no Centro Cultural Unimed-BH Minas. **Foto:** Orlando Bento



▲ Carlos Henrique Martins Teixeira, Ricardo Vieira Santiago e o mascote Max, com os colaboradores do Clube, no Teatro do Centro Cultural Unimed-BH Minas, para o encontro anual com a Diretoria, em 2019. **Foto:** Orlando Bento

É dele que brotam os princípios da inovação e da proatividade, influenciando positivamente a cultura do Clube e consolidando um olhar sempre voltado para as novas oportunidades de desenvolvimento institucional sustentável.

Ser reconhecido como referência de sucesso e de superação é um objetivo bem claro para todos os que fazem o Minas Tênis Clube ser o que é. Isso inclui a satisfação dos associados, a transparência, a integridade, a responsabilidade socioambiental, o respeito às normas e o enaltecimento da educação e da qualidade de vida. Essa visão se fundamenta em valores sólidos que constituem a base do modelo de protagonismo minastenista que busca continuamente a excelência.

O primeiro desses valores é a busca por resultados por meio do compromisso com a qualidade. Nesse sentido, o Clube trabalha de forma consistente para aprimorar a gestão e gerar retorno positivo aos associados, sempre com a visão estratégica de preservar o legado do passado, com foco no presente e na visão de futuro.

O segundo deles é a organização, que dispõe de uma estrutura em rede na qual a responsabilidade é amplamente valorizada. Atuando de forma integrada, o Clube preza pela fluidez dos processos. Esse modelo favorece a agilidade nas decisões e a eficiência na execução das atividades.

O terceiro é o processo decisório marcado pela coparticipação. As decisões são tomadas de forma colaborativa, com clara distribuição das responsabilidades e estímulo ao espírito empreendedor que define atitudes e posturas proativas. A Diretoria atua de maneira eletiva, enquanto o corpo funcional executa as ações, promovendo uma gestão participativa e transparente.

O quarto valor dominante é a liderança. Ela coloca as pessoas em primeiro lugar e garante um alinhamento claro do que se espera de cada um. A excelência é construída por pessoas. Por isso, o Clube prima pelo diálogo, motiva o desenvolvimento humano e reconhece talentos. A comunicação é uma prática que conecta todos do presente para o futuro, reconhecendo a importância da memória.



▲ Diretores e executivos na primeira reunião da Diretoria, em janeiro de 2023. **Foto:** Orlando Bento

O presidente que virou a chave dos 90 anos

O economista Michael Pirson olhou a chuva bater no vidro da janela de seu apartamento em Greenwich Village, Nova York. Faltava pouco para uma reunião na Universidade de Harvard, onde é pesquisador associado, e a pauta da gestão humanística nunca esteve tão em alta. Membro do Clube de Roma – organização fundada em 1968 para discutir e propor soluções para os problemas globais urgentes, como meio ambiente e sustentabilidade –, Pirson sempre acreditou que as organizações devem proteger a dignidade humana e promover o bem-estar social para além do lucro. Seus pensamentos foram interrompidos pelo filho que entrou pedindo ajuda na tarefa escolar. É por crianças como ele, pensou, que precisamos intervir no futuro do mundo.

É fato: ao longo do tempo, o Minas Tênis Clube consolidou-se como uma instituição socioesportiva e cultural de grande relevância para Belo Horizonte, para Minas Gerais e para o país. Essa trajetória vem sendo marcada por lideranças sempre aptas a enfrentar os desafios de cada momento vivido pelo Clube em seus 90 anos, ora se pautando pela tradição, ora impulsionando a modernização da estrutura e dos serviços oferecidos.

Quando o advogado Carlos Henrique Martins Teixeira foi eleito para a presidência do Minas Tênis Clube, em 2022, ficou claro que sua gestão iria além dos modelos tradicionais que têm por base a simples hierarquia. Sua liderança inspiradora, acessível e respeitosa ultrapassou os limites do cargo para se lançar na promoção de relações de escuta que incentivassem o engajamento genuíno das equipes internas.

Essa escuta ativa se tornou um dos pilares centrais da interlocução com todos os públicos do Clube, sempre em busca da compreensão e do equilíbrio de

Piscina do Minas Tênis Country Clube, em 2024.
Foto: Hedgard Moraes



interesses. Na visão de Carlos Henrique, esse é o meio mais eficaz para garantir o bem-estar de todos.

Entretanto, o que é bem-estar? E de que forma ele faz sentido para as pessoas que formam a rede do Minas Tênis Clube? Em vez de seguir discursos prontos e termos como o ESG (*Environmental, Social and Governance* ou Ambiental, Social e Governança), Carlos Henrique adotou a expressão “ambiente de bem-estar”. Para parceiros, patrocinadores, atletas, mercado financeiro, Poder Público e organizações do setor, a premissa foi a de comunicar, de forma clara e acessível, o compromisso da instituição com práticas sustentáveis, sempre com foco em pessoas e resultados. Essa escolha solidificou o Minas Tênis Clube como espaço em que todas as ideias e formas de pensar convivem de maneira harmoniosa.

A mesma lógica de acolhimento estendeu-se aos associados. Para isso, foram criadas iniciativas simbólicas, como a “recepção mineira” de novos sócios, marcada por gestos afetivos, que transformam um ato protocolar em uma experiência de hospitalidade. Além de conhecer o Clube como a grande instituição que ele é, as pessoas aprendem sua história e seus fatos marcantes, como se fosse uma boa prosa entre amigos.

Do ponto de vista interno, sua gestão investiu fortemente no gerenciamento das equipes e no estímulo ao compromisso dos colaboradores e dirigentes com os valores e objetivos do Clube, priorizando o desenvolvimento humano e o bem-estar como diferenciais estratégicos.

Nos últimos anos, Carlos Henrique demonstrou sua capacidade de conciliar interesses, apaziguar tensões e promover o diálogo em momentos cruciais, nos quais precisou empenhar-se fortemente para garantir a prevalência dos objetivos coletivos e do respeito aos direitos individuais dos associados. Nesta e em outras conjunturas desafiadoras, o presidente mostrou que a liderança eficaz no Minas Tênis Clube reside na habilidade de acolher as diferentes perspectivas, transformando potenciais conflitos em oportunidades de crescimento e de humanização institucional.

Para Carlos Henrique, desafios são possibilidades de crescimento, em especial numa das maiores associações esportivas do país. Seu estilo pessoal é pautado pelo



Orquestra Filarmônica de Minas Gerais se apresenta na praça da Liberdade durante o evento “Minas na Praça”, em maio de 2025.
Foto: Hedgard Moraes

modelo da gestão compartilhada, e essa estratégia vem solidificando uma marca de eficácia. Ao adotar as melhores práticas de mercado e seguir as tendências inovadoras de gestão, ele lidera a concretização do patamar de excelência para os associados, de forma que tem se revelado uma das lideranças mais destacadas da história recente do Minas Tênis Clube.

Ao longo de 2025, ano em que o Clube celebrou seus 90 anos de existência, diversos reconhecimentos marcaram a trajetória e a contribuição do presidente para o fortalecimento e o desenvolvimento da instituição. Entre as honrarias recebidas por ele, destacam-se a Medalha da Inconfidência; a Medalha JK; o Título de Sócio Benemérito; e homenagens na Assembleia Legislativa de Minas Gerais (ALMG), na Câmara Municipal de Belo Horizonte e na Associação de Economistas de Minas Gerais (ASSEMG), esta última com o troféu do Prêmio Minas Gerais de Desenvolvimento Econômico ou o “Oscar da Economia de Minas Gerais”.

Minas Tênis Clube: 90 anos de história

Em 1990, Salman Rushdie decidiu escrever um livro para seu filho, Zafar, então com 9 anos de idade. Assim nasceu “Haroun e o mar de histórias”, uma alegoria sobre como a liberdade de expressão é também um ato de amor pelas histórias que, ao serem contadas, preservam a vida e a memória, sem deixar o silêncio vencer. Se pudessem se encontrar, Carlos Henrique certamente ouviria do escritor: – Nada nasce do nada; novas histórias nascem das histórias antigas (Rushdie, 1990, p. 72). Com certeza, o presidente responderia, com um sorriso: – Para nós, histórias são pontes simbólicas entre a resiliência, a memória e o futuro.



Visita guiada na Casa Rosada durante o evento "Minas na Rua", em setembro de 2025. **Foto:** Hedgard Moraes



Era preciso celebrar as nove décadas de sucesso do Minas Tênis Clube. Para além de um marco histórico, fez-se necessário olhar para a emoção que essa trajetória despertava em cada membro da família minastenista. E foi o viés da paixão e do afeto que mediou o planejamento das ações desenhadas para a grande festa desde o início do primeiro mandato de Carlos Henrique. Mais do que celebrar o legado do passado, a ideia foi evidenciar a capacidade de organizar e estruturar iniciativas que honrassem os objetivos de longo prazo da instituição.

A programação diversificada e abrangente refletiu a grandeza do acontecimento e se manifestou no *slogan* amplamente divulgado ao longo de 2025: “Não é sobre contar o tempo. É sobre contar histórias”. A escrita deste livro, batizado como *Minas Tênis Clube: 90 anos de histórias*, coroa o cuidado com a preservação de uma memória afetiva com a cidade, com o Estado e com o Brasil. A obra foi ilustrada com imagens e fotos cedidas pelo Centro de Memória Minas Tênis Clube, que guarda um acervo fundamental para a trajetória institucional e que registra como o Clube moldou a identidade de Belo Horizonte por meio de seus pilares essenciais: Lazer, Educação, Esporte e Cultura.

Várias ações foram promovidas para que o aniversariante presenteasse a cidade com sua presença. O “Minas na Praça”, evento realizado no coração da capital mineira, reuniu milhares de pessoas para ouvir o Coral do Minas Tênis Clube e a Orquestra Filarmônica de Minas Gerais. A Praça da Liberdade transbordou de emoção, e a apresentação terminou deixando o gosto do pertencimento coletivo.

O “Encontro dos Tricampeões”, realizado na Arena Uni-BH, foi igualmente um momento de muita emoção para todos os presentes. Os atletas que jogaram com paixão e sucesso nas décadas de 1980 e 2000 abriram o jogo para a apresentação oficial do elenco da temporada 2025/2026. A partida na quadra resgatou regras históricas do vôlei. E a corrida de rua “Minas – 90 anos de histórias” levou associados, esportistas e amantes da modalidade a participarem de um circuito na região da Savassi.

As mostras ganharam um fôlego especial. O bar e restaurante The House Food & Fun, conhecido por seus espaços temáticos, paredes “instagramáveis” e cardápio diferenciado, entrou no clima da exposição sobre os 90 anos do Minas Tênis Clube.



Orquestra Ouro Preto se apresenta para o público na rua da Bahia, durante o evento “Minas na Rua”, em agosto de 2025. **Foto:** Hedgard Moraes

O local criou um banheiro temático que reproduzia os vestiários do Clube, em uma homenagem criativa e cheia de estilo.

A edição especial da tradicional Festa da Academia e os eventos culturais realizados no Centro Cultural Unimed-BH Minas reforçaram a integração entre os pilares que sustentam o Clube, celebrando a harmonia entre Esporte, Cultura, Lazer e Educação.

O “Minas na Rua”, evento inédito realizado na rua da Bahia, que foi interditada no trecho entre as ruas Antônio Aleixo e Antônio de Albuquerque para um dia inteiro de atividades com os belo-horizontinos, garantiu às famílias a oportunidade de acesso a atrações diferenciadas. Além da apresentação do Gerdau/Minas, time de vôlei feminino da temporada 2025/2026, os presentes puderam assistir à solenidade de entrega das obras da Casa Rosada Gasmig Minas. A reativação desse espaço, que será aberto à comunidade, é resultado de negociações com o Poder Público e de um trabalho estratégico de articulação institucional. O projeto resgata um casarão centenário localizado na rua da Bahia, patrimônio histórico de valor inestimável que será reintegrado ao cotidiano da cidade. A iniciativa enriquece o acervo cultural de Belo Horizonte e reafirma a vocação do Clube como agente de integração entre tradição e contemporaneidade. Além disso, abriga a Cozinha Gasmig Minas, com uma gastronomia regional sofisticada.

Internamente, a entrega da Biblioteca do Esporte – repositório virtual de conhecimento especializado – e a revitalização da exposição de longa duração do Centro de Memória reforçam o compromisso do Clube com sua própria história e com a vinculação à trajetória de Belo Horizonte, fomentando a cultura para toda a cidade. Além disso, o resgate de narrativas por meio de depoimentos de sócios celebrou histórias pessoais e coletivas que marcaram nove décadas de existência e reafirmam os laços afetivos que unem o Clube à sua comunidade.

A criação e o aprimoramento dos Espaços de Convivência no Minas I favorecem a maior interação entre os associados, fortalecendo laços comunitários que representam a essência do Clube. Por meio de soluções arquitetônicas funcionais, os locais reafirmam o papel da instituição como um ambiente de excelência para a família minastenista.

Carlos Henrique Martins Teixeira, Fernando Furtado e Wagner Furtado Veloso no evento de inauguração da Biblioteca do Esporte, em outubro de 2025. **Foto:** Orlando Bento



Resultados que transformam histórias coletivas

A arte de contar histórias é matéria-prima da vida e desenvolve nosso repertório para dar sentido à expressão humana, organizando a compreensão do passado e permitindo construir identidades coletivas orientadas para o futuro. Quando Robert McKee, o pai do storytelling, escreveu o livro “Story”, uma grande aula de como criar boas histórias, ele falava de dar contorno ao mundo possível por meio de palavras que reafirmam histórias que resistem, mas se adaptam para transformar a realidade. Falar de histórias no Minas Tênis Clube é ressignificar o passado e preparar o futuro, tal como “moinhos que ventam esperanças” (Cais, 2025).

Chegar aos 90 anos com uma jornada marcada pelos princípios da inovação, da superação e da força que reúne o espírito colaborativo à construção da visão de futuro é mais do que um privilégio para uma das mais prestigiadas associações esportivas e sociais da América Latina: o Minas Tênis Clube. Contudo não basta comemorar, é preciso continuar buscando mudanças que permitam ao Clube avançar nessa direção. O exemplo que vem das lideranças é uma bússola que guia a consolidação do caminho e molda a forma como a instituição se apresenta ao mundo.

Humano e conciliador, Carlos Henrique anda pelos corredores e pelas instalações do Clube com a serenidade de um verdadeiro mediador. Cumprimenta as pessoas, pede notícias dos familiares, relacionando cada um pelo nome, recebe quem precisa falar com ele sem pressa, mas se engana quem pensa que por trás da postura atenta e serena só existe calma e capacidade de ouvir. Associadas a essas características, existem outras que fazem dele um líder dinâmico, estratégico e preocupado com o desenvolvimento sustentável da instituição e do planeta. Sua trajetória na instituição,

iniciada na infância como atleta de judô, lhe garantiu um olhar diferenciado sobre a essência do Clube, e foi essa capacidade que forjou as diretrizes da sua gestão. Isso é escrever novas histórias com base nas que já são conhecidas.

Sob a liderança de Carlos Henrique, a narrativa do Minas Tênis Clube ficará para sempre marcada por novos patamares de excelência, consolidando-se como referência em inovação e responsabilidade social. Em cenários de desafios complexos, a liderança estratégica do atual presidente tem convertido cada iniciativa em expressão concreta de uma visão transformadora, evidenciando impactos positivos no desenvolvimento do Clube.

Finanças e visão de longo prazo

Não existe equilíbrio de verdade em uma organização que não cuida da sua gestão financeira. Isso garante segurança no presente e no futuro, além de comprovar a responsabilidade e a transparência nas relações com investidores, clientes – no caso do Minas Tênis Clube, os sócios –, mercado e parceiros. Fazer a gestão financeira é atuar com visão de longo prazo, pois ela orienta a tomada de decisões estratégicas e permite que uma instituição honre seus compromissos, invista em projetos estruturantes e mantenha um ambiente financeiro saudável.

A gestão financeira também contribui para manter um clima de estabilidade e consenso entre os associados do Clube e valoriza o espírito coletivo. Esse ambiente favorável fortalece a sustentabilidade do negócio e amplia o sentido de pertencimento das pessoas, atraindo novos sócios e reforçando a solidez institucional, mesmo diante de grandes desafios, como a implementação do *Plano Diretor do Minas II*. Com o uso de ferramentas de controle e de análise orçamentária, a administração do Clube consegue seguir seu planejamento estratégico com precisão, ajustando rotas e otimizando recursos.

Gerir as finanças requer o cumprimento rigoroso da legislação e das normas fiscais, econômicas e financeiras. É assim, com práticas pautadas na integridade



Reunião dos executivos no Minas I, em outubro de 2025. **Foto:** Hedgard Moraes

Programa de voluntariado realiza o plantio de um bosque de cerejeiras em uma área localizada no Minas Country, com a presença do presidente do Minas Tênis Clube, Ricardo Vieira Santiago, e sua esposa Denise Lobão, em 2018. Na ocasião, foi descerrada uma placa em comemoração ao Dia Mundial do Meio Ambiente. **Foto:** Orlando Bento



e na governança, que o Clube fortalece sua credibilidade junto aos associados, parceiros e órgãos reguladores. Os dados financeiros são sistematicamente auditados e divulgados no *site* do Minas Tênis Clube, permitindo a todos os públicos de relacionamento com a instituição acompanhar sua saúde financeira, pautados pela transparência e pela confiança que ela gera.

No início dessa gestão, o Clube vivia um momento de esforço, empreendido nos três últimos triênios, para superar desafios próprios de uma instituição de grande porte, que cumpre seu planejamento estratégico com visão de futuro. Decisões como a construção do Centro de Facilidades no Minas I, na gestão de Sérgio Bruno, e as dificuldades impostas pela pandemia, vividas no período em que Ricardo Santiago foi presidente, geraram resultados menos positivos, embora o Clube nunca tenha parado de crescer.

O modelo positivo e os aprendizados do triênio de 2017-2019 permitiram que a gestão atual fizesse a “virada de chave”, ao dar continuidade a um modelo de gestão formalizado e técnico, com a implantação de processos modernos e inovadores. A comunicação franca e aberta com os associados foi essencial para alinhar as informações sobre ganhos de longo prazo e fortalecer a confiança na direção do Clube.

Para isso, foram utilizadas modernas ferramentas de acompanhamento e de controle orçamentário. O resultado foi minimizar riscos e otimizar resultados com uma Política de Negócios voltada para a diversificação das fontes de receita e o fortalecimento de parcerias estratégicas. O superávit acumulado no primeiro mandato desta gestão permitiu ainda realizar projetos estruturantes que tiveram impacto direto na experiência do associado.

Sustentabilidade: responsabilidade social e meio ambiente

A sustentabilidade está relacionada a todos os impactos ocasionados pela presença humana na Terra. Se por um lado a essência da humanidade é a evolução, por outro sua pegada no planeta tem apresentado desafios sociais, ambientais



e legais que precisam ser compreendidos e considerados à luz de propostas e soluções integradas e colaborativas.

O Minas Tênis Clube tem a sustentabilidade como uma bandeira na gestão de Carlos Henrique, reforçando a ideia de que cuidar do planeta e das pessoas é o melhor caminho para a manutenção da vida na Terra. Estar em harmonia com esses princípios fomenta a empatia, o senso de comunidade e a convivência harmoniosa entre todos.

No Minas Tênis Clube, evolução é também sinônimo de educação, pois o investimento na formação de jovens conscientes tem sido, cada vez mais, uma parte importante da busca pelo desenvolvimento sustentável. O pilar educativo que apoia a razão de ser do Clube vem incorporando temas a serem tratados no Curso Básico de Esportes desde a primeira infância dos pequenos, como relacionamentos respeitosos, espírito de equipe, solidariedade, ética e, é claro, preservação ambiental. O objetivo é formar cidadãos mais atentos e responsáveis, preparados para os desafios de um mundo em transformação acelerada.

O Instituto Minas Solidário, criado em setembro de 2025, é uma evolução do Programa Minas Tênis Solidário (PMTS), que teve início na gestão de Ricardo Santiago e foi conduzido por sua esposa, Denise Lobão. Ele consegue reunir a vertente dos projetos sociais, tão necessários e bem-vindos, aos projetos ambientais de alto impacto, organizando-se em cinco pilares: Esporte, Cultura, Educação, Lazer e Meio Ambiente.

O trabalho expande os braços do Minas Tênis Clube a lares de idosos, clínicas, escolas, hospitais e abrigos que necessitam de dignidade e afeto. Cerca de 50 instituições têm sido beneficiadas com recursos oriundos de feiras natalinas, oficinas artísticas e eventos diversos.

Sob a coordenação de Thereza Cristina de Castro Martins Teixeira, esposa de Carlos Henrique, o Instituto atua também como um verdadeiro escudeiro ambiental, contando com a colaboração de Célia Oliveira, Cristina Assis, Fábio Jardim, Isabela Baião, Rita de Cássia e Tânia Zefferino no grupo gestor. Um dos projetos que lhe conferem esse título é o plantio de árvores na Reserva Particular do Patrimônio

Programa Minas Tênis Solidário doa alimentos arrecadados pelo time de vôlei feminino Gerdau/Minas, em outubro de 2024. **Foto:** Magê Monteiro



Evento de lançamento do Instituto Minas Tênis Solidário, no Salão de Festas do Minas II, em setembro de 2025. **Foto:** Hedgard Moraes ▶

▲ Instituto Minas Tênis Solidário promove atividade com crianças da CUFA Taquaril, em outubro de 2025. **Foto:** Alessandra Torres

Natural (RPPN) do Minas Country, iniciativa que reafirma o compromisso ambiental do Clube e ajuda a reforçar o cinturão verde dessa unidade. Essa faixa de vegetação contribui para restabelecer a qualidade do ar, melhorar o clima, evitar a elevação das temperaturas e preservar o ecossistema local, além de proteger áreas verdes em Belo Horizonte e no entorno da Serra do Espinhaço.

Manter a conformidade com as normas ambientais, investindo em infraestrutura e equipamentos que reduzem impactos e garantem que o crescimento aconteça com responsabilidade, é uma premissa inegociável do Clube. A utilização racional de energia, água e insumos bem como a correta destinação de resíduos são práticas incorporadas à rotina, acompanhadas por ações educativas com associados, colaboradores e fornecedores.

No Clube, sustentabilidade e responsabilidade social integram valores éticos e práticas de rotina, o que demonstra que é possível crescer com consciência e respeito. Manter esse compromisso vivo permite a inserção da instituição em



Associados em ação de plantio de mudas nativas no Minas Country em setembro de 2023. **Foto:** Orlando Bento



redes de responsabilidade global, criando um efeito cascata de soluções positivas. Um exemplo disso é que o Minas Tênis Clube é signatário do Pacto Global – Rede Brasil, da Organização das Nações Unidas (ONU), desde 2021, e foi o primeiro clube do Estado a aderir à iniciativa.

Internamente, o Minas Tênis Clube mantém o Centro de Controle de Operações (CCO) desde 2020, desenhado especificamente para as necessidades da instituição. Por meio dele, o Clube monitora, em tempo real, indicadores como o consumo de energia e as perdas de água, gerando maior eficiência e ambientes mais confortáveis e seguros para os associados.

O compromisso com a sustentabilidade se estende às relações comerciais. O Minas Tênis Clube prioriza parcerias com fornecedores que compartilham os mesmos valores ambientais e sociais, contribuindo para um ecossistema de negócios mais humano e consciente. Nessa mesma cadeia de valores, estão sendo feitos estudos para a ampliação da instituição com o objetivo de reforçar o compromisso com a preservação ambiental e a sustentabilidade como forma de garantir a qualidade de vida das futuras gerações de minastenistas.

Digitalização e inovação na experiência do associado

A atenção para a necessidade da tecnologia como facilitadora de processos não é nova no Minas Tênis Clube. Na gestão de Ricardo Vieira Santiago, que antecedeu Carlos Henrique no comando da instituição, foram feitos investimentos em soluções tecnológicas que criaram um diferencial para encantar o público, fortalecer a marca e liderar a concorrência no segmento clubístico. A gestão atual aperfeiçoou a estratégia digital segmentada por pilares e modalidades esportivas, possibilitando ao Clube mostrar, por meio das redes sociais, o universo minastenista, atrair novos seguidores e gerar crescimento orgânico. A instituição

adotou novas práticas de *marketing* digital que lhe permitiram uma abordagem direta e eficaz com o público. A comunicação customizou as informações de acordo com a especificidade de cada canal, o que trouxe senso de pertencimento e de reconhecimento.

É importante lembrar que a pandemia de covid-19 acelerou a necessidade de mais tecnologia. Naquele período, o Clube criou o agendamento *on-line* na Academia do Minas, com mais praticidade e segurança para os associados. Quando foi preciso cancelar os serviços presenciais para preservar o bem-estar social e a saúde das pessoas, a tecnologia permitiu o lançamento da série #MinasComVocêEmCasa em redes sociais como Instagram e Facebook e no canal oficial do Clube no YouTube. Semanalmente, os instrutores da academia e os professores do pilar de Educação ofereciam aulas de yoga, de condicionamento físico, de *aerodance*, de *mat* pilates, de dança e de cursos artísticos para serem praticados em casa.

A decisão estratégica de desenvolver soluções sob medida, conduzidas por especialistas da equipe interna, permitiu o reposicionamento do Clube junto a seus associados, gerando confiança em um período tão crítico. As limitações do mercado então se transmutaram em oportunidades de inovação. É importante assinalar que essa transformação ocorreu em um ambiente cultural no qual havia resistência inicial à digitalização. Superar o modelo analógico, ainda presente nas gestões anteriores, exigiu coragem, estratégia e diálogo.

A transformação digital do Clube configurou-se como um dos eixos estratégicos da atual gestão, por meio da implementação de ferramentas que facilitaram ainda mais a interação entre os associados e a instituição. Essa frente fortaleceu o desenvolvimento e o aprimoramento de aplicativos para agendamento de atividades, adoção da carteira eletrônica com QR code e, mais recentemente, reconhecimento facial como método de controle de acesso a todas as unidades do Minas Tênis Clube e ao Minas Náutico.

O estímulo para que os colaboradores criem iniciativas em diversos temas nos pilares de Esporte, Educação, Cultura e Lazer é grande. Isso deu origem aos grupos de projetos estratégicos, que têm por desafio pensar soluções para além das suas



Carlos Henrique Martins Teixeira discursa ao lado de Kouros Monadjemi, Rodrigo Tavares e Fernando Zeferino no evento de Transformação Digital, promovido pelo Clube, em março de 2025. **Foto:** Orlando Bento



Associada realiza pedido no totem de atendimento, na lanchonete do Minas I, em 2024. **Foto:** Orlando Bento

áreas de trabalho, sempre em busca de novas ideias e ações para atender à demanda de todos os públicos.

Um dos destaques da continuidade do processo de modernização digital é a criação de um *site* e de um aplicativo novos para que os associados, seguidores e fãs do Minas Tênis Clube tenham a experiência mais positiva possível com a instituição no ambiente digital.

Outro avanço importante foi a digitalização da metodologia esportiva minastenista, reconhecida por sua excelência e aplicada por meio da Escola de Esportes Minas Tênis Clube. Agora em formato digital, ela pode ser licenciada por escolas e centros de formação, o que amplia a presença do Clube em diferentes regiões e contribui para o desenvolvimento do esporte com qualidade e consistência. Hoje são cerca de 16 parceiros com licenciamento para o uso da metodologia. A Escola de Esportes está presente em 31 unidades e em dois projetos sociais localizados em Ouro Branco e Itabirito, ambos em Minas Gerais. O programa mantém 16 instituições conveniadas e, em setembro de 2025, contava com 3.126 alunos, o que reafirma seu compromisso com a formação esportiva.

De qualquer forma, Carlos Henrique afirma sempre que a tecnologia é meio, não fim. Para ele, “a grandeza do Minas Tênis Clube está na colaboração máxima de todos aqueles que dele participam”. É preciso manter o ser humano no centro das decisões. Com a digitalização não é diferente. O equilíbrio entre a inovação e a sensibilidade deve ser o parâmetro que norteia a transformação digital.

Exatamente por essa razão, um dos principais desafios de hoje é lidar com os impactos da tecnologia nas relações sociais. Embora indispensável, o avanço tecnológico pode levar ao isolamento e à desumanização. É necessário, assim, fortalecer ações que valorizam o contato entre as pessoas. Isso se traduz em medidas como o incentivo à prática esportiva em busca do equilíbrio físico e mental, a convivência comunitária e a promoção da saúde, com foco na longevidade e na qualidade de vida. Além disso, o clube mantém programas educativos relacionados à natureza, à sustentabilidade e ao cuidado com o próximo.

Educação e Esporte: superação individual e coletiva

Esporte e educação são companheiros inseparáveis na formação integral das pessoas, desde a preparação de atletas de excelência até a orientação dos cidadãos para os desafios da vida. Por isso, a filosofia esportiva da instituição vai além do resultado. Ela aposta em valores como disciplina, ética, lealdade e respeito ao próximo, lições que os jovens devem carregar para sempre.

Assim, a prática esportiva é acompanhada por uma visão que valoriza o esforço, a superação e o espírito coletivo, transcendendo gerações.

Os primeiros passos na iniciação esportiva no Minas Tênis Clube podem também levar até o alto rendimento. O objetivo é construir uma estrutura sólida de formação, capaz de preparar os talentos da casa nos times de base para integrar, no futuro, as equipes de ponta do Clube, reforçando, assim, o reconhecimento da instituição como um verdadeiro formador de campeões.

Essa diretriz envolve diretamente a ciência do esporte. Áreas como nutrição, fisioterapia, psicologia, medicina esportiva, massoterapia, preparação física, tecnologia e inovação são integradas ao treinamento. Elas ajudam a promover o desempenho e favorecem o aprimoramento nas quadras, elevando a *performance* e contribuindo para a longevidade na prática esportiva.

Na área educacional, o Clube desenvolve um trabalho pedagógico estruturado e acolhedor, que se inicia na primeira infância. O método adotado integra ciência, ludicidade e valores humanos, promovendo o desenvolvimento equilibrado do corpo, da mente e das relações afetivas. O resultado é uma formação completa, que estimula a consciência social e ambiental, o respeito e a convivência, em consonância com o princípio de sustentabilidade, da saúde e do bem-estar.

A base da interação se dá pelo desenvolvimento de *life skills*, um conjunto de competências socioemocionais e comportamentais que capacitam o indivíduo a enfrentar, de forma eficaz, desafios e exigências da vida cotidiana. Essas habilidades

Atleta de base do vôlei feminino realiza teste de avaliação física, em fevereiro de 2024.

Foto: Hedgard Moraes





Atletas do Gerdau/Minas na Arena Uni-BH durante o primeiro jogo da Superliga de Vôlei 2025. **Foto:** Hedgard Moraes

vão além do conhecimento técnico, abrangendo aspectos como pensamento crítico, resolução de problemas, comunicação, colaboração, autoconsciência e gestão emocional.

Reconstrução e impulso ao esporte de alto rendimento

O Minas Tênis Clube é um celeiro de atletas. Seu histórico expressivo de conquistas nacionais, internacionais e olímpicas é amplamente reconhecido em todo o Brasil. São mais de 1 mil atletas federados, distribuídos em nove modalidades esportivas de alto rendimento, que, ao longo da história, renderam ao Clube vários títulos e recordes.

A vocação histórica do Clube pelo esporte de alto rendimento foi reafirmada nos últimos anos, por meio de investimentos que trouxeram ainda mais competitividade às equipes e restituíram seu protagonismo no cenário esportivo nacional. Uma reestruturação financeira, com amplo investimento nas modalidades esportivas, permitiu aos times novas conquistas, como a da Superliga de Vôlei, nos primeiros anos da atual gestão; os títulos das principais competições nacionais da equipe de natação Arezzo&Co Minas, líder absoluta da temporada 2025, arrematando o Troféu Maria Lenk e o Troféu José Finkel; além do tetracampeonato Brasileiro de Ginástica Artística Adulto, conquistado pela equipe masculina de ginástica artística do Minas Tênis Clube.

Lazer: pilar essencial para a qualidade de vida

Falar de lazer no Minas Tênis Clube é o mesmo que criar experiências para promover o bem-estar, a convivência harmoniosa e a alegria de estar junto. Essa diretriz



Atividade recreativa na piscina do Minas I, em 2024. **Foto:** Sâmara Oliveira

reforça o entendimento de que o lazer tem um papel transformador, capaz de melhorar as saúdes física e mental, fortalecer laços sociais e criar senso de pertencimento. Para a atual presidência do Minas Tênis Clube, acolher é um valor que se expressa de forma integral, inclusive nos momentos de descontração e convivência.

Além do mais, é o investimento constante em infraestrutura que assegura a oferta de atividades de alta qualidade para os mais de 82 mil associados. Esse compromisso garante a plena satisfação dos sócios, com espaços que promovem o bem-estar e a prática de atividades diversificadas. Essas iniciativas reforçam o Clube como espaço multifuncional, no qual convivem formação, práticas esportivas de alto rendimento, lazer e cultura.

Além das atividades recreativas, a instituição reforçou as condições de atendimento às diferentes necessidades dos associados, garantindo programações variadas, ofertadas por faixa etária e por grupos de interesse, sempre com infraestrutura adequada e acolhedora. Alguns exemplos são os Espaços de Convivência do Minas I, ambientes projetados para estimular a interação entre os associados num clima de pertencimento e hospitalidade; e a criação de programas segmentados, como o Minas Pró+, voltado para jovens adultos com foco em inovação, *networking* e desenvolvimento pessoal e profissional. Esse programa tem como objetivo principal reconectar seu público à instituição, abrindo-lhe novos espaços por meio de experiências relevantes e alinhadas a seus interesses e estilos de vida.

Outro exemplo é o Cabeça de Prata, criado em 1987, e dedicado aos associados 60+. Há 38 anos, o programa promove qualidade de vida, convívio e bem-estar para seus integrantes. Reconhecido nacionalmente como referência de excelência, foi o primeiro do segmento clubístico brasileiro a desenvolver atividades específicas para este público. Hoje são mais de 15 mil sócios atendidos com uma programação que inclui cerca de 40 eventos anuais, com dança de salão, festas temáticas, atividades físicas adaptadas, excursões culturais, viagens nacionais e internacionais e palestras educativas.

Os encontros do Cabeça de Prata são realizados no Minas I, Minas II e Minas Country. O programa oferece entretenimento, estimula o envelhecimento ativo, combate o isolamento social e promove a vitalidade física e mental, reforçando a filosofia



◀ Ana Cañas se apresenta no Teatro do Centro Cultural Unimed-BH Minas, em março de 2025.
Foto: Sâmara Oliveira

de que idade não é limite. Ao contrário, ela deve ser vista como uma inspiração para a busca por novas experiências, o que estimula a inclusão na “melhor idade”. Por isso, quando um sócio adere ao programa, o intuito é que ele seja contemplado em suas necessidades de interação social.

Gestos, saberes e memórias: berço da cultura

A cultura é um tecido invisível que conecta as pessoas e suas histórias. Mencioná-la é trazer à tona uma rede simbólica de modos de vida que o tempo e o afeto entrelaçam em cada geração. A cultura é também a arte de transformar experiências em significados, como se um fio unisse corpo e espírito, passado e devir, individual e coletivo. Por isso, ela está sempre em movimento, como a história que conta e que se reinventa ao ser transformada.

Ao reunir práticas, significados e valores compartilhados pela sociedade, permitindo aos indivíduos interpretarem o mundo para construir suas identidades, a cultura molda o comportamento, inspira a arte, dá forma às tradições e, ao mesmo tempo, renova o espírito de um povo.

É sabido que o Minas Tênis Clube tem o papel de um agente cultural relevante para Belo Horizonte e para Minas Gerais, conectando lazer, arte, educação e responsabilidade social. Ao despertar o interesse pela arte, pela memória e pela reflexão crítica desde a infância, o Clube oferece infraestrutura de qualidade e possibilidades de participação voltadas para os associados e para o público externo, por meio de experiências culturais significativas e acessíveis.

A programação é ampla e variada: centenas de espetáculos, *shows*, exposições, palestras e eventos literários são realizados todos os anos, tanto nas unidades do Clube quanto em espaços públicos. Música, dança, teatro, cinema, literatura e artes visuais convivem em harmonia, oferecendo ao público um leque



◀ Convidados participam da abertura da nova exposição do Centro de Memória, em outubro de 2025.
Foto: Alessandra Torres

de expressões artísticas. Esses momentos são oportunidades para reflexão, diálogo e formação de público, aproximando as pessoas de temas contemporâneos e relevantes para a sociedade.

O cuidado com a preservação da história do Clube, muito presente nesse pilar, ficou evidenciado nas comemorações dos 90 anos. Além da programação especial oferecida a sócios e comunidade ao longo de 2025, iniciativas internas de preservação da memória mostraram como é possível a união entre o tradicional e o inovador, a exemplo da revitalização da exposição de longa duração do Centro de Memória Minas Tênis Clube.

Ampliação da governança corporativa

O conceito de governança corporativa vai muito além de um conjunto de regras e premissas organizacionais. Trata-se de uma condução adequada do modo de estar no mundo empresarial com transparência, consciência e propósito. Segundo o Instituto Brasileiro de Governança Corporativa (IBGC), a governança corporativa pressupõe um sistema de princípios, estruturas e processos que orientam e monitoram as organizações para gerirem seus negócios, de forma a gerar valor sustentável para a empresa, seus sócios e a sociedade. Em sua essência, a governança traduz a busca pelo equilíbrio entre o poder e a responsabilidade, entre o resultado e o impacto, entre o agora e o futuro.

O IBGC estabelece cinco princípios fundamentais para nortear essa prática: integridade, transparência, equidade, responsabilização e sustentabilidade. Juntos, eles formam a base de uma cultura corporativa ética e comprometida, em que cada decisão reflete o compromisso com as pessoas, o meio ambiente e o legado institucional. A boa governança se revela não como um fim em si mesma, mas como um caminho para a longevidade e a legitimidade das organizações; uma ponte entre o desempenho e o sentido.



▲ Colaboradores participam da 5ª edição da Clínica do Esporte, na Arena Uni-BH, em março de 2025.
Foto: Hedgard Moraes

A atual gestão do Minas Tênis Clube tem se empenhado no aprimoramento da governança corporativa, essencial para a administração moderna e transparente do Clube. A diretoria eletiva tem como principal função definir o direcionamento estratégico, em alinhamento com o presidente, enquanto os executivos e demais colaboradores são responsáveis pela gestão e operação diária das áreas, alinhando-se aos valores relativos ao processo decisório e à busca por gestão participativa. Esse modelo está claramente descrito no *site* institucional do Clube, que conta com seção específica na qual o usuário acessa um conjunto detalhado de informações sobre gestão, estatuto, finanças, resoluções e contratos, entre outros assuntos organizacionais.

Gestão de pessoas e de histórias

Cada pessoa é parte de uma memória viva e carrega consigo um patrimônio singular. Sempre que uma organização reconhece isso — ou seja, trata as pessoas como acervo de saber, como valor inestimável e como curadoras da própria história —, ela contribui para a cultura de paz, que preconiza o respeito e a justiça (Museu da Pessoa, 2025).

Para o Minas Tênis Clube, investir internamente nas pessoas significa reconhecer o talento e a dedicação de cada profissional, alinhando as equipes e a identidade institucional em uma mesma base de confiança e humanização. A gestão do presidente Carlos Henrique reflete esse compromisso ao adotar um modelo de liderança que valoriza o comprometimento e incentiva a coparticipação ativa.

Externamente, a estratégia de oferecer um atendimento inclusivo, cordial, ágil e acolhedor faz toda a diferença na experiência dos associados. Isso se reflete em todas as interações, desde a chegada dos sócios nas portarias até os serviços especializados. O resultado fortalece os vínculos de confiança com a instituição.

Mais do que dar soluções para questões operacionais, a presidência tem priorizado o bem-estar e o desenvolvimento de todos que fazem parte da comunidade



◀ Carlos Henrique Martins Teixeira, presidente do Minas Tênis Clube, aperta a mão da então presidente da Fundação Municipal de Cultura, Luciana Féres, acompanhados pelo subsecretário de Administração e Logística, Breno Serôa da Motta (*à direita*), durante assinatura do Termo de Cessão da Casa Rosada ao Minas Tênis Clube, em 2023. **Foto:** Orlando Bento

minastenista. O balizador é o equilíbrio entre tradição e modernidade, reforçando o espírito humano e criando soluções conectadas às necessidades atuais. Assim, o ambiente de trabalho se torna mais colaborativo e motivador.

Negócios compartilhados

No Minas Tênis Clube, o conceito de valor compartilhado é uma diretriz fortalecida pela atual gestão. Isso se reflete diretamente na busca por parceiros que se identifiquem com os objetivos do Clube e que sejam capazes de criar uma rede de colaboração na qual todos ganham. A essência é a busca por novas oportunidades de valor compartilhado.

O valor da marca e o reconhecimento institucional são ativos intangíveis, e a atração de novas marcas para financiamento das equipes campeãs do Clube evidencia uma gestão que investe em qualidade e bem-estar, incrementando a oferta de serviços para os associados e a cadeia de negócios. Os resultados dessa estratégia são notados na valorização das cotas sociais do Minas Tênis Clube, que, em cerca de três anos, passaram de aproximadamente R\$ 35 mil para cerca de R\$ 100 mil, no final de 2024.

Além das parcerias tradicionais, o Clube investe na captação de recursos privados e públicos, via leis de incentivo, para viabilizar projetos esportivos e culturais, sempre pautado pelos critérios éticos e legais que asseguram a credibilidade da instituição.

A eficiência dos processos é garantida pela organização clara das áreas de captação e operação. Após o fechamento do negócio, os novos parceiros passam a ser atendidos pelo *marketing*, que cuida do sucesso do cliente, garantindo que as entregas acordadas sejam cumpridas em sua totalidade e que os relatórios de desempenho sejam entregues dentro do prazo. Essa organização contribui para uma gestão profissional, coesa e alinhada aos objetivos institucionais.

Regata de barcos a vela no Festival de Aniversário "Minas 90 anos", no Minas Náutico, em 2025. **Foto:** Hedgard Moraes ▼



Qualidade

A qualidade não é apenas o que se mede; é o que se valoriza. Na filosofia clássica, Aristóteles chamou de “qualidades” os traços que determinam o ser das coisas, ou seja, o que faz um vaso ser um vaso e também o que faz um ato ser virtuoso (Aristóteles, 2005). A diferença está no pragmatismo do primeiro exemplo e na subjetividade do segundo. No pensamento moderno, a qualidade aparece vinculada ao valor e à adequação de propósito, emergindo como um termo que define o ser com o dever-ser. As organizações atrelam a qualidade à satisfação do cliente e ao rigor dos produtos e processos em busca do desenvolvimento sustentável.

Ao abraçar a qualidade como uma filosofia de negócios, o Minas Tênis Clube reconhece que cada tarefa, serviço ou pessoa compõe um todo digno de cuidado e atenção. No Clube, a qualidade ultrapassa a técnica para ser pensada do ponto de vista da ética, gerando narrativas e legados que ressignificam o teor utilitarista da qualidade. Nesse diálogo entre a filosofia e o fazer corporativo, a busca permanente pela excelência compõe a essência da instituição.

Dessa forma, ela guia todas as ações institucionais e reflete seu compromisso com a melhoria contínua dos serviços e com a superação das expectativas dos associados, oferecendo mais valor agregado no uso eficiente dos recursos. Esse compromisso é um elo que conecta e se reflete em todas as áreas, do lazer ao esporte, da cultura à educação, e está vinculado à valorização da experiência dos sócios. Ao garantir o alinhamento entre a atuação das equipes, as decisões da diretoria e as demandas dos associados, o Clube cria um ambiente de colaboração institucional.

No cuidado com os colaboradores, o incentivo ao desenvolvimento profissional vem contribuindo para formar uma equipe comprometida com resultados. O sócio, por sua vez, percebe esse cuidado e se torna parte na construção de uma instituição melhor a cada dia. Sob essa perspectiva, a qualidade se consolida como um esforço coletivo, presente no planejamento e na rotina, e como um fator decisivo para o prestígio conquistado pelo Clube no cenário nacional e internacional.

Juventude: programa Minas Pró+

Voltado para a formação e o desenvolvimento de jovens, o programa se destaca como uma resposta assertiva à demanda por capacitação e *networking* necessária para apoiar os associados com idade entre 17 e 35 anos. Por meio de palestras e encontros que reúnem personalidades reconhecidas no cenário dos negócios, como o governador Romeu Zema e o CEO da Gerdau, Gustavo Werneck, o programa oferece conteúdo estratégico e orientado para o futuro. A ideia é extrapolar a esfera do entretenimento e consolidar o Minas Pró+ como um catalisador de competências para o mercado e para a vida.

A travessia do Minas

Quando Guimarães Rosa escreveu que “o real não está na saída nem na chegada: ele se dispõe para a gente é no meio da travessia” (Rosa, 1956, p. 81), ele pensava no sertão das Minas Gerais. Nesse espaço de aridez e incerteza, o autor mostra como a coesão entre os viajantes fazia diferença para cruzar os caminhos em segurança. E como no meio deles – um meio feito de desafios, decisões e incertezas – era importante contar com o apoio do grupo e da liderança. Ao longo de 90 anos, o Minas Tênis Clube tem vivido sua travessia com a serenidade de saber que “quem elegeu a busca não pode recusar a travessia” (idem, p. 83). Em sua busca coletiva prevalece o espírito de equipe, iluminado pelo exemplo da diretoria que se pauta pela coesão que transforma o esforço em resultado e faz do caminho a realização. Porque, no sertão da vida humana, ninguém avança sozinho – é o passo conjunto que faz a vereda se abrir.



▲ Evento Conexão Minas contou com a presença de Gustavo Werneck, CEO da Gerdau, e com a equipe do projeto Minas Pró+, em agosto de 2025. **Foto:** Orlando Bento



▲ Carlos Henrique Martins Teixeira e Wagner Furtado Veloso durante o evento Minas no Pacto Global, no Teatro do Centro Cultural Unimed-BH Minas, em 2024. **Foto:** Hedgard Moraes

Assim como é essencial manter a motivação dos talentos que movem o Minas Tênis Clube, também é fundamental contar com um corpo diretivo alinhado e coeso, garantindo que a instituição siga um caminho claro e bem direcionado. Por ser uma diretoria eletiva, os integrantes dedicam voluntariamente seu tempo ao Clube, atuando como consultores nas áreas que lideram. Sua principal função é definir o direcionamento estratégico, em consonância com o presidente, enquanto os executivos e demais colaboradores respondem pela gestão e operação das áreas.

Esse modelo assegura que todas as divisões e departamentos atuem de forma coordenada, seguindo uma visão estratégica. A excelência operacional é garantida pela atuação de funcionários altamente capacitados, que executam suas atribuições com comprometimento. Tudo isso com um único foco: oferecer aos associados a melhor experiência dentro do Clube.

No relacionamento institucional, a gestão tem demonstrado maturidade e espírito conciliador, seguindo o modelo bem-sucedido vivenciado por Carlos Henrique Martins Teixeira e Ricardo Vieira Santiago. A chegada de Ricardo à presidência do Minas Tênis Clube, em 2017, marcou o início de uma fase de transformação estrutural. Enfrentando um cenário que exigia mudanças importantes, Ricardo conduziu um processo de reestruturação organizacional e fortalecimento institucional. Mais adiante, com a eleição de Carlos Henrique para o triênio 2023-2025, o Clube deu continuidade a esse trabalho, por meio de uma visão moderna e colaborativa de gestão, com efetividade e numerosas entregas.

Amigos desde a infância, quando se conheceram ainda alunos do Instituto Zilah Frota, eles trouxeram para a administração uma sintonia rara, baseada em confiança, diálogo e respeito mútuo. Essa parceria foi decisiva para enfrentar os desafios, incluindo um rigoroso processo de reestruturação administrativa, que demandou decisões firmes e um alto grau de coesão entre as equipes. A postura analítica, conciliadora e ponderada de Carlos Henrique se somou ao perfil direto e objetivo de Ricardo, derivando em uma combinação ideal para a agilidade na tomada de decisão, qualidade essencial em momentos de grandes mudanças institucionais.

O que torna essa transição tão significativa é o fato de ter sido pautada por continuidade estratégica, e não por ruptura. Ricardo e Carlos Henrique compartilham

valores, visão de futuro e um profundo entendimento da missão do Clube, resultado de trajetórias construídas dentro da própria casa. Ambos são fruto do esporte e foram formados no Minas Tênis Clube, um ambiente que investe no desenvolvimento de atletas com o intuito de manter sua tradição e seu DNA de clube formador.

A parceria estabelecida por ambos nasceu em um contexto de forte polarização no país, o que também se refletia nas interações entre associados. Para preservar o ambiente interno, a gestão desenvolveu uma estratégia clara: manter o foco na missão e evitar o envolvimento com disputas político-partidárias. O Minas Tênis Clube é uma instituição que respeita e valoriza todos que pertencem ao seu quadro social. Por isso, sua governança mantém-se firme em princípios de neutralidade, promovendo a união, o diálogo respeitoso e o acolhimento de todas as pessoas. Essa postura fortalece o compromisso do Clube com um ambiente humano, em que todos possam conviver e crescer juntos.

Hoje essa parceria respeitosa se estende também à relação entre o atual presidente e o vice-presidente, Wagner Furtado Veloso. Nela se reflete o poder do diálogo constante, da atuação conjunta e do compromisso com o bem coletivo, fundamentais para a manutenção de um ambiente harmonioso e cooperativo. Isso também se estende ao corpo diretivo, que mantém agendas de alinhamento com o presidente, reforçando a coesão e a unidade do Clube. O resultado é um ambiente institucional marcado pela sintonia e pela busca constante de decisões conjuntas a favor dos associados.

Entre as inovações trazidas por essa administração, destaca-se o modelo de gestão compartilhada. Nesse formato, presidente e vice-presidente atuam juntos, com base em três princípios: confiança, perfis complementares e alinhamento estratégico. Não há disputas internas por protagonismo; pelo contrário, a delegação de responsabilidades e o diálogo constante são parte do dia a dia. A base desse modelo está em uma gestão estratégica eficiente e em uma estrutura financeira sólida, refletida nos relatórios semestrais e anuais que apresentam com transparência os resultados institucionais e o balanço patrimonial do Clube. O Manual de Planejamento Estratégico, validado pela Diretoria, reúne os principais instrumentos de gestão: missão, visão, princípios, valores, políticas institucionais, além do Mapa e dos Indicadores Estratégicos que orientam as decisões.



▲ Carlos Henrique Martins Teixeira faz sua apresentação durante a reunião do Conselho Deliberativo, em setembro de 2025. **Foto:** Orlando Bento



Associados aproveitam um dia de sol na piscina do Minas I, em 2019.

Foto: Orlando Bento

Minas do Futuro: tudo vale a pena se a alma não é pequena

O ano era 1934 e o livro “Mensagem” acabara de sair do prelo. Única obra de poesia que Fernando Pessoa publicou em vida, ela trouxe em suas páginas o poema ‘Mar Português’, no qual se encontra o verso utilizado nesse título e que se tornou o mais citado no mundo, entre todos que o autor escreveu. A obra homenageia o espírito dos navegadores e o ideal de conquista espiritual que movia Portugal na era dos descobrimentos. Sua inspiração veio do mar como metáfora do destino coletivo do país e da própria condição humana. Porque navegar é preciso, mas viver também é preciso (Pessoa, 1934).



A Assembleia Geral Ordinária de 7 de outubro de 2025 elegeu a Chapa Minas para o Conselho Deliberativo no mandato 2025-2031, sem concorrência, resultado da confiança mútua e do senso de pertencimento que unem diretoria e associados. O pleito contou com 839 sócios titulares. Esse resultado, por si só, é um forte indicativo do consenso e da confiança que permeiam a relação entre a Diretoria Executiva e o Conselho Deliberativo. A reeleição da Diretoria, realizada em 10 de novembro de 2025, é mais um capítulo dessa trajetória de governança exemplar, solidificando um caminho de união e responsabilidade.

Com mais um triênio pela frente, a diretoria reeleita conduz o Minas Tênis Clube por uma travessia direcionada à busca de resultados e de inovação. A relação entre o presidente Carlos Henrique e o Conselho Deliberativo constitui um dos pilares estratégicos para a governança e o futuro da instituição, alinhando objetivos para concretizar projetos audaciosos. A sintonia entre as instâncias de decisão reflete-se em conquistas institucionais expressivas e na condução harmoniosa dos rumos do Clube.



Diretoria do Minas Tênis Clube recebe homenagem dos representantes da Liga Nacional de Basquete, na Arena Uni-BH, durante o Jogo das Estrelas, em março de 2025. **Foto:** Hedgard Moraes

Também a parceria entre Carlos Henrique e o vice-presidente Wagner Furtado Veloso continua sendo decisiva para equilibrar tradição e vanguarda. A vivência pós-pandemia reforçou a importância da tecnologia como aliada da convivência e da eficiência. As lições desse momento levam o Clube a consolidar uma infraestrutura inteligente, capaz de aproximar pessoas e simplificar processos, sem jamais substituir o calor humano que define a vida associativa.

O reconhecimento interno ao trabalho do atual presidente tem dado lugar a ações como sua indicação à Comenda de Sócio Benemérito, distinção que traduz a gratidão da comunidade minastenista por uma gestão marcada pela serenidade, pelo diálogo e pela inspiração. Ex-atleta e advogado respeitado, ele personifica os valores do Clube: disciplina, compromisso e sensibilidade. Sua liderança aproxima pessoas, reforça vínculos e mantém viva a essência do Minas Tênis Clube: formar para o esporte e para a cidadania.

À frente da instituição, Carlos Henrique tem reafirmado três pilares inegociáveis: transparência, união e responsabilidade. A gestão participativa, que convida associados e colaboradores à construção conjunta das decisões, reflete uma visão de governança contemporânea, em que o diálogo é o instrumento de consenso, e o propósito, o eixo comum. Essa postura tem permitido ao Clube atravessar os desafios da modernidade com integridade e visão de futuro, preservando sua tradição sem perder o ritmo do presente.

O Minas do Futuro

Obras emblemáticas – como o *Plano Diretor do Minas II*, a reforma e reativação da Casa Rosada Gasmig Minas e a criação dos novos espaços de convivência no Minas I – reafirmam o compromisso do Minas Tênis Clube com a qualidade e o bem-estar de seus públicos. Mais do que um plano, o Minas do Futuro é uma diretriz de transformação.

Baseado em uma leitura criteriosa dos desafios do século XXI, o planejamento projeta o Clube como referência em inovação, excelência operacional e humanização



Equipe de Manutenção no Centro de Controle Operacional, em 2025. **Foto:** Hedgard Moraes

da experiência associativa. A concepção de futuro para o Minas Tênis Clube preconizada por Carlos Henrique configura-se numa diretriz estratégica que transcende as convenções.

Trata-se de uma orientação institucional que norteia as ações presentes e projeta o Clube do amanhã, tendo em vista os desafios contemporâneos e as oportunidades emergentes em um mundo progressivamente globalizado. A proposta é sensível e arrojada e posiciona o Minas como um agente de transformação positiva na vida de milhares de pessoas, reafirmando sua referência esportiva, cultural e social em âmbito nacional. As ações se projetam em várias frentes, pavimentando o caminho centenário do Clube e comprovando que nele se aprende com o passado de olho no futuro.

Tecnologia a serviço das pessoas

No coração da transformação digital estão a agilidade, a segurança e a integração das operações do Clube. A modernização tecnológica permitirá a desburocratização dos processos, otimizando fluxos administrativos e reduzindo tempo e energia das equipes e dos associados.

A visão de um Minas do Futuro altamente tecnológico e humanizado assegura que as mudanças necessárias sejam implantadas de forma coesa, preservando a história de 90 anos e garantindo que o Clube siga como ícone de excelência e inovação.

Com investimentos em sistemas inteligentes, plataformas integradas e soluções inovadoras, a instituição busca facilitar o acesso dos associados aos serviços, aprimorar a comunicação com eles e otimizar o dia a dia de quem vive o Clube. Essa modernização vem acompanhada de um olhar humano e acolhedor, que valoriza o tempo, o conforto e as necessidades de cada sócio.

A estratégia inclui iniciativas pioneiras no ambiente digital. As ações visam ampliar a presença do Clube, conectando-o às novas gerações e promovendo sua influência para além de limites físicos. Essa intenção reflete uma perspectiva ousada de expansão, sem perder de vista o princípio fundamental de que a tecnologia deve privilegiar a humanidade em todas as suas frentes.



Obra de construção do *Plano Diretor do Minas II*, em novembro de 2025. **Foto:** Hedgard Moraes

O Plano Diretor do Minas II

Concebido durante a gestão de Ricardo Santiago, o Plano foi aprovado para assegurar a evolução ordenada da Unidade, promover a modernização de sua infraestrutura e ampliar a capacidade de atendimento às demandas crescentes dos associados. A primeira etapa do Plano foi materializada durante o primeiro mandato de Carlos Henrique e seu objetivo é melhorar a área dos grandes eventos e a de Alimentação e Bebidas (A&B), além de ampliar a varanda da sinuca na Sede Social do Minas II.

O Plano foi organizado em seis fases de execução e incluirá uma nova academia, salas de aulas coletivas, quadras cobertas, novos espaços na Sede Social, a construção de um centro aquático, dentre outras melhorias. Essa é a essência do Minas Tênis Clube: dedicação e trabalho constante para que tudo aconteça da melhor forma.

Qualidade sustentável e pessoas

A sustentabilidade e a gestão de pessoas são faces indissociáveis do futuro. Iniciativas nas áreas de Impacto Ambiental, Inclusão Social e Valorização das Pessoas traduzem o compromisso do Clube com um futuro mais consciente e humano, com o equilíbrio entre resultados, ética e bem-estar. Crescer, para o Minas, é expandir a infraestrutura sem perder a consciência ambiental; é gerar desempenho sem abrir mão do respeito e da equidade.

No coração dessa proposta está a qualidade — princípio que orienta cada decisão agora e no futuro. Para o presidente, a realização feita com excelência garante que o reconhecimento seja natural e duradouro. A busca pela qualidade é, portanto, um ato de respeito com as pessoas, com a história e com o sentido de existir do Clube. Essa filosofia preserva a identidade do Minas como uma instituição diferenciada, profundamente conectada às aspirações de seus associados e às demandas de uma sociedade em constante transformação.



◀ Perspectiva da etapa 1, do Plano Diretor do Minas II. Foto: 3D Dávila



Equipe de basquete e comissão técnica comemoram o título Copa Super 8, na Arena Uni-BH, em janeiro de 2022. **Foto:** Orlando Bento

Educação e formação integral

Outro eixo essencial do Minas do Futuro é a educação, entendida como formação transversal e integral. O Clube reafirma seu papel de agente social, ao estimular valores que ultrapassam o desempenho atlético: consciência ambiental, empatia e cidadania. A proposta é formar indivíduos desde a infância para que eles transformem o mundo em que vivem, reforçando valores como o respeito à natureza, a preservação dos recursos naturais e a valorização da convivência. O Minas educa para o corpo, a mente e o espírito — e é nesse tripé que ele revela sua vocação mais profunda de agente transformador.

Excelência à mesa: a força da área de A&B do Minas

As mudanças na área de Alimentos e Bebidas do Minas Tênis Clube começaram em 2023 e seguirão ao longo do próximo triênio. Com o intuito de otimizar os serviços e melhorar as opções para os sócios, o Clube reestruturou e primarizou o restaurante e a lanchonete do Minas I, renovou os concessionários para oferecer maior variedade, opções mais saudáveis e com mais qualidade. Além disso, intensificou as medidas de avaliação e controle dos serviços e alimentos oferecidos, para garantir excelência para os associados.

O investimento seguirá, com o intuito de oferecer as melhores opções para os associados. Cada espaço gastronômico do Clube é pensado para oferecer experiências que unem sabor e convivência, pilares que transformam cada refeição em um momento especial.

Com uma equipe qualificada e atenta a cada detalhe, o setor de Alimentos e Bebidas investe constantemente em capacitação para seus colaboradores, e o resultado é um padrão de excelência que se reflete desde o atendimento até a curadoria dos cardápios, que apresentam gastronomia mineira e contemporânea.



É... como diz o presidente, quando o assunto é tempo, a filosofia é inevitável. Este livro completa um ciclo comemorativo e uma narrativa que termina aqui para começar de novo. Quem sabe o que se pode esperar deste protagonista, um senhor de 90 anos que resolveu desafiar o tempo e rejuvenescer a cada dia? Uma coisa é certa: se a paixão que move o Minas Tênis Clube hoje seguir viva geração após geração, o Clube não abrirá mão de princípios como a humanização, a inovação e o sucesso. Que venha o futuro!

Carlos Henrique Martins Teixeira recebe dos deputados Tadeu Leite e Doorgal Andrada homenagem ao Minas Tênis Clube, na Assembleia Legislativa de Minas Gerais, em setembro de 2025. **Foto:** Orlando Bento



▲
Encontro do presidente Carlos Henrique MartinsTeixeira e dos ex-presidentes Ricardo Vieira Santiago, Luiz Gustavo Miranda Lage, Kourros Monadjemi e Sérgio Bruno Zech Coelho, na sala da presidência, em novembro de 2024.
Foto: Pedro Gravatá

►
Show de Samuel Rosa durante o Festival de Aniversário "Minas 90 anos", no Minas Náutico, em setembro de 2025. **Foto:** Hedgard Moraes

90 anos do Minas em números

- ◆ Mais de 82 mil sócios, sendo 27 mil cotistas.
- ◆ Mais de 3 mil eventos e ações culturais por ano para um público de mais de 200 mil pessoas.
- ◆ Os quatro clubes somam mais de 450 mil m².
- ◆ Mais de 3 milhões de acessos de sócios por ano nas três unidades e no Náutico.
- ◆ 19 cursos esportivos, artísticos, academia e acompanhamento escolar, com mais de 21 mil matrículas ativas.
- ◆ Mais de 1.000 eventos e atividades de lazer por ano, incluindo mais de 300 eventos sociais.
- ◆ Cerca de 1.000 atletas federados, entre base e ponta, que representam o Clube em torneios nacionais e mundiais.
- ◆ Mais de 200 integrantes do Time do Bem, grupo de voluntários do Instituto Minas Tênis Solidário.





◀ Vista parcial do Minas II, em 2019.
Foto: Orlando Bento



Vista parcial do Minas Náutico, em 2025. ▶

Foto: Assessoria de Comunicação
do Minas Tênis Clube

Unimed
Belo Horizonte

A paixão pela vida

O Minas Tênis Clube é parte essencial da história de Belo Horizonte. Há 90 anos, promove esporte, cultura e momentos de convivência, sendo palco de memórias afetivas e encontros que atravessam gerações de muitas famílias mineiras.

A Unimed-BH se orgulha de fazer parte dessa trajetória e de compartilhar com o Minas Tênis Clube a tradição e o propósito de cuidar da vida, propagando valores como o cuidado com as pessoas, a valorização da arte e o compromisso com a comunidade.

Essa parceria se fortaleceu com a criação do Centro Cultural Unimed-BH Minas, um espaço plural e acessível, que traduz este propósito em seu sentido mais amplo.

Celebrar os 90 anos do Minas é reafirmar essa jornada conjunta, marcada por cooperação, afeto e transformação social.

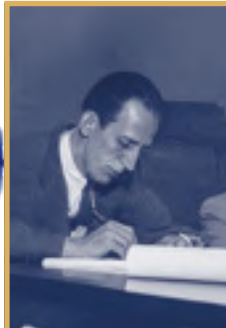
Que venham os próximos 90 anos, cheios de saúde, movimento e arte.

Centro Cultural
Unimed–BH Minas



Linha do Tempo

1935



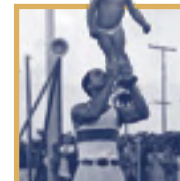
Assinatura da ata de fundação do Minas Tênis Clube; Necésio Tavares assume a presidência (1935-1936).



Inauguração da Praça de Esportes e da primeira Piscina Olímpica; Gerson Sabino produz o *Relatório de Organização do Minas Tênis Clube*.

1936

Governo de Minas Gerais concorda em financiar o Minas Tênis Clube; Professor Antônio Mendes Macedo é contratado para ginástica infantil; Major Ernesto Dornelles é nomeado presidente (1936-1942).



1937

Decreto-lei n. 150 transforma o Minas Tênis Clube em Praça de Esportes Minas Gerais.



Fundação da Federação Mineira de Voleibol; Criação do Departamento de Educação Física do Clube.

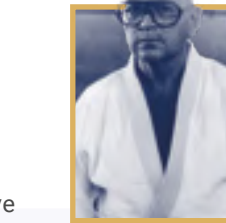
1938

Inauguração da Sede Social e da Biblioteca Infantil Caio Martins; Registros cinematográficos históricos do Clube são feitos por Humberto Mauro; Il Travessia de Minas a Nado.

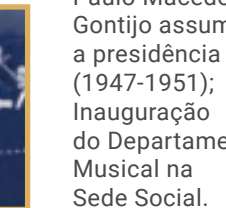


1939

Criação da Diretoria Geral das Praças de Esportes de Minas Gerais.



Minas Tênis Clube promove almoço para receber a comissão de modernistas na 1.ª Exposição de Arte Moderna.

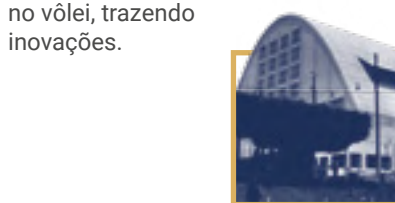


1940

Diretoria Geral das Praças de Esportes é renomeada para Diretoria de Esportes de Minas Gerais (DEMG); Atletas do Clube são convocados para a Seleção Brasileira de Natação.

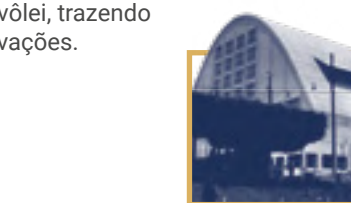


Terezinha Vargas representa o Minas Tênis Clube no Miss Belo Horizonte; Adolfo Guilherme inicia trabalho no vôlei, trazendo inovações.



1941

Criação do Departamento de Defesa Pessoal e início do judô; Paulo Macedo Gontijo assume a presidência (1947-1951); Inauguração do Departamento Musical na Sede Social.



1942

Criação do curso de judô feminino.

1943

Minas Tênis Clube é campeão da cidade e do Estado; Futsal do Minas Tênis Clube conquista o 3.º lugar no Campeonato Mineiro; José Bolívar Drummond assume a presidência (2.º mandato: 1957-1959).

1944



1945

Moisés Blás conquista o bronze no basquete, nos Jogos Olímpicos de Verão de 1960 (Roma, Itália).



1946

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1947

Criação do Coral do Minas Tênis Clube; Vôlei feminino do Minas conquista o título de Clubes Campeões do Brasil.



1948

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1949

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1950

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1951

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1952

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1953

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1954

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1955

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1956

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1957

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1958

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1959

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1960

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1961

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1962

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1963

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1964

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1965

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1966

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1967

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1968

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1969

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1970

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1971

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1972

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1973

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1974

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1975

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1976

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1977

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1978

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1979

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1980

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1981

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1982

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1983

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1984

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1985

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1986

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1987

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1988

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1989

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1990

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1991

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1992

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1993

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1994

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1995

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1996

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1997

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1998

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



1999

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2000

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2001

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2002

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2003

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2004

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2005

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2006

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2007

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2008

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2009

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2010

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2011

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2012

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2013

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2014

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2015

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2016

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2017

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2018

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2019

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2020

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2021

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2022

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2023

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2024

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2025

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2026

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas Tênis Clube pela Prefeitura.



2027

Assinatura da escritura pública de doação do terreno da rua da Bahia ao Minas

nos une

“Muito mais do que representar a excelência esportiva e cultural, o Minas Tênis Clube é um símbolo de pertencimento, formação humana e conexão com a cidade. Para a Unimed-BH, fazer parte dessa celebração é motivo de grande honra e orgulho, pois comungamos de uma visão de mundo que valoriza o cuidado integral, reconhece a arte como expressão de saúde e promove o fortalecimento dos vínculos.

Seguimos juntos, inspirados por essa parceria que une tradição e inovação, e que continuará gerando impacto positivo por muitos anos. Que novos capítulos dessa trajetória, construída com propósito e dedicação, continuem a nos inspirar.”

Frederico Peret, diretor-presidente da Unimed-BH



Gestão

Conselho Deliberativo

Presidente de Honra

Enéas Nóbrega de Assis Fonseca *(in memoriam)*

Mesa Diretora

Presidente:

Kouros Monadjemi

Vice-presidente:

Ricardo Vieira Santiago

1.º Secretário:

Murilo Eustáquio Santos Figueiredo

2.º Secretário:

Nelson Baisi Cerqueira

Diretoria

Presidente:

Carlos Henrique Martins Teixeira

Vice-presidente:

Wagner Furtado Veloso

Diretor-secretário:

Paulo Fernando Cintra de Almeida

Diretor-financeiro:

Alexandre Abdala Miranda

Diretores-gerais

André Rocha Baeta

André Rubião Resende

Carlos Ferreira Mascarenhas

Fernando Furtado de Paula Ferreira

Fernando Mauro Zefferino

Frederico Luiz Mascarenhas

José Cláudio Nogueira Vieira

Sérgio Botrel Coutinho

Diretores-adjuntos | Assessores

- Alexandre Azevedo Cunha
- Carlos Antonio da Rocha Azevedo
- Célia Maria de Oliveira
- Elói Lacerda de Oliveira Neto
- Euler Barbosa de Carvalho
- Flávia do Valle Oliveira Andrea
- Gil Marcos de Araújo Silva
- Gustavo Alves Zech Coelho
- Marise Xavier Brandão
- Marques Batista de Abreu
- Mauro Becker Martins Vieira
- Rodrigo Cesar de Moraes Tavares
- Rodrigo Pereira Ribeiro de Oliveira
- Roland Menezes Raad
- Rúbia Márcia Ramos
- Sérgio Olinto Duarte Braga
- Valéria Fernandez Borges Dias

Comissão Fiscal

Efetivos:

- Carlos Alberto Horta de Resende
- Hugo Reis Gama
- Arão Levcovitz

Suplentes:

- Dario Durso
- José Carlos Bicalho

Superintendente Executivo

- Yuri Costa Dolabella



Fotomontagem com todos os presidentes do Minas Tênis Clube, em 2025. **Foto:** Assessoria de Comunicação do Minas Tênis Clube



Agradecimentos

O nosso reconhecimento a todos que colaboraram na produção desta obra. O empenho, a dedicação e o profissionalismo de cada um foram fundamentais para dar forma a este registro, que preserva e valoriza a trajetória do Minas Tênis Clube.



Fontes

Bibliografia

A PRAÇA de esportes do Minas Tênis Clube. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 26 nov. 1937, p. 4.

A PRAÇA de esportes. *Revista do Minas Tênis Clube*, Belo Horizonte, ano 4, n. 43, p. 5, nov. 1978.

ADEUS, Palhano Júnior. *Primeira Linha*, Belo Horizonte, 31 ago. 2020. Disponível em: <https://revistaprimeiralinhabh.com.br/creme-de-la-creme/creme-de-la-creme/>. Acesso em: 29 out. 2025.

ADEUS, professor Macedo. *Jornal do Minas Tênis Clube*, Belo Horizonte, n. 68, p. 6, dez. 1980.

AILTON Krenak fala sobre “recursos naturais” e “sustentabilidade”. *Ormando zhiOmn*, 21 nov. 2018. Disponível em: <https://medium.com/ormando/ailton-krenak-fala-sobre-recursos-naturais-e-sustentabilidade-4d23bf074456>. Acesso em: 29 out. 2025.

ARISTÓTELES. *Categorias*. Tradução de P. Gomes. Lisboa: Imprensa Nacional: Casa da Moeda, 2005.

ÁVILA, Cristina; MIRANDA, Katia. *Minas Tênis Clube*: tradição e modernidade. Belo Horizonte: Minas Tênis Clube, 1999.

BARRETO, Abílio. *Resumo histórico de Belo Horizonte (1701-1947)*. Belo Horizonte: Imprensa Oficial, 1950.

BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*: fatos e mitos. Tradução de Sérgio Milliet. 4. ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1980.

BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Relatório apresentado a S. Ex. o Sr. Governador Benedito Valladares Ribeiro pelo prefeito Octacílio Negrão de Lima e relativo ao período administrativo de 1935-1936*. Bello Horizonte: Imprensa Oficial, 1937.

BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Relatório apresentado ao S. Ex. o Sr. Governador Benedito Valladares Ribeiro pelo prefeito de Bello Horizonte, Octacílio Negrão de Lima e relativo ao período administrativo de 1935-1936*. Bello Horizonte: Imprensa Oficial, 1937. p. 61-63.

BELLO HORIZONTE. Prefeitura Municipal. *Relatório de 1937 apresentado a S. Excia. o Sr. Governador Benedito Valladares Ribeiro pelo prefeito de Bello Horizonte, Octacílio Negrão de Lima*. Bello Horizonte: Graphica Queiroz Breyner Ltda., 1938. p. 24.

BRASIL. Decreto-lei n. 3.199, de 14 de abril de 1941. Estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país. *Coleção das Leis da República dos Estados Unidos do Brasil*, Rio de Janeiro, v. 3, p. 47-54, 1941.

BRASIL. Lei n. 14.597, de 14 de junho de 2023. Institui a Lei Geral do Esporte. *Diário Oficial da União*, Brasília, DF, seção 1, ed. 112, p. 6, 15 jun. 2023.

CAIS, Daniela. Regenerar: as narrativas para futuros saudáveis. *O Futuro das Coisas*, 20 jun. 2025. Disponível em: <https://ofuturodascoisas.com/regenerar-as-narrativos-para-futuros-saudaveis/>. Acesso em: 7 nov. 2025.

CALEGARI, Lizandro Carlos. Do social ao estético: notas sobre “Hilda Furacão”, de Roberto Drummond. *Letras*, Santa Maria, n. 38, p. 101-115, 2009. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/letras/article/view/11998>. Acesso em: 29 out. 2025.

CAMPOS, Paulo Mendes. *Belo Horizonte de Curral del-Rei à Pampulha*. Belo Horizonte: Centrais Elétricas de Minas Gerais, 1982.

CARVALHO, Sandra. Década de 1930: um período de transição. *Diário do Comércio*, Belo Horizonte, 5 jul. 2022. Disponível em: <https://90anos.diariodocomercio.com.br/materias-90/decada-de-1930-um-periodo-de-transicao/>. Acesso em: 29 out. 2025.

CASSESE, Patrícia. Morre o produtor cultural mineiro Palhano Júnior. *O Tempo*, 18 ago. 2020. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/entretenimento/morre-o-produtor-cultural-mineiro-palhano-junior-1.2373939>. Acesso em: 29 out. 2025.

CELEBRAR a década. Minas Tennis Clube, Belo Horizonte, 30 nov. 2023. Disponível em: <https://minastenisclube.com.br/noticias/cultura-dez-anos-do-centro-cultural/>. Acesso em: 29 out. 2025.

CERVANTES, Miguel de. *Dom Quixote de la Mancha*. Tradução de Viscondes de Castilho e Azevedo. São Paulo: Nova Cultural, 2002.

CORREIO PAULISTANO. São Paulo, 14 dez. 1938.

CRUZ, Mária Maria. Projeto Encontro Marcado recupera declaração de amor de Sabino a BH. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, 21 dez. 2019. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2019/12/21/interna_gerais.1109817/projeto-encontro-marcado-recupera-declaracao-de-amor-de-sabino-a-bh-c.shtml. Acesso em: 29 out. 2025.

DAVIS, Angela. *Mulheres, raça e classe*. Rio de Janeiro: Boitempo, 2016.

DE MASI, Domenico. *O ócio criativo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

DEODATO, Alberto. *Minas Tênis Clube*. Belo Horizonte, ano I, n. 2, p. 6, jun. 1975.

FERNANDES JÚNIOR, Ottoni. Kofi Annan: mudança para enfrentar novas ameaças. *Desafios do Desenvolvimento*, São Paulo, ano 1, n. 1, 1.º ago. 2004. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/desafios/index.php?option=com_content&view=article&id=1311:entrevistas-materias&Itemid=41. Acesso em: 29 out. 2025.

FRANCISCO FILHO, José. *Pelé do vôlei* – superação no esporte e na vida: uma autobiografia. Belo Horizonte: Ed. do autor, 2024.

GUILHERME, Carlos Eduardo. *Ao mestre, com carinho*. Centro de Memória do Minas Tênis Clube, Belo Horizonte: 2017.

HUIZINGA, Johan. *Homo ludens*: o jogo como elemento da cultura. Tradução de João Paulo Monteiro. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 1980.

IANNI, Octávio. *Estado e planejamento econômico do Brasil*: 1930-1970. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GOVERNANÇA CORPORATIVA. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://ibgc.org.br/>. Acesso em: 8 nov. 2025.

INTERNATIONAL FINANCE CORPORATION. *Who cares wins*: connecting financial markets to a changing world. [S.l.]: IFC, 2004-2008. Disponível em: www.ifc.org/sustainableinvesting. Acesso em: 28 dez. 2024.

JORNAL DO MINAS. Edição especial: *Plano Diretor do Minas I*, nov. 1999.

MANHÃES, Eduardo Dias. *Política de esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

MCKEE, Robert. *Story*: substância, estrutura, estilo e os princípios da escrita de roteiro. Curitiba: Arte e Letra, 2006.

MINAS TÊNIS CLUBE. *70 anos*. Belo Horizonte: Lastro, 2005.

MINAS TÊNIS CLUBE. *80 anos de tradição e glórias*. São Paulo: BB Editora, 2015.

MINAS TÊNIS CLUBE. *Acervo expositivo*: Minas Tênis Clube – várias histórias. Belo Horizonte, 2013.

MINAS TÊNIS CLUBE. *Estatuto*. Aprovado em Assembleia Geral da fundação em 15 nov. 1935. Última alteração em Assembleia Geral Extraordinária em 21 dez. 2021. Belo Horizonte, 2021.

MINAS TÊNIS CLUBE. *O Minas no coração*: a história do Minas Tênis Clube contada por seus personagens em crônicas do cotidiano. Organização e edição de Cláudia Leal Viana. Belo Horizonte, nov. 2008.

MINAS TÊNIS CLUBE. Regulamentação Geral da Eleição da Diretoria e Comissão Fiscal. *Resolução RC2502*, Belo Horizonte, 4 ago. 2025.

MINAS TÊNIS CLUBE. *Relatório anual 2024*. Belo Horizonte, 2024.

MUSEU DA PESSOA. *O que é*. São Paulo, 2025. Disponível em: <https://museudapessoa.org/sobre/o-que-e/>. Acesso em: 7 nov. 2025.

NAVA, Pedro. *Balão cativo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

OLIVEIRA, Genival Santos de. Desconstruindo o feminismo: uma análise reflexiva de “O segundo sexo” de Simone de Beauvoir. *Revista Cactácea: Educação e Filosofia*, v. 4, n. 12, nov. 2024. Disponível em: <https://rgt.ifsp.edu.br/ojs/index.php/revistacactacea/article/view/128/137>. Acesso em: 29 out. 2025.

OLIVEIRA, Maria Victória. “Temos que ter a coragem de ouvir a Terra”, afirma Ailton Krenak. *Casa Comum*, 17 set. 2024. Disponível em: <https://revistacasacomum.com.br/temos-que-ter-a-coragem-de-ouvir-a-terra-afirma-ailton-krenak/>. Acesso em: 29 out. 2025.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. [S.l.]: ONU, 1948. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/declaracao-universal-dos-direitos-humanos>. Acesso em: 29 out. 2025.

PANDEMIA, novas reflexões. Entrevista com Giorgio Agamben. *Revista IHU On-Line*, São Leopoldo, 23 abr. 2020. Disponível em: <https://ihu.unisinos.br/598295-pandemia-novas-reflexoes-entrevista-com-giorgio-agamben>. Acesso em: 29 out. 2025.

PATOU-MATHIS, Marylène. *L’homme préhistorique est aussi une femme*: une histoire de l’invisibilité des femmes. Paris: Allary Éditions, 2020.

PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934.

POUCO antes de morrer, Sebastião Salgado falou sobre o futuro da fotografia na era da Inteligência Artificial. *Revista Carta Capital*, 27 maio 2025. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/sociedade/pouco-antes-de-morrer-sebastiao-salgado-falou-sobre-o-futuro-da-fotografia-na-era-da-inteligencia-artificial/>. Acesso em: 29 out. 2025.

RASO, Sylvio. *Relatório anual de voleibol do Minas Tênis Clube*. Belo Horizonte: Minas Tênis Clube, 1940.

REBÊLO, Marques. *Instantâneos do sócio número...* Belo Horizonte, [s.n.], jul. 1941.

ROCHA, Tião. Afinal, o que é ser mineiro? *Centro Popular de Cultura e Desenvolvimento*, [20–]. Disponível em: <https://cpcd.org.br/portfolio/afinal-o-que-e-ser-mineiro/>. Acesso em: 26 jan. 2025.

RODRIGUES, Marilita Aparecida Arantes. *Constituição do sentido moderno de esporte*: pelas trilhas históricas do Minas Tênis Clube. 1996. Dissertação (Mestrado) – Escola de Educação Física, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1996.

ROSA, João Guimarães. *Grande sertão*: veredas. Rio de Janeiro: José Olympio, 1956.

RUSHDIE, Salman. *Haroun and the sea of stories*. London: Granta Books, 1990.

SALLES PEREIRA, Waldomiro. *Carta aberta aos conselheiros e sócios do Minas Tênis Clube*. Belo Horizonte, maio 1994. 2 p. Mimeografado. Arquivo pessoal de Waldomiro Salles.

SHIRTS, Matthew. *120 crônicas do Esporte Clube Pinheiros*. São Paulo: Coan Indústria Gráfica, 2019.

TAVARES, Evaldo. *Origens do Minas Tênis Clube*. [S.l.], 1995. Mimeografado. Arquivo pessoal de Evaldo Tavares.

TEIXEIRA, Carlos Henrique Martins. Apresentação do presidente do Minas Tênis Clube. *In*: MINAS TÊNIS CLUBE. *Relatório Anual 2024*. Belo Horizonte: Minas Tênis Clube, 2024. p. 5.

TRADIÇÃO e modernidade: Minas comemora 84 anos como referência nacional no segmento de clubes. *Revista do Minas*, Belo Horizonte, p. 10-11, nov. 2019.

UM ESPETÁCULO maravilhoso. *Estado de Minas*, Belo Horizonte, p. 7, mar. 1979.

UMA GERAÇÃO de campeões. *Minas Tênis Clube*, Belo Horizonte, n. 2, p. 24-26, out./nov. 1993.

Depoimentos

BLÁS, Moysés. Depoimento oral. Belo Horizonte, 29 mar. 2007. Projeto Memória Oral 2007. Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Código: MTCi-001772.

CASTRO, Yara Maria Ribas de. Depoimento oral. Belo Horizonte, 15 mar. 2007. Projeto Memória Oral 2007. Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Código: MTCi-001786.

CERQUEIRA, Cícero. Depoimento oral. *Jornal do Minas*, Belo Horizonte, n. 5, p. 4, set. 1975.

CORRÊA, Itália Terezinha Vilani. Depoimento oral. Belo Horizonte, 14 mar. 2007. Projeto Memória Oral Minas Tênis Clube. Código: MTCi-001754.

CORRÊA JÚNIOR, Oscar Dias. Depoimento oral. Belo Horizonte, 8 ago. 2022. Projeto Memória em Cena 2022. Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Código: MTCi-001714 MTCfl/DIR/000006.

DRUMMOND, José Bolívar. Depoimento oral. Belo Horizonte, 28 set. 1994. Roteiro, entrevista e transcrição: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.

DUTRA, Herbert de Almeida. Depoimento oral. Belo Horizonte, 27 abr. 1994. Roteiro, entrevista e transcrição: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.

FRANCISCO FILHO, José. Depoimento oral. Belo Horizonte, 6 jun. 2022. Projeto Memória em Cena 2022. Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Código: MTCi-001720 MTCfl/VOM/000003.

GAMA, Lélia Vidal Gomes da. Depoimento oral. Belo Horizonte, 20 jul. 1998. Acervo Histórico do Minas Tênis Clube. Especial para o livro *Minas Tênis Clube*: tradição e modernidade, de Cristina Ávila e Katia Miranda, 1999.

GONTIJO, Paulo Macedo. Depoimento oral. Belo Horizonte, 11 ago. 1994. Roteiro, entrevista e transcrição: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.

MACEDO, Hélcio Nunam. Depoimento oral. Belo Horizonte, 26 out. 1994. Roteiro, entrevista e transcrição: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.

MACEDO, Hélcio Nunam. Depoimento oral. Belo Horizonte, 23 fev. 2007. Projeto Memória Oral. Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Código: MTCi-001749.

MARTINS, Marta Miráglia. Depoimento oral. Belo Horizonte, 12 mar. 2007. Projeto Memória Oral 2007. Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Código: MTCi-001771.

MASCARENHAS, Pacífico. Depoimento oral. Belo Horizonte, 15 jul. 1998. Acervo Histórico do Minas Tênis Clube. Especial para o livro *Minas Tênis Clube*: tradição e modernidade, de Cristina Ávila e Katia Miranda, 1999.

MASCARENHAS, Pacífico. Depoimento oral. Belo Horizonte, 21 mar. 2007. Projeto Memória Oral Minas Tênis Clube. Código: MTCi-001776.

MEINBERG, Lisete. Depoimento oral. Belo Horizonte, 14 jul. 1998. Acervo Histórico do Minas Tênis Clube. Roteiro: Cristina Ávila e Katia Miranda; entrevista e transcrição: Katia Miranda.

MENDES, Sânzio Valle. Depoimento oral. Belo Horizonte, 26 out. 1994. Roteiro, entrevista e transcrição: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.

MENDES, Sânzio Valle. Depoimento oral. Belo Horizonte, 15 fev. 2007. Projeto Memória Oral. Entrevista: Mariana Pimenta. Acervo Histórico do Minas Tênis Clube.

MONADJEMI, Kouros. Depoimento oral. Belo Horizonte, fev. 1998. *Jornal do Minas Tênis Clube*.

MONADJEMI, Kouros. Depoimento oral. Belo Horizonte, 9 ago. 2007. Projeto Memória Oral. Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Código: MTCi-001789.

MONADJEMI, Kouros. Depoimento oral. Belo Horizonte, 22 ago. 2022. Projeto Memória em Cena. Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Código: MTCi-001713 MTCfl/DIR/000004.

PÁDUA, João Lima. Depoimento oral. Rio de Janeiro, 20 set. 1994. Roteiro, entrevista e transcrição: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.

PASSOS, Abraão da Silva. Depoimento oral. Belo Horizonte, 28 nov. 1994. Roteiro, entrevista e transcrição: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.

PASSOS, Abraão da Silva. Depoimento oral. Belo Horizonte, 12 fev. 2007. Projeto Memória Oral. Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Código: MTCi-0001737.

PAVAN, Fernando. Depoimento oral. Belo Horizonte, 18 nov. 1994. Roteiro, entrevista e transcrição: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.

PAVAN, Fernando. Depoimento oral. Belo Horizonte, 14 jul. 1998. Acervo Histórico do Minas Tênis Clube. Roteiro: Cristina Ávila e Katia Miranda; entrevista e transcrição: Katia Miranda.

PIRES, Ariosvaldo Campos. Depoimento oral. Belo Horizonte, 3 fev. 1995. Roteiro, entrevista e transcrição: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.

RABELLO, José Ronald. Depoimento oral. Belo Horizonte, 19 mar. 2007. Projeto Memória Oral. Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Entrevista: Mariana Pimenta. Código: MTCi-001757.

RUBIÃO, Sílvia. Depoimento oral. Belo Horizonte, 23 maio 2022. Projeto Memória em Cena Minas Tênis Clube, Código: MTCi-001731 MTCfl/DIR/000011.

SABINO, Fernando. *O encontro marcado*. Rio de Janeiro: Record, 2023.

SABINO, Gerson. Depoimento oral. Belo Horizonte, 2 jun. 1994. Roteiro, entrevista e transcrição: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.

SANTIAGO, Urbano Brochado. Depoimento oral. Belo Horizonte, 14 jul. 1998. Acervo Histórico do Minas Tênis Clube. Especial para o livro *Minas Tênis Clube*: tradição e modernidade, de Cristina Ávila e Katia Miranda, 1999.

VERSIANI, Sérgio Starling. Depoimento oral. Belo Horizonte, 13 jun. 2022. Projeto Memória em Cena 2022. Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Código: MTCi-001721 MTCfl/DIR/000010.

VIEIRA, Orlando. Depoimento oral. Belo Horizonte, 15 jul. 1994. Roteiro, entrevista e transcrição: Marilita Aparecida Arantes Rodrigues.



Ficha Técnica

© Minas Tênis Clube, 2025

Depósito legal realizado conforme Lei n. 10.994/2004

Realização:

Minas Tênis Clube

Autoria e pesquisa histórica:

Júnia Carvalho

Pesquisa iconográfica:

Gabriel Pinheiro • Zéu Coscarelli

Revisão textual:

Claudine Andrada • Renilda Figueiredo

Revisão técnica (História):

Rafael Leite

Projeto gráfico:

Zéu Coscarelli • Beto Guima (Coletivo É! Comunicação)

Diagramação, design da capa e infográfico:

Zéu Coscarelli (Coletivo É! Comunicação)

Fotografia contemporânea:

*Alessandra Torres • Bianca Aun • Cássia Cinque • Hedgard Moraes • Magê Monteiro
Orlando Bento • Pedro Gravatá*

Iconografia e créditos de imagens:

*Alessandra Torres • Bruno Roberto Martins da Costa • Câncio de Oliveira • Carol Reis
Cássia Cinque • Fox Fotografias • Hedgard Moraes • João Lúcio Mello
Luiz Guilherme Passaglia • Magê Monteiro • Orlando Bento • Pedro Gravatá • Pedro Nicoli
Ramon Bitencourt • Ricardo Bufolin/CBG • Sâmara Oliveira • Soraya Ursini • Victor Schuwaner*

Produção executiva:

Juliana Araújo • Gabriel Pinheiro • Thiago Rangel

Acompanhamento editorial:

18 Comunicação

Agradecimentos / Patrocínios / Apoios:

Unimed-BH • CDL/BH • Estapar

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Carvalho, Júnia	
Minas Tênis Clube : 90 anos de história /	
Júnia Carvalho. -- 1. ed. -- Belo Horizonte, MG :	
Ed. da Autora, 2025.	
ISBN 978-65-01-58321-1	
1. Minas Tênis Clube - História 2. Tênis	
3. Tênis - Treinamento I. Título.	
25-286182	CDD-796.342

Índices para catálogo sistemático:

1. Minas Tênis Clube : História 796.342

Aline Graziele Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Nota para impressão do livro:

Este livro foi impresso em novembro de 2025, em Belo Horizonte, Minas Gerais, pela Gráfica Formato, em *off-set*, com miolo em papel couché fosco 150 g/m², 228 páginas, usando fontes das famílias Roboto, Bree e Farmhouse.

Tem formato 30 × 32 cm, em capa dura e sobrecapa com acabamento em *hot stamping*, relevo seco e laminação fosca. Tiragem de 1.000 exemplares.



